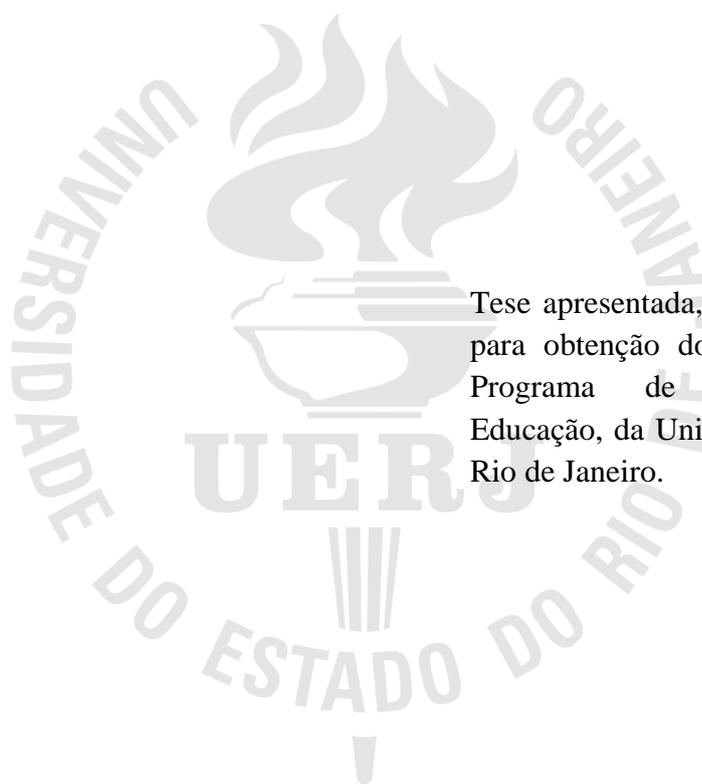


Miryam Bonadiu Pelosi

Inclusão e tecnologia assistiva
Volume II - Anexos



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes

Rio de Janeiro

2008

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
A EDUCAÇÃO	20
Exclusão, Integração e Inclusão	20
Os números da deficiência no Brasil	22
A Educação dos alunos com necessidades educacionais especiais no município do Rio de Janeiro	24
A estrutura do Instituto Helena Antipoff	24
A ESCOLA INCLUSIVA	26
Os pressupostos da escola inclusiva	26
O que dizem as leis	27
Estudos sobre inclusão	28
Formação, informação e apoio aos educadores	33
Estudos realizados sobre formação de professores	36
ACESSO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA ÀS ESCOLAS REGULARES	38
Deficiência física e Tecnologia Assistiva	38
A Comunicação Alternativa e Ampliada	40
Estudos sobre Tecnologia Assistiva	43
A SAÚDE	46
O serviço de Terapia Ocupacional na Secretaria Municipal de saúde da cidade do Rio de Janeiro	46
Parceria entre os professores e os terapeutas ocupacionais	47
O terapeuta ocupacional e a Tecnologia Assistiva	48
O ESTUDO	50
Estudo I – Os terapeutas ocupacionais das Unidades de Saúde do município do Rio de Janeiro e suas ações na área de Tecnologia Assistiva	60
<u>Estudo I – Etapa 1 – Caracterização dos terapeutas ocupacionais</u>	60
Objetivo	60
Participantes	61
Local e Instrumentos	61
Procedimentos gerais	61
Procedimentos específicos	62

Resultados	62
Discussão.....	64
<u>Estudo I – Etapa 2 – Análise da formação em serviço dos terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos através de um curso</u>	66
Objetivo	66
Participantes	66
Local e Instrumentos	66
Procedimentos gerais	67
Procedimentos específicos	68
Resultados	69
Resultados do pré-teste	69
Avaliação do conteúdo do curso	70
Avaliação da professora/pesquisadora e do curso	70
Discussão.....	71
<u>Estudo I – Etapa 3 – Análise da supervisão para os terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos que trabalhavam nas Unidade de Saúde que atendiam crianças em idade escolar</u>	73
Objetivo	73
Participantes	73
Local e Instrumentos	73
Procedimentos gerais	74
Procedimentos específicos	75
Resultados	76
As Unidades de Saúde	76
Participação das Unidades de Saúde	77
Conhecimento dos participantes após o término da supervisão – 2ª etapa de formação	79
Discussão.....	81
Considerações sobre o Estudo I.....	83
Estudo II – Caracterização dos professores itinerantes, suas ações na área de tecnologia assistiva e caracterização dos alunos acompanhados por esses professores	84
<u>Estudo II – Etapa 1 – Caracterização dos professores itinerantes</u>	85
Objetivo	85
Participantes	85
Local e Instrumentos	86
Procedimentos gerais	86

Procedimentos específicos	86
Resultados	87
Os professores itinerantes	87
Discussão.....	88
O professor itinerante e a Tecnologia Assistiva	89
Parceria dos professores itinerantes com os profissionais da Saúde	90
<u>Estudo II – Etapa 2 – Análise da formação dos professores itinerantes através de um curso de 40 horas na área de Tecnologia Assistiva</u>	92
Objetivo	92
Participantes	92
Local e Instrumentos	92
Procedimentos gerais	93
Procedimentos específicos	94
Resultados	94
Avaliação do curso e do professor	94
Parceria com os profissionais da Saúde e inclusão escolar	97
Preparação para a ação conjunta	97
<u>Estudo II – Etapa 3 – Análise da formação dos professores itinerantes através de supervisões na área de Tecnologia Assistiva</u>	98
Objetivo	98
Participantes	98
Local e Instrumentos	98
Procedimentos gerais	99
Procedimentos específicos	99
Resultados	100
A supervisão	100
Conhecendo sobre a construção de pranchas de comunicação	102
Outros aspectos discutidos pelo grupo	102
Parcerias com profissionais da Saúde e inclusão escolar	105
Preparação para a ação conjunta	105
Discussão	105
<u>Estudo II – Etapa 4 – Análise da formação dos professores itinerantes através de supervisões na área de Tecnologia Assistiva</u>	107
Objetivo	107
Participantes	108

Local e Instrumentos	108
Procedimentos gerais	108
Resultados	109
Os alunos	109
A escola	110
Discussão.....	112
Considerações sobre o Estudo II.....	113
Formação continuada.....	113
Estudo III – A inclusão de alunos com quadro de paralisia cerebral nas escolas públicas do município do Rio de Janeiro facilitadas pelas ações conjuntas dos profissionais da Saúde e da Educação.....	115
<u>Objetivo</u>	116
<u>Participantes</u>	116
<u>Local e Instrumentos</u>	117
<u>Procedimentos gerais</u>	118
<u>Procedimentos específicos</u>	119
<u>Resultados</u>	119
Características das crianças incluídas	119
Características das escolas	121
Atendimentos e transporte	122
Acompanhamento do professor itinerante	123
O trabalho desenvolvido	123
Recursos e estratégias	124
Treinamento, complementação e avaliação dos recursos implementados	129
As supervisões fora do ambiente escolar	130
O que havia modificado ao término do ano letivo	131
Parceria da Saúde com a Educação	134
Avaliação das supervisões	135
Considerações sobre o Estudo III	136
Os personagens	136
INCLUSÃO E TECNOLOGIA ASSISTIVA	139
O Estudo: Inclusão e Tecnologia Assistiva	140
<u>O perfil dos profissionais e alunos.....</u>	141
Os terapeutas ocupacionais	141

Os alunos incluídos	142
Os professores itinerantes	143
Formação em serviço	144
Considerações sobre o professor itinerante	148
<u>As equipes de apoio e suas ações nas escolas inclusivas</u>	150
<u>Considerações sobre o Estudo Inclusão e Tecnologia Assistiva</u>	156
<u>Considerações finais</u>	159
<u>Recomendações do grupo de pesquisa</u>	160
Saúde	160
Educação	161
Inclusão	162
<u>Considerações sobre a metodologia e novas pesquisas</u>	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164
BIBLIOGRAFIA	176

LISTA DE ANEXOS

ESTUDO I

1.	Leis e documentos sobre a inclusão	09
2.	Autorização da pesquisa concedida pela Secretaria Municipal de Saúde	16
3.	Autorização da pesquisa concedida pela Secretaria Municipal de Educação	17
4.	Quadro 1 - Etapas do desenvolvimento do Estudo	18
5.	Instrumento 1 - Questionário enviado aos terapeutas ocupacionais	19
6.	Tabela 1 - Resultado do Instrumento 1 – Avaliação sobre o conhecimento da área de Tecnologia Assistiva	28
7.	Instrumento 2 – Avaliação do conhecimento dos terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos para a organização do curso	29
8.	Instrumento 3 - Avaliação do conteúdo do curso realizado aos terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos	37
9.	Instrumento 4 - Avaliação do curso e do professor	39
10.	Quadro 2 - Conteúdo trabalhado no curso de formação dos profissionais de saúde	41
11.	Tabela 2 - Conhecimento inicial dos profissionais da saúde em relação à tecnologia assistiva	42
12.	Instrumento 5 - Roteiro de entrevista às Unidades de Saúde do Município	44
13.	Quadro 3 - Síntese dos resultados da entrevista coletiva às Unidades de Saúde do Município	45
14.	Instrumento 6 – O que vocês fizeram na sua Unidade de Saúde em relação a tecnologia assistiva	48
15.	Instrumento 7 - Ações realizadas nas Unidades de Saúde na área de Comunicação Alternativa	49
16.	Quadro 4 - Síntese das Supervisões da Saúde	51
17.	Quadro 5 - Evolução do trabalho da Saúde na área de CAA ao longo do 1º ano de trabalho	58
18.	Quadro 6 - Conteúdo trabalhado em cada supervisão a partir da demanda do grupo	62
19.	Tabela 3 - Conhecimento inicial e final dos profissionais da saúde em relação à tecnologia assistiva	63
20.	Quadro 7 – O que pensam as Unidades de saúde sobre o trabalho conjunto com os professores do município	67
21.	Quadro 8 – Correspondência entre as Unidades de Saúde e as CREs	68

ESTUDO II

22.	Instrumento 8 – Questionário inicial encaminhado aos professores participantes do curso de formação e supervisão	69
23.	Tabela 4 – Atividades desempenhadas pelos professores itinerantes	75
24.	Quadro 9 – Ações realizadas pelos professores itinerantes	76
25.	Tabela 5 – Conhecimento inicial dos participantes do curso – Estudo II – Etapa 2 – Pré-teste	77
26.	Instrumento 9 – Questionário final dos professores	78
27.	Tabela 6 – Utilização dos recursos de TA – Estudo II – Etapa 2 – Pré-teste e Pós-teste	81
28.	Tabela 7 – Conhecimento inicial e final dos participantes do curso – Estudo II – Etapa 2 - Pré-teste e Pós-teste	82
29.	Quadro 10 – Síntese das supervisões da Educação nos meses de março a novembro – Estudo II – Etapa 3	83
30.	Tabela 8 - Conhecimento inicial dos participantes da supervisão – Estudo II - Etapa 3 - Pré-teste	88
31.	Tabela 9 – Utilização dos recursos de TA no Estudo II – Etapa 3 - Pré-teste e Pós-teste	89
32.	Tabela 10 - Conhecimento inicial e final dos participantes da supervisão – Pré-teste e Pós-teste	90
33.	Instrumento 10 – Caracterização dos alunos com necessidades especiais acompanhados na rede municipal	91
34.	Figura 1 – Idade dos alunos	92
35.	Tabela 11 – Distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais nas séries do Ensino Fundamental	93
36.	Figura 2 – Frequência do acompanhamento	94
37.	Figura 3 – Diagnóstico dos alunos	95
38.	Figura 4 – Possibilidade de locomoção	96
39.	Figura 5 – Manutenção da postura sentada	97
40.	Figura 6 - Possibilidades de comunicação oral	98
41.	Figura 7 – Possibilidade de escrita	99
42.	Figura 8 - Domínio da leitura/escrita	100
43.	Figura 9 – Tipo de escola freqüentada pelos alunos	101
44.	Tabela 12 – Escolas onde os alunos com necessidades especiais estavam incluídos .	102
45.	Figura 10 - Percentual de escolas com computador	105
46.	Figura 11 – Local dos computadores	106

ESTUDO III

47.	Instrumento 11 – Questionário inicial aos professores itinerantes e profissionais da saúde – Estudo III	107
48.	Instrumento 12 – Questionário inicial aos professores de aulas complementares – Estudo III	112
49.	Instrumento 13 – Questionário aos diretores das escolas – Estudo III	114
50.	Instrumento 14 – Entrevista aos familiares e professora de turma	115
51.	Instrumento 15 – Entrevista de <i>follow up</i>	116
52.	Quadro 11 – Calendário do Estudo III	117
53.	Quadro 12 – Trabalho desenvolvido com o grupo de supervisão	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas do desenvolvimento do Estudo	18
Quadro 2 - Conteúdo trabalhado em cada supervisão a partir da demanda do grupo..	41
Quadro 3 - Síntese dos resultados da entrevista coletiva às Unidades de Saúde	45
Quadro 4 – Síntese das supervisões da Saúde	51
Quadro 5 - Evolução do trabalho da Saúde na área de CAA ao longo do 1º ano de trabalho	58
Quadro 6 – Conteúdo trabalhado em cada supervisão de Saúde	62
Quadro 7 - O que pensam as Unidades de saúde sobre o trabalho conjunto com os professores do município	67
Quadro 8 - Correspondência entre as Unidades de Saúde e as CREs	68
Quadro 9 - Ações realizadas pelos professores itinerantes	76
Quadro 10 - Síntese das supervisões da Educação nos meses de março a novembro – Estudo II – Etapa 3	83
Quadro 11 - Calendário do Estudo III	107
Quadro 12 - Trabalho desenvolvido com o grupo de supervisão	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado do Instrumento 1 – Avaliação sobre o conhecimento da área de Tecnologia Assistiva	28
Tabela 2 – Conhecimento inicial dos profissionais da saúde em relação à tecnologia assistiva	42
Tabela 3 – Conhecimento inicial e final dos profissionais da saúde em relação à tecnologia assistiva	63
Tabela 4 – Atividades desempenhadas pelos professores itinerantes	75
Tabela 5 – Conhecimento inicial dos participantes do curso – Estudo II – Etapa 2 – Pré-teste	77
Tabela 6 – Utilização dos recursos de TA – Estudo II – Etapa 2 – Pré-teste e Pós-teste.	81
Tabela 7 – Conhecimento inicial e final dos participantes do curso – Estudo II – Etapa 2 - Pré-teste e Pós-teste	82
Tabela 8 – Conhecimento inicial dos participantes da supervisão – Estudo II Etapa 3 - Pré-teste	88
Tabela 9 – Utilização dos recursos de TA no Estudo II – Etapa 3 - Pré-teste e Pós-teste.	89
Tabela 10 – Conhecimento inicial e final dos participantes da supervisão –Pré-teste e Pós-teste	90
Tabela 11 – Distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais nas séries do Ensino Fundamental	93
Tabela 12 – Escolas onde os alunos com necessidades especiais estavam incluídos	102

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Idade dos alunos	92
Figura 2 - Frequência do acompanhamento	94
Figura 3 - Diagnóstico dos alunos	95
Figura 4 - Possibilidade de locomoção das crianças incluídas nas escolas do município.	96
Figura 5 - Manutenção da postura sentada	97
Figura 6 - Possibilidades de comunicação oral	98
Figura 7 - Possibilidade de escrita dos alunos com necessidades educacionais especiais	99
Figura 8 - Domínio da leitura/escrita dos alunos pesquisados	100
Figura 9 - Tipo de escola freqüentada pelos alunos	101
Figura 10 - Percentual de escolas com computador	105
Figura 11 - Local dos computadores	106

ANEXO 1 - Leis e documentos sobre a inclusão

- **Constituição da República Federativa do Brasil de 1998**

A Constituição Federal do Brasil garante o direito à igualdade (Art. 5º), e elege como um dos princípios para a educação, a igualdade de condições de acesso e permanência na escola (Art. 206, inc. I) (BRASIL, 1988, p.117). Garante a educação para todos e o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino” (Art. 208, inc. III) (BRASIL, 1988, p.118).

- **LEI Nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**

A LEI Nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e garante “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996, p. 2) no seu Art.4 do Título III – Do direito à educação e do dever de Educar.

O Capítulo V da LDBEN regulamenta a educação especial e assinala, no Art. 58, de que maneira entende a Educação Especial: “Entende-se por educação especial, para efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, 1996, p.19).

O Art. 58 no parágrafo 1º diz que “haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado na escola regular para atender as peculiaridades da clientela de educação especial” (BRASIL, 1996, p.19).

O Art. 59 assinala, entre outros itens, que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

“I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (BRASIL, 1996, p.19).

ANEXO 1 - Leis e documentos sobre a inclusão

- **Resolução CNE/CEB Nº2 de 11 de setembro de 2001**

A Resolução CNE/CEB Nº2 de 11 de setembro de 2001 (Brasil, 2001a, p.2) que institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, caracteriza como educandos com necessidades especiais aqueles alunos que durante o processo educacional apresentam dificuldades acentuadas de aprendizagem que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares; aqueles que apresentam dificuldades de comunicação e aqueles com altas habilidades.

O Art. 6º da mesma resolução pontua a cooperação da família, dos serviços de Saúde, Assistência Social, Trabalho, Justiça e Esporte além do Ministério Público sempre que necessário para auxiliar na identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos e a tomada de decisões quanto ao atendimento necessário. A escola deve realizar, com assessoramento técnico, avaliação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, contando, para tal, com “a experiência de seu corpo docente, seus diretores, coordenadores, orientadores e supervisores educacionais e o setor responsável pela educação especial do respectivo sistema” (BRASIL, 2001a.p.2).

A Resolução assinala, ainda, que o atendimento dos alunos com necessidades especiais deve ser realizado em classes comuns do ensino regular e que essas escolas da rede regular devem prever e prover na organização das classes comuns professores de classe regular e professores capacitados em educação especial para atender as necessidades dos alunos. Os alunos com necessidades educacionais especiais devem ser distribuídos nas várias classes da série a que pertencem e os currículos devem ser adaptados e flexibilizados. As avaliações devem estar adequadas ao desenvolvimento do aluno que deve ser ensinado com metodologia de ensino e recursos didáticos diferenciados.

A escola deve prover também serviços de apoio pedagógico especializado nas classes comuns com apoio de professor especializado em educação especial, professores intérpretes e profissionais itinerantes. Prevê serviços de apoio em salas de recurso, colaboração com instituições de ensino superior favorecendo condições de reflexão e elaboração teórica da educação inclusiva e a criação de redes de apoio com a participação da família e de outros agentes e recursos da comunidade.

Para a Resolução CNE/CEB Nº2 (2001), as escolas podem criar classes especiais para atendimento, em caráter transitório, de alunos com dificuldades acentuadas de aprendizagem ou condições de comunicação e sinalização diferenciadas e que demandem de ajudas e apoios intensos e contínuos; contudo, esse deve voltar ao atendimento inclusivo sempre que possível.

Para os alunos com necessidades especiais que requeiram atenção individualizada nas atividades de vida autônoma e social, recursos, ajudas, apoios intensos e contínuos bem como adaptações curriculares tão significativas que a escola comum não possa atender, a escola especial está indicada. O atendimento deve ser realizado em caráter transitório e deve ser complementado com serviços da área de Saúde, Trabalho e Assistência Social.

ANEXO 1 - Leis e documentos sobre a inclusão

- **Portal de Ajudas Técnicas – Documento divulgado pela Secretaria de Educação Especial em 2002**

A Secretaria de Educação Especial em 2002 divulgou um documento denominado Portal de Ajudas Técnicas fundamentado no Artigo 208, nos incisos I e III da Constituição da República Federativa do Brasil/1988 que garantem ensino fundamental e gratuito e atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino, na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Artigo 59, inciso I que diz que “os sistemas de ensino assegurarão aos educando com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender as suas necessidades”, e nas Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001a).

Esse documento define ajudas técnicas como os recursos que permitem compensar uma ou mais limitações sensoriais, mentais ou motoras, favorecendo a superação de barreiras para o acesso ao currículo. Segundo o documento o processo de desenvolvimento das ajudas técnicas compreende sete etapas no sentido de buscar soluções de recursos que auxiliem o aprendizado de pessoas com necessidades especiais. A primeira etapa envolve a compreensão da situação do estudante e engloba a identificação de suas necessidades físicas e psicomotoras, a observação da dinâmica do estudante no contexto educacional, o reconhecimento do contexto social e, principalmente, o desejo do aluno; a segunda etapa envolve a busca de idéias com conversas com os usuários, pesquisa de soluções que já existem e a pesquisa de materiais e alternativas de confecção; a terceira etapa é a da escolha da alternativa viável considerando as necessidades do educador, do aluno e a disponibilidades de recursos materiais para a construção do recurso; a quarta etapa está relacionada as especificações do produto que envolvem a forma, o tamanho, cor, textura, etc.; a quinta etapa é a da construção e avaliação do produto na sala de aula; a sexta etapa envolve a avaliação de funcionalidade do produto e a sétima e última etapa compreende a verificação se as condições do aluno se modificaram e se há a necessidade de ajustes.

ANEXO 1 - Leis e documentos sobre a inclusão

- **Decreto Nº. 3.956, de 08 de outubro de 2001**

O Decreto Nº. 3.956, de 08 de outubro de 2001 torna o Brasil signatário da Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Pessoa Portadora de Deficiência, celebrada na Guatemala, reafirmando que:

“As pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que esses direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano” (BRASIL, 2001b, p.2).

No Artigo I desta Convenção são definidos os termos “deficiência” e “discriminação contras as pessoas portadoras de deficiências”. O termo deficiência significa: “uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social” (BRASIL, 2001b, p.3).

O termo “discriminação” é definido como:

“Toda diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, antecedente de deficiência, conseqüência de deficiência anterior ou percepção de deficiência presente ou passada, que tenha o efeito ou propósito de impedir ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício por parte das pessoas portadoras de deficiência de seus direitos humanos e suas liberdades fundamentais” (BRASIL, 2001b, p.3).

ANEXO 1 - Leis e documentos sobre a inclusão

- **Documento: “O Acesso dos alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular” publicado pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão em parceria com a Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva em 2004**

A publicação contém uma análise da legislação relacionada à educação especial e orientações pedagógicas que discutem a prática dos educadores.

Considerando o Art. 208, inc. III, da Constituição da República Federativa do Brasil que trata sobre o: “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino” o documento sinaliza que o advérbio “preferencialmente” traz algumas questões de interpretação. O atendimento educacional especializado é entendido como sendo os instrumentos necessários a eliminação das barreiras que as pessoas com necessidades especiais têm para se relacionarem com o ambiente externo como: ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), do código Braille, uso de recursos de informática e outras ferramentas tecnológicas (BRASIL, 2004b, p.8)

Em relação à LEI Nº. 9.394 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e garante “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” no seu Art.4 do Título III – Do direito à educação e do dever de Educar, o documento sinaliza que: “o entendimento equivocado desse dispositivo tem levado à conclusão de que é possível a substituição do ensino regular pelo especial” (BRASIL, 2004b, p.9).

Essa interpretação equivocada confronta-se com o que dispõe a própria LDBEN no Art. 4 citado acima e com o Art. 6º que diz que é dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental. Contrapõe-se, também, com a Constituição Federal (Art. 208, inc. I) que diz: “ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiverem acesso na própria idade” (BRASIL, 1988, p.118).

O Capítulo V da LDBEN regulamenta a educação especial e assinala, no Art. 58, que: “Entende-se por educação especial, para efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”. O documento redigido pela PFDC defende um novo conceito de Educação Especial onde ela não seria mais vista como uma modalidade de ensino que pode substituir os serviços educacionais comuns. A Educação Especial não substituiria a escolaridade comum mesmo para as crianças e adolescentes que apresentam diferenças significativas em relação aos seus pares com a mesma idade cronológica, pois, entende-se que o aluno tem o direito de se beneficiar das classes comuns e aprender conforme a sua possibilidade. (BRASIL, 2004b, p.10).

O documento complementa que: “o direito ao atendimento educacional especializado previsto nos artigos 58, 59 e 60 da LDBEN (Lei 9394/96) e também na Constituição Federal, não

substitui o direito à educação (escolarização) oferecida em classe comum da rede regular de ensino” (BRASIL, 2004b, p.10).

Para o documento redigido pela PFDC (2004), a tendência atual é que o trabalho da Educação Especial seja compreendido como complemento ao ensino regular garantindo a todos os alunos com deficiência o acesso às classes comuns e eliminando as barreiras que impedem a frequência desses alunos.

Esse trabalho é constituído por um conjunto de recursos educacionais e de estratégias de apoio disponibilizadas aos alunos com necessidades educacionais especiais de acordo com as necessidades de cada um.

“O atendimento educacional especializado é uma forma de garantir que sejam reconhecidas e atendidas as particularidades de cada aluno com deficiência. São consideradas matérias do atendimento educacional especializado: Língua brasileira de sinais (Libras); interpretação de Libras; ensino de Língua Portuguesa para surdos; Sistema Braile; orientação e mobilidade; utilização do Soroban; as ajudas técnicas, incluindo informática adaptada; mobilidade e comunicação alternativa/aumentativa; tecnologias assistivas; informática educativa; educação física adaptada; enriquecimento e aprofundamento do repertório de conhecimentos; atividades da vida autônoma e social, entre outras” (BRASIL, 2004b, p.11).

A substituição do ensino de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns do ensino regular, unicamente pelo ensino especial na idade de acesso obrigatório ao Ensino Fundamental, é uma conduta que fere o disposto na Convenção da Guatemala (BRASIL, 2004b).

Por outro lado, o encaminhamento de alunos com necessidades educacionais especiais, que requeiram adaptações curriculares muito significativas, para as escolas e classes especiais não pode ser vista como exclusão ou restrição, mas sim, como diferenciação. A Constituição do Brasil no Artigo 205 diz que: “a educação deve visar o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p.117) e para isso o aluno deve estar em um espaço que favoreça a sua aprendizagem.

ANEXO 1 - Leis e documentos sobre a inclusão

- **Como esses documentos foram compreendidos pelas unidades federativas do Brasil**

Bueno, Ferreira, Baptista, Oliveira, Kassar e Figueiredo (2005) fizeram um estudo a partir dos documentos legais promulgados pelos Conselhos e Secretarias Estaduais de Educação analisando as semelhanças e as diferenças regionais sobre aspectos como: bases legais, princípios e diretrizes; conceituação da educação especial; conceituação do aluno; níveis e ensino abrangidos; estrutura organizacional de atendimento; organização curricular e pedagógica; serviços de apoio; tipos de formação e requisitos para a docência e educação profissional.

Em relação aos princípios e diretrizes:

“Nota-se uma tendência geral de valorização de princípios de uma educação inclusiva, destinada a todos os cidadãos. Para tanto, as referências centrais são, de um lado, as salas comuns das escolas regulares, públicas e gratuitas (embora todas as normas mantenham as indicações de escolas e classes especiais, ainda que em caráter excepcional ou transitório); de outro, a valorização da diferença e da diversidade como essenciais para construção de uma escola democrática”(BUENO ET AL., 2005, p.100).

Quanto aos níveis de ensino abrangidos pela educação especial, o Rio de Janeiro junto com Amapá, Pará, Amazonas, Bahia, Piauí, Sergipe, Maranhão, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul circunscrevem a educação especial à educação básica. Outros estados da federação ampliam até o ensino superior, enquanto outros como o Espírito Santo restringem à educação infantil e ensino fundamental.

Quanto à estrutura organizacional de atendimento o Rio de Janeiro se alinha com São Paulo, Amapá, Amazonas, Pará, Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Piauí, Maranhão, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina deixando claro que: “as classes especiais só são permitidas para alunos que apresentam dificuldades muito acentuadas de aprendizagem vinculadas a quadros patológicos específicos” (BUENO ET AL., 2005, p.103).

Quanto à temporalidade flexível do ano letivo apenas os estados do Rio de Janeiro, Pernambuco, Amazonas e Amapá apresentam essa proposta que prevê que o aluno com necessidades especiais possa concluir o currículo em um tempo maior.

Em relação à terminalidade somente os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará e Piauí regulamentam a terminalidade no processo educacional dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Considerando o processo de avaliação oito estados incluindo o Rio de Janeiro fazem referência aos processos de avaliação diferenciados e 12 incluindo o Rio de Janeiro fazem referência às adaptações e flexibilizações curriculares.

Para a maior parte das unidades da federação os serviços de apoio acontecem através de sala de recursos ou do ensino itinerante. No Rio de Janeiro são consideradas como parte das modalidades de atendimento, incluindo-se dentro delas a classe e a escola especial: “Atendimento Domiciliar, Classe Hospitalar, Centro Integrado de Educação Especial, Ensino com Professor Itinerante, Escola Especial, Oficina Pedagógica, Sala de Estimulação Essencial e Sala de Recursos” (BUENO ET AL., 2005, p.106).

Em relação a outros serviços especializados apenas os estados do Rio Grande do Norte, Piauí e Mato Grosso consideram que o aluno com deficiência, embora integrado no ensino regular deva continuar recebendo atendimento especial, sempre que necessário, por: “psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e fisioterapeuta” (BUENO ET AL., 2005, p.106).

ANEXO 2 – Autorização concedida pela Comissão de Ética para desenvolvimento da pesquisa Secretaria Municipal de Saúde

O projeto foi submetido à apreciação da Coordenadora da Coordenação de Programas de Reabilitação, que aprovou e encaminhou à Comissão de Ética da SMS-RJ, órgão da Coordenadoria de Recursos Humanos. O projeto foi aprovado pela Comissão em 30 de setembro de 2004.

 PREFEITURA
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 2004

AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Sr.(a) Coordenador(a) da EIHACRE

Autorizo Miriam Bonadine Pelezi

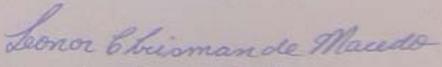
do(a) VERJ

a realizar a pesquisa sobre "Ação Integrada dos Professores Itinerantes e dos Terapeutas Ocupacionais no Processo..."

na(s) Escola(s) EIHA

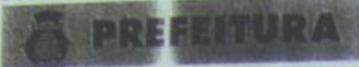
no período de MARÇO ATÉ DEZEMBRO
de 2005, sob a responsabilidade do Professor
Coordenador/Orientador Leila Regina de O. P. Nunes

O Pesquisador se compromete a respeitar a rotina da Escola e a divulgar os resultados da pesquisa, conforme documento anexo.


Leonor Chrisman de Macedo
Assistente E/DGED
Matr. 11/013118-5

ANEXO 3 – Autorizações para realização da pesquisa

Autorização para a pesquisa concedida pela Secretaria Municipal de Educação



SAÚDE
Coordenadoria de Recursos Humanos
Coordenação de Desenvolvimento de Recursos Humanos
Departamento de Intercâmbio Cultural e Desenvolvimento Científico

AUTORIZAÇÃO

À: Coordenação de Programas de Reabilitação.

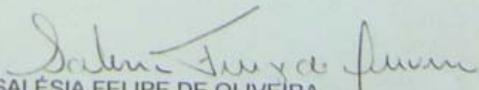
SOLICITANTE: Myrian Bonadiu Pelosi

INSTITUIÇÃO: UERJ.

PROJETO DE PESQUISA: "Ação integrada dos Professores itinerantes e dos Terapeutas Ocupacionais no processo de inclusão escolar – Uma parceria da Secretaria de Educação e da Secretaria de Saúde do Município do Rio de Janeiro "

Autorizamos a pesquisa e solicitamos o repasse dos resultados à
S/CRH/DRH.

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 2004.


SALÉSIA FELIPE DE OLIVEIRA
Diretora
Departamento de Intercâmbio Cultural e Desenvolvimento Científico

ANEXO 4 – Quadro 1 - Etapas do desenvolvimento do Estudo I

ETAPAS	PERÍODOS	FREQUÊNCIA	INSTRUMENTOS
Encaminhamento do projeto para a Coordenadora da Coordenação de Programas de Reabilitação que aprovou e encaminhou à Comissão de Ética da SMS-RJ para aprovação	Fevereiro de 2004 a setembro de 2004	1 encontro	Carta de apresentação Projeto de tese
Apresentação do projeto para os profissionais da saúde da SMS/RJ	09 de setembro de 2004	1 encontro	Projeto da tese
Aprovação do Projeto pela Comissão de Ética	30 de setembro de 2004		
Etapa 1 – Caracterização dos TOs e suas ações na Tecnologia Assistiva	Outubro de 2004 com devolução até março de 2005 (54 questionários)		Instrumento 1- 134 Questionários enviados através do CPR para os TOs.
	1º de abril de 2005		80 questionários reenviados aos TOs através de nova remessa a unidade; envio para a residência através do correio e o envio através de outros profissionais da unidade que estavam participando do Curso de Tecnologia Assistiva
Etapa 2 – Curso de formação	Novembro e dezembro de 2004	12 e 26 de novembro e 3, 10 e 17 de dezembro de 2004 no horário de 8:00 às 17:00 horas Carga horária: 40 horas	Pré-teste: Instrumento 2 “Avaliação do conhecimento dos terapeutas ocupacionais para a organização do curso” Pós-teste com o objetivo de traçar as metas para a supervisão: Instrumento 3 “Avaliação do conteúdo do curso realizado para os terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos”
Etapa 3 – Supervisão	Visitas as Unidades	6 visitas ao longo do mês de fevereiro de 2005.	Instrumento 5 - Pré-teste: Entrevista semi-estruturada Registros da pesquisadora e participantes Instrumento 7 - Pós-teste: Questionário “Ações realizadas nas unidades de saúde na área de CAA”
	Supervisões de março a novembro de 2005	Encontros mensais com a duração de 4 horas cada.	Instrumento 2 - Pós-teste: “Avaliação do conhecimento dos terapeutas ocupacionais para a organização do curso”.

TOs – Terapeutas Ocupacionais

CPR – Coordenação dos Programas de Reabilitação

ANEXO 5 – Instrumento 1 – Questionário enviado aos terapeutas ocupacionais

Projeto de Pesquisa

AÇÃO INTEGRADA DOS PROFESSORES ITINERANTES E DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR- UMA PARCERIA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO¹

Projeto de Pesquisa

PERFIL DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Caro participante,

Esse questionário é comum aos dois projetos de pesquisa e tem por objetivo conhecer e caracterizar os terapeutas ocupacionais atuantes nas unidades municipais de saúde. Neste questionário a Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro será designada por SMS-Rio. Os servidores federais devem considerar a unidade federal de origem quando constar SMS-Rio no enunciado.

Dados Pessoais do Terapeuta Ocupacional:

Nº _____

1-Nome: _____

2-Sexo:____ 3-Idade:_____ 4-Bairro/Cidade em que reside:_____

5-Tel para contato: _____ 6- E-mail: _____

7-Ano de Admissão na SMS-Rio: _____

8-Unidade em que trabalha: _____

9- Você atua em: __ CTI; __ UTI neonatal; __ enfermaria; __ ambulatório;
__ núcleo de reabilitação; __ centro de saúde; __ outros: _____

10-Se necessário especifique o serviço ou setor ao qual está vinculado: _____

11-Há quanto tempo está nesta unidade? _____

12- Em que ano concluiu o curso de graduação? _____ 13. Onde? _____

14-Tem outros cursos de graduação? _____ 15-Quais? _____

16-Está cursando ou já concluiu algum curso de Especialização, Mestrado e/ ou Doutorado?
__ sim; __ não [na resposta negativa, vá para o item 18]

17- Em caso afirmativo, preencha o quadro abaixo:

Curso:	Instituição:	Ano de conclusão:
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

18- Há quantos anos você atua como terapeuta ocupacional? _____

19- Em que áreas de intervenção você atuou antes de sua admissão na SMS-Rio?

¹ Nome inicialmente adotado para o estudo.

20. Assinale os itens que melhor caracterizam a clientela que você atende no momento:

bebês (0 a 1 ano); crianças (2 a 6 anos); crianças (7 a 12 anos);
 adolescentes (13 a 17 anos); adultos (18 a 65 anos); idosos (acima de 65 anos)
 deficiente físico; deficiente mental; deficiente visual; múltipla deficiência;
 transtornos mentais; saúde do trabalhador; geriatria; traumato-ortopedia;
 neurologia; outros: _____

21- Os clientes que você acompanha freqüentam:

escola regular; classe especial em escola regular; sala de recurso;
 escola especial; não freqüentam escola; não sei; outras: _____

22- Assinale os itens que melhor caracterizam a sua clientela quanto à comunicação oral:

fala sem dificuldade; fala poucas palavras; não fala; usa prancha de
comunicação; usa outro recurso para comunicação. Qual? _____

23- Assinale os itens que melhor caracterizam a sua clientela quanto à comunicação escrita?

escreve sem dificuldade; escreve com auxílio de adaptações;
 não é capaz de escrever; não está alfabetizado.

24-Exerce outra atividade, além de terapeuta ocupacional?

sim; não; Qual? _____

25-Além da SMS-Rio, você atua como terapeuta ocupacional em outro local?

sim; não [na resposta negativa, vá para o item 27]

26-Em caso afirmativo, especifique:

instituição particular; outra instituição pública;
 consultório; atendimento domiciliar; unidade ambulatorial;
 hospital geral; centro de saúde; outro (especifique): _____

27-Você está vinculado a algum órgão de classe e/ou associação científica? sim; não

Qual(is)? ATOERJ; ABRATO; SINFITO; Outras (especifique): _____

Projeto de Pesquisa

PERFIL DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DA
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Caro participante,

Esse questionário é parte do projeto de pesquisa que tem por objetivo caracterizar os terapeutas ocupacionais atuantes nas unidades municipais de saúde. As informações coletadas servirão, também, para traçar o perfil da clientela assistida nos serviços de Terapia Ocupacional, assim como as estratégias de intervenção utilizadas no cotidiano das unidades da rede municipal de saúde. Neste questionário a Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro será designada por SMS-Rio.

Na SMS-Rio, os terapeutas ocupacionais atuam em unidades com perfil assistencial bem diverso. Assinale os itens que melhor caracterizam seu trabalho na unidade onde atua no momento.

1. A que Programas da SMS-Rio você está vinculado?

Reabilitação Saúde Mental Hanseníase
 Diabetes Hipertensão Idoso
 Criança Outros (especifique): _____

2. Você dispõe de local específico para realizar seu trabalho? sim; não

3. Como você avalia as condições físicas do local que você dispõe para atendimento em função do trabalho a ser desenvolvido?

adequadas impróprias

4. Quais as modalidades de atendimento que você utiliza?

atendimento individual; atendimento em grupo; atendimento no leito;
 oficina terapêutica; sala de espera; orientação à família; orientação à escola;
 outra(s) (especifique): _____

5. No caso de utilizar algum tipo de atendimento em grupo, descreva as características do grupo (número de participantes, tempo de duração de cada atendimento, como ocorre a formação do grupo): _____

6. Quais os recursos terapêuticos que você utiliza em função da clientela assistida?

- órteses de termomoldáveis; órteses gessadas; adaptações de calçado;
 jogos, brinquedos e brincadeiras; atividades expressivas; atividades artesanais;
 atividades de vida diária (exemplifique): _____
 outros (exemplifique): _____

7. No momento, quantos clientes em média você atende por turno de 4 horas de trabalho?

8. Qual a periodicidade de reuniões da(s) equipe(s) da(s) qual(is) você faz parte ?

- semanais; quinzenais; mensais; eventuais;
 não ocorrem reuniões de equipe; outra (especifique): _____

9. Como você considera a sua relação com a equipe? _____

10. Em sua rotina de trabalho você utiliza algum tipo de avaliação inicial?

- sim; não; Qual? _____

11. Você utiliza alguma forma para registro da evolução?

- sim; não [caso não utilize, vá para o item 13]

12. Em caso afirmativo, qual (ou quais) a(s) forma(s) utilizada(s)?

- registro em prontuário; registro em formulário próprio;
 registro a cada consulta; registro semanal; outros: _____

13. Com quem você troca informações sobre seus clientes?

- familiares; terapeutas ocupacionais da unidade;
 profissionais da escola: () professores itinerantes; () professores de escolas regulares;
() professores de escolas especiais; () outros: _____
 profissionais de saúde da sua equipe. Quais? _____

14. Como você divulga o seu trabalho?

em reuniões de equipe; em grupos de estudo na própria unidade;
 em apresentações nos eventos científicos; outros (especificar) _____

15. Qual o grau de satisfação com o seu trabalho?

ótimo; bom; regular; ruim; péssimo.

16. O que poderia melhorar o seu trabalho? _____

17. Você desenvolve algum projeto específico em sua unidade? Em caso afirmativo descreva sucintamente suas atividades neste projeto. _____

18. Você pretende permanecer na mesma área de atuação? sim; não

Caso pretenda mudar, qual a área em que deseja atuar? _____

19. Considerando o período inicial de sua atuação na SMS-Rio, que pontos favoreceram o desenvolvimento do seu trabalho? _____

20. Considerando o período inicial de sua atuação na SMS-Rio, que aspectos dificultaram o seu trabalho? _____

21. Assinale os eventos dos quais você já participou:

Reuniões do Conselho Distrital; Conferência Distrital de Saúde;
 Conferência Municipal de Saúde; Conferência Estadual de Saúde;
 Conferência Nacional de Saúde

22. Você está realizando ou realizou algum curso nos últimos seis meses?

sim; não; Qual? _____

23. Você participou de algum evento científico nos últimos seis meses?

sim; não; Qual? _____

24. Como você entende o trabalho da Terapia Ocupacional em sua área de atuação?

Acrescente as observações que você considerar necessárias para melhor compreendermos seu trabalho: _____

Faça aqui seus comentários sobre o questionário e sobre o trabalho que estamos desenvolvendo:

Quais as suas sugestões para este trabalho? _____

MUITO OBRIGADA !

Projeto de Pesquisa

ACÇÃO INTEGRADA DOS PROFESSORES ITINERANTES E DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR-UMA PARCERIA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Caro participante,

Esse questionário faz parte de um projeto de formação de terapeutas ocupacionais para o uso da tecnologia assistiva que terá início em novembro de 2004. O principal objetivo do projeto será promover ações integradas da área de saúde e educação no processo de inclusão escolar. Nesse questionário não há respostas certas ou erradas, suas respostas nos ajudarão a organizar o conteúdo do curso de formação.

Obrigada por sua participação,

Miryam Pelosi

A Tecnologia Assistiva engloba áreas como a Comunicação Alternativa e Ampliada, as adaptações de acesso ao computador; equipamentos de auxílio para visão e audição; controle do meio ambiente, adaptação de jogos e brincadeiras; adaptações da postura sentada; mobilidade alternativa; próteses e, a integração dessa tecnologia nos diferentes ambientes como a casa, a escola, a comunidade e o local de trabalho.

O nosso curso será sobre tecnologia assistiva. Para que possamos aprofundar nossos conhecimentos nessa área marque com um < nesse contínuo a região que melhor exprime a forma como você se sente em relação à utilização dos recursos abaixo relacionados ²

Comunicação alternativa:

Recursos de Tecnologia assistiva		
1- Avaliar a criança e determinar o melhor recurso de comunicação alternativa	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas
2- Determinar respostas afirmativas e negativas da criança que não tem comunicação oral	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas
3- Indicação de adaptações para escrita (engrossadores, lápis especiais, órteses)	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas
4- Indicação de acessórios para facilitar o escrever (pulseira de peso, restringidor de ombros, extensor de cotovelo, etc.)	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas
5- Elaboração de pranchas de comunicação	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas
6- Utilização dessas pranchas	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas

Recursos de Tecnologia assistiva		
7- Utilização da prancha como auxiliar no trabalho escolar	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas
8- Adaptação de trabalhos escolares	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas
9- Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita da criança com dificuldade motora	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas
10- Uso de comunicador artesanal em forma de relógio	Com muita segurança _____	Com muitas dúvidas

² Para análise das respostas a barra foi dividida em 10 áreas marcadas a cada meio centímetro. Foi realizado um gabarito com a numeração de 0 a 10 e, desse modo, foram atribuídos valores às respostas dos participantes do estudo.

11- Confecção do acionador em forma de relógio	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
12- Uso de acionador	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
13- Confecção de acionadores artesanais	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
14- Uso de interruptores de pilha	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
15- Confecção de interruptores de pilha	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
16- Uso de comunicadores com voz	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
17- Uso de máquina elétrica	Com muita segurança	Com muitas dúvidas

Acesso ao computador:

Recursos de Tecnologia assistiva

18- Avaliar a criança e determinar a melhor forma de acesso ao computador	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
19- Uso do computador com editor de texto	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
20- Uso do computador com <i>software</i> educativo	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
21- Uso de adaptações para facilitar o teclado como órteses, pulseira de peso, etc.	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
22- Uso de colméia no teclado	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
23- Uso do computador com teclado expandido	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
24- Uso do computador com <i>mouse</i> adaptado	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
25- Uso do computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.	Com muita segurança	Com muitas dúvidas

Adaptação do material escolar:

Recursos de Tecnologia assistiva

26- Avaliar a criança e determinar a necessidade de adaptação do material escolar	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
27- Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra (pré-silábica, silábica, alfabética, ou fases de transição)	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
28- Recursos para adaptação de atividades de matemática	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
29- Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita	Com muita segurança	Com muitas dúvidas
30- Adaptação de provas	Com muita segurança	Com muitas dúvidas

31- Você já frequentou cursos de Comunicação Alternativa?

Sim Em que ano? _____ Quem ofertou o curso? _____

Qual a duração do curso? _____

Não

32- Gostaria de agradecer sua participação e saber sua opinião sobre a proposta do curso de formação em tecnologia assistiva _____

33- Gostaríamos de organizar um curso que atendesse as suas necessidades. Assinale todos os itens que mais atendem ao seu interesse.

Curso de 40 horas em uma semana

Curso de 40 horas com uma aula por semana. Melhor dia: _____

Curso de 40 horas com uma aula a cada 15 dias

Aulas expositivas

Aulas práticas

Atendimento de cliente para demonstração

Estudo de textos em sala

Discussão de textos lidos em casa

Oficinas utilizando a informática

Trabalhos utilizando o computador só no período de supervisão

Outros.Quais: _____

34- A primeira etapa do curso de formação está agendada para os meses de novembro e dezembro de 2004. O curso será realizado às 6as-feiras no horário de 9:00 às 17:00 horas no Ciad. Assinale o seu interesse de participação.

___ Quero participar do curso que será realizado em novembro e dezembro de 2004;

___ Caso seja realizado um curso em 2005 na área de tecnologia assistiva gostaria de participar;

___ Tenho interesse em participar das supervisões em 2005;

___ Não tenho interesse em participar.

Comentários: _____

Muito obrigada por sua participação e até breve!

ANEXO 6 – Tabela 1 - Resultado do Instrumento 1 – Avaliação sobre o conhecimento da área de Tecnologia Assistiva

Comunicação alternativa:

Média das respostas

1- Avaliar a criança e determinar o melhor recurso de comunicação alternativa	5
2- Determinar respostas afirmativas e negativas da criança que não tem comunicação oral	6
3- Indicação de adaptações para escrita (engrossadores, lápis especiais, órteses)	8
4- Indicação de acessórios para facilitar o escrever (pulseira de peso, restringidor de ombros, extensor de cotovelo, etc.)	7
5- Elaboração de pranchas de comunicação	5
6- Utilização dessas pranchas	5
7- Utilização da prancha como auxiliar no trabalho escolar	5
8- Adaptação de trabalhos escolares	5
9- Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita da criança com dificuldade motora	6
10- Uso de comunicador artesanal em forma de relógio	5
11- Confecção do acionador em forma de relógio	5
12- Uso de acionador	6
13- Confecção de acionadores artesanais	4
14- Uso de interruptores de pilha	5
15- Confecção de interruptores de pilha	5
16- Uso de comunicadores com voz	5
17- Uso de máquina elétrica	5

Acesso ao computador:

18- Avaliar a criança e determinar a melhor forma de acesso ao computador	5
19- Uso do computador com editor de texto	5
20- Uso do computador com <i>software</i> educativo	5
21- Uso de adaptações para facilitar o teclado como órteses, pulseira de peso, etc.	6
22- Uso de colméia no teclado	5
23- Uso do computador com teclado expandido	5
24- Uso do computador com <i>mouse</i> adaptado	6
25- Uso do computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.	5

Adaptação do material escolar:

26- Avaliar a criança e determinar a necessidade de adaptação do material escolar	6
27- Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra (pré-silábica, silábica, alfabética, ou fases de transição)	5
28- Recursos para adaptação de atividades de matemática	5
29- Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita	5
30- Adaptação de provas	5

ANEXO 7 – Instrumento 2 – Avaliação do conhecimento dos terapeutas para a organização do curso (pré-teste e pós-teste)

Caro participante,

Esse questionário faz parte do projeto de formação que vocês estão participando desde o início de novembro de 2004. Nesse questionário não há respostas certas ou erradas, suas respostas nos ajudarão a organizar o conteúdo do curso de formação.

Obrigada por sua participação,

Miryam Pelosi

Nome: _____

Profissão: _____

O que você poderia dizer sobre:

- 1- Avaliar o paciente e determinar o melhor recurso de comunicação alternativa
 - a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
 - b. Sei avaliar a necessidade da CAA, mas não sei escolher o recurso.
 - c. Não sei fazer.
 - d. Meus pacientes não precisam de recursos de CAA.
 - e. Outro: _____

- 2- Determinar respostas afirmativas e negativas do paciente que não tem comunicação oral.
 - a. Realizo com facilidade na minha prática profissional.
 - b. Nem sempre consigo perceber as respostas afirmativas e negativas do paciente.
 - c. Não sei fazer.
 - d. Todos os meus pacientes se comunicam através da fala.
 - e. Outro: _____

- 3- Indicação de adaptações para escrita (engrossadores, lápis especiais, órteses)
 - a. Sei indicar e a unidade dispõe do recurso. Especifique o que a unidade dispõe:

 - b. Sei indicar, mas a unidade não dispõe do recurso.
 - c. Não sei indicar.
 - d. Não sei indicar e a unidade não dispõe do recurso.
 - e. Meus pacientes não precisam de adaptações para a escrita.
 - f. Não sei o que é isso.
 - g. Outro: _____

- 4- Indicação de acessórios para facilitar a escrita (pulseira de peso, restringidor de ombros, extensor de cotovelo, etc.)
- Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso. Especifique o que a unidade dispõe:

 - Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
 - Não sei utilizar.
 - Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
 - Meus pacientes não precisam de acessórios para a escrita.
 - Não sei o que é isso.
 - Outro: _____

5- Elaboração de pranchas de comunicação.

- Uso só gravuras de revistas como símbolos soltos.
- Uso só fotografias como símbolos soltos.
- Uso só símbolos pictográficos soltos. Especifique que pictogramas utiliza:

- Uso símbolos soltos misturando recortes, fotos e pictogramas.
- Uso pranchas de comunicação com recortes.
- Uso prancha de comunicação com fotos.
- Uso prancha de comunicação com símbolos pictográficos
- Uso pranchas de comunicação combinando recortes, fotos e símbolos.
- Uso pranchas só com letras e textos.
- Não sei construir pranchas de comunicação.
- Não tenho pacientes que necessitam de pranchas de comunicação.
- Outro: _____

6- Utilização dessas pranchas de comunicação

- Já faço isso na minha prática terapêutica.
- Já fiz algumas tentativas.
- Não sei fazer.
- Não tenho pacientes que necessitam de pranchas de comunicação.
- Outro: _____

7- Utilização da prancha de comunicação como auxiliar no trabalho escolar

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Já fiz algumas tentativas.
- c. Não sei fazer.
- d. Não tenho pacientes em fase escolar.
- e. Outro: _____

8- Adaptação de trabalhos escolares

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica. Exemplos de adaptações que já fiz:

- b. Já fiz algumas tentativas.
- c. Não sei fazer.
- d. Não tenho pacientes em fase escolar.
- e. Outro: _____

9- Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita de pacientes com dificuldade motora

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes com dificuldades de escrita.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

10- Uso de comunicador artesanal em forma de relógio

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes que necessitam de comunicador artesanal.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

11- Confecção do acionador em forma de relógio

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Não sei fazer.
- c. Não tenho pacientes que necessitam de comunicador artesanal.
- d. Não sei o que é isso.
- e. Outro: _____

12- Uso de acionador

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes que necessitam de acionadores.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

13- Confecção de acionadores artesanais

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Não sei fazer.
- c. Não tenho pacientes que necessitam de acionadores.
- d. Não sei o que é isso.
- e. Outro: _____

14- Uso de interruptores de pilha

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes que necessitam de interruptores de pilha.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

15- Confeção de interruptores de pilha

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Não sei fazer.
- c. Não tenho pacientes que necessitam de interruptores de pilha.
- d. Não sei o que é isso.
- e. Outro: _____

16- Uso de comunicadores com voz

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes que necessitam de comunicadores de voz.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

17- Uso de máquina elétrica

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes que necessitam de máquina elétrica.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

18- Avaliar o paciente e determinar a melhor forma de acesso ao computador

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Sei avaliar a necessidade do computador, mas não sei escolher a melhor forma de acesso.
- c. Sei avaliar e determinar a melhor forma de acesso, mas não tem computador na minha unidade.
- d. Não sei fazer.
- e. Meus pacientes não precisam de computador
- f. Outro: _____

19- Uso do computador com editor de texto

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso. Qual software você utiliza?

- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
c. Não sei utilizar.
d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
e. Não tenho pacientes que necessitam de computador.
f. Não sei o que é isso.
g. Outro: _____

20- Uso do computador com *software* educativo

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso. Quais softwares você utiliza?

- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
c. Não sei utilizar.
d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
e. Não tenho pacientes que necessitam de computador.
f. Não sei o que é isso.
g. Outro: _____

21- Uso de adaptações para facilitar o teclado como órteses, pulseira de peso, etc.

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso. Quais adaptações você utiliza? _____

- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
c. Não sei utilizar.
d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
e. Não tenho pacientes que necessitam de computador.
f. Não sei o que é isso.
g. Outro: _____

21- Uso de colméia no teclado

- h. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- i. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- j. Não sei utilizar.
- k. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- l. Não tenho pacientes que necessitam de computador.
- m. Não sei o que é isso.
- n. Outro: _____

22- Uso do computador com teclado expandido

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes que necessitam de computador.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

23- Uso do computador com *mouse* adaptado

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso.
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes que necessitam de computador.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

24- Uso do computador com *softwares* especiais para escrita.

- a. Sei utilizar e a unidade dispõe do recurso. Especifique: _____
- b. Sei utilizar, mas a unidade não dispõe do recurso.
- c. Não sei utilizar.
- d. Não sei utilizar e a unidade não dispõe do recurso.
- e. Não tenho pacientes que necessitam de computador.
- f. Não sei o que é isso.
- g. Outro: _____

25- Avaliar o paciente e determinar a necessidade de adaptação do material escolar

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Não sei fazer.
- c. Meus pacientes não estão em fase escolar.
- d. Outro: _____

26- Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra (pré-silábica, silábica, alfabética, ou fases de transição)

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Não sei fazer.
- c. Meus pacientes não estão em fase escolar.
- d. Outro: _____

27- Recursos para adaptação de atividades de matemática

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Não sei fazer.
- c. Meus pacientes não estão em fase escolar.
- d. Outro: _____

28- Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Não sei fazer.
- c. Meus pacientes não estão em fase escolar.
- d. Outro: _____

29- Adaptação de provas

- a. Já faço isso na minha prática terapêutica.
- b. Não sei fazer.
- c. Meus pacientes não estão em fase escolar.
- d. Outro: _____

Faça aqui o seu comentário:

Muito obrigada por sua participação!

ANEXO 8 – Instrumento 3 - Avaliação do conteúdo do curso realizado para os terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos

Avaliação do conteúdo do curso³

Nome do participante: _____

Marque com um **X** os itens que você considera **que foram** satisfatoriamente abordados no decorrer do curso.

Marque com uma **+** os itens que você considera que **não foram** satisfatoriamente abordados no decorrer do curso e que deveriam ser aprofundados na supervisão.

- O que é tecnologia assistiva;
- Profissionais que trabalham na tecnologia assistiva;
- Qual o papel do terapeuta ocupacional na tecnologia assistiva;
- Qual o papel do fonoaudiólogo na tecnologia assistiva;
- O que é comunicação alternativa e ampliada (CAA);
- Qual o paciente que necessita do trabalho da CAA;
- Como podem ser as respostas desse paciente;
- Os símbolos utilizados na CAA (objetos reais, objetos parciais, fotografias e símbolos);
- Os recursos utilizados para transmitir as mensagens (pranchas, avental comunicador de relógio);
- As estratégias para o desenvolvimento da CAA (jogos, brincadeiras, estratégias de imersão nos símbolos);
- Construção de pranchas de comunicação;
- Seleção de vocabulário;
- Técnicas de seleção (seleção direta, varredura, bloco e codificada);
- Avaliação do paciente na área de comunicação alternativa;
- Construção do kit de avaliação;
- Adaptação de atividades de pré-alfabetização e alfabetização;
- Como adaptar a atividade de leitura da criança que não fala;
- Quais os sistemas alternativos para a escrita;
- O que considerar na escolha de um sistema alternativo para escrita;
- Recursos de alta tecnologia (comunicadores de voz gravada, voz sintetizada e computador);
- Adaptações para o uso do teclado (órteses colocadas no paciente);
- Teclados alternativos;
- Diferentes tipos de mouse;
- Diferentes tipos de acionadores;
- Softwares para o desenvolvimento da CAA (*PowerPoint*, *Comunique* e *IntelliPics*);

³ O Instrumento 3 foi originalmente apresentado em apenas uma folha.

- Como confeccionar um acionador artesanal;
- Como confeccionar um interruptor de pilha;
- Como confeccionar o comunicador artesanal com o brinquedo “pega-peixe”;
- Como usar o *Boardmaker*;
- Como utilizar o brinquedo adaptado no trabalho da CAA;
- Como utilizar o comunicador artesanal no trabalho da CAA.

Faça um comentário que você considere útil:

Obrigada por sua participação!

Miryam Pelosi

ANEXO 9 – Instrumento 4 - Avaliação do curso e do professor

Avaliação do curso e do professor

Data: _____

A – Concordo plenamente

B – Concordo parcialmente (houve mais pontos positivos do que negativos)

C – Discordo parcialmente (houve mais pontos negativos que positivos)

D – Discordo completamente

PARTE A – AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

- | | |
|---|----------------|
| 1) Foi assíduo ao ministrar as aulas | A B C D |
| 2) Demonstrou domínio do assunto do curso | A B C D |
| 3) Revelou clareza e objetividade na exposição | A B C D |
| 4) Organizou o curso adequadamente | A B C D |
| 5) Estimulou a discussão em aula e/ou participação dos alunos | A B C D |
| 6) Houve bom relacionamento professor/aluno | A B C D |

PARTE B – AVALIAÇÃO DO CURSO

- | | |
|--|----------------|
| 7) Os objetivos iniciais foram alcançados | A B C D |
| 8) O conteúdo do curso mostrou-se adequado a sua prática
profissional | A B C D |
| 9) As atividades práticas do curso foram úteis para auxiliar
o trabalho de CAA na sua Unidade | A B C D |
| 10) O curso apresentou ritmo satisfatório | A B C D |
| 11) O curso desenvolvido correspondeu a seu interesse e
aspirações | A B C D |

PARTE C – QUALIFICAÇÃO DAS RESPOSTAS

1. O que você destacaria como pontos favoráveis do curso e/ou professor:

1. _____

2. _____

3. _____

2. O que você destacaria como pontos desfavoráveis do curso e/ou professor:

1. _____

2. _____

3. _____

4. Faça um comentário que você considere útil:

Nome do aluno (opcional): _____

ANEXO 10 – Quadro 2 - Conteúdo trabalhado no curso de formação dos profissionais da Saúde

- Definição de Tecnologia Assistiva e profissionais que trabalham na área;
- O papel do terapeuta ocupacional e do fonoaudiólogo na Tecnologia Assistiva;
- Definição de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), os sujeitos que necessitam do trabalho e suas possibilidades de comunicação;
- Os símbolos utilizados na CAA (objetos reais, objetos parciais, fotografias e símbolos);
- Os recursos utilizados para transmitir as mensagens (pranchas, avental e comunicador em forma de relógio);
- As estratégias para o desenvolvimento da CAA (jogos, brincadeiras, estratégias de imersão nos símbolos);
- Seleção de vocabulário e construção de pranchas de comunicação;
- Técnicas de seleção (seleção direta, varredura, bloco e codificada);
- Avaliação do usuário na área de Comunicação Alternativa;
- Construção do *kit* de avaliação;
- Adaptação de atividades de pré-alfabetização e alfabetização;
- Adaptação das atividades de leitura para a criança que não fala;
- Os sistemas alternativos para a escrita e considerações sobre a escolha;
- Recursos de alta tecnologia (comunicadores de voz gravada, voz sintetizada e computador);
- Adaptações para o uso do teclado (órteses colocadas no usuário);
- Teclados alternativos, diferentes tipos de *mouse* e acionadores;
- *Softwares* para o desenvolvimento da CAA (*PowerPoint*, *Comunique* e *IntelliPics*);
- Confecção de acionadores e comunicadores artesanais e interruptores de pilhas;
- Uso do *software Boardmaker*; brinquedos adaptados e comunicadores.

ANEXO 11 - Tabela 2 - Conhecimento inicial dos profissionais da Saúde em relação à Tecnologia Assistiva

Aspectos investigados	Percentual das respostas
a) Avaliar o paciente e determinar o melhor recurso de comunicação alternativa.	47% Sabiam avaliar a necessidade da CAA, mas não sabiam escolher o recurso. 36% Não sabiam fazer. 8% Já faziam isso na sua prática terapêutica. 6% Não tinham pacientes que necessitavam de recursos de CAA. 3% Outros.
a) Determinar respostas afirmativas e negativas do paciente que não tem comunicação oral.	67% Declararam que nem sempre conseguiam perceber as respostas afirmativas e negativas dos pacientes. 25% Eram capazes de realizar com facilidade. 6% Declararam que todos os pacientes se comunicavam através da fala. 2% Outros
a) Avaliar o paciente e determinar a melhor forma de acesso ao computador	69% Não sabiam avaliar. 28% Sabiam avaliar. 3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
a) Avaliar o paciente e determinar a necessidade de adaptação do material escolar	50% Não sabiam fazer. 24% Sabiam fazer 18% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso. 8% Outros.
a) Avaliar o estágio de alfabetização em que a criança se encontra	49% Não sabiam fazer. 20% Sabiam fazer 23% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso. 8% Outros.
b) Indicação de adaptações para escrita.	65% Sabiam indicar o recurso. 27% Disseram que não sabiam indicar. 8% Os pacientes não necessitavam de adaptações.
b) Indicações de acessórios para facilitar a escrita	49% Não sabiam indicar. 43% Sabiam indicar. 3% Os pacientes não necessitavam de acessórios. 5 % Outros.
b) Elaboração de pranchas de comunicação	44% Não sabiam construir pranchas. 31% Usavam símbolos misturando recortes, fotos e pictogramas. 17% Usam pranchas combinando recortes, fotos e símbolos. 8% Não tinham pacientes que necessitavam de pranchas.
b) Utilização das pranchas	58% Não sabiam utilizar. 33% Já fizeram algumas tentativas. 6% Não tinham pacientes que necessitam de prancha. 3% Outros.
b)Uso de comunicador artesanal em forma de relógio	83% Não sabiam utilizar. 11% Sabiam utilizar. 6% Não tinham pacientes que necessitavam de comunicador artesanal.
b) Confeção de acionador em forma de relógio	94% Não sabiam confeccionar. 3% Sabiam confeccionar. 3% Não tinham pacientes que necessitavam de comunicador artesanal.
b) Uso de acionador	74% Não sabiam utilizar 14% Sabiam usar acionador. 6% Não tinham pacientes que necessitavam de acionadores. 6% Outros.
b) Confeção de acionadores artesanais	82% Não sabiam confeccionar. 9% Outros. 6% Sabiam confeccionar. / 3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
	85% Não sabiam utilizar. 11% Sabiam utilizar.

b) Uso de interruptores de pilha	3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso. 3% Outros.
b) Confeção de interruptores de pilha	85% Não sabiam utilizar. 3% Sabiam utilizar. 3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso. 9% Outros.
b) Uso de comunicadores de voz	91% Não sabiam utilizar. 6% Sabiam utilizar. 3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
b) Uso de máquina de escrever	81% Não sabiam utilizar. 14% Sabiam utilizar. 5% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
b) Uso do computador com editor de texto	84% Não sabiam utilizar. 13% Sabiam utilizar. 3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
b) Uso do computador com software educativo	85% Não sabiam utilizar. 12% Sabiam utilizar. 3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
b) Uso de adaptações para facilitar o teclado	72% Não sabiam utilizar. 20% Sabiam utilizar. 5% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso. 3% Outros.
b) Uso de colméia no teclado	92% Não sabiam utilizar. 6% Sabiam utilizar. 2% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
b) Uso de teclado expandido	92% Não sabiam utilizar. 6% Sabiam utilizar. 2% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
b) Uso de computador com mouse adaptado	86% Não sabiam utilizar. 11% Sabiam utilizar. 3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
b) Uso de computador com <i>softwares</i> especiais para escrita	88% Não sabiam utilizar. 9% Sabiam utilizar. 3% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso.
c) Prancha como auxiliar no trabalho escolar	60% Não sabiam utilizar. 20% Não tinham pacientes em idade escolar. 14% Já tinham feito alguma tentativa. 6% Outros.
c) Adaptação de trabalhos escolares	49% Disseram que não sabiam fazer 26% Não tinham pacientes em fase escolar. 20% Já tinham feito alguma tentativa. / 5% Outros.
c) Uso de letras e outros materiais para facilitar a escrita	42% Não sabiam utilizar. 39% Sabiam utilizar. 11% Não tinham pacientes com dificuldades de escrita. 8% Outros.
c) Recursos para adaptação de atividades de matemática	63% Não sabiam fazer. 9% Sabiam fazer 17% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso. 11% Outros.
c) Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita	63% Não sabiam fazer. 11% Sabiam fazer 17% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso. 9% Outros.
c) Adaptação de provas	77% Não sabiam fazer. 3% Sabiam fazer 14% Não tinham pacientes que necessitavam do recurso. 6% Outros.

- a) Avaliação e compreensão das respostas
- b) Elaboração e utilização dos recursos de Tecnologia Assistiva
- c) Adaptação de atividades escolares

ANEXO 12 – Instrumento 5 - Roteiro de entrevista as Unidades de Saúde do Município

Roteiro da entrevista

Local:

Data:

Participantes:

Informações da Instituição:

- Como é composta a equipe?
- Quais os terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos da Unidade que trabalham com crianças em idade escolar?
- Como é feito o encaminhamento do paciente para o terapeuta?
- Quantos pacientes estão inscritos no programa da Unidade?
- Quantos atendimentos são realizados por semana por cada terapeuta? Qual a frequência dos atendimentos?
- Qual a idade mínima e máxima dos pacientes? Quais as patologias mais frequentes?
- Qual o local de atendimento? (Visitar o local e fazer anotações sobre as características do espaço físico, número de atendimentos realizados simultaneamente, mobiliário, materiais para trabalho).

Implementação do trabalho de CAA:

O que vocês fizeram em relação a implementação do trabalho da CAA até o momento?

- Vocês envolveram a direção no projeto? Quem?
- Vocês transmitiram as informações do curso para algum membro da equipe? Quem? Como foi feito?
- Vocês já prepararam algum material para o trabalho da CAA? Prepararam símbolos? Conseguiram tirar cópias? Fizeram adaptação de atividades?
- Vocês já prepararam o *kit* de avaliação? Como ele está composto? (Pedir para ver o *kit*).
- Vocês já elegeram os pacientes que precisam do trabalho de comunicação alternativa? Quantos pacientes foram eleitos? É possível atender a todos? Quantos precisam de CAA oral e quantos precisam de CAA escrita?
- Vocês fizeram avaliação de algum paciente? Como foi realizada a avaliação (local, em dupla, individualmente).
- Vocês já começaram algum trabalho de CAA? Com quem? Como está sendo?
- Qual a proposta de intervenção na área de CAA da equipe? Vocês vão fazer um piloto? Vão avaliar os pacientes selecionados? Como vão ser os atendimentos? Qual será a frequência?

Sobre as dúvidas e período de supervisão:

- De que forma vocês acham que eu poderia ajudá-los hoje?
- Qual o assunto que vocês gostariam de discutir na 1ª supervisão?

ANEXO 13 – Quadro 3 - Síntese das Entrevistas coletivas realizadas as Unidades de Saúde

Unidade Participantes da entrevista	Clientela dos Terapeutas participantes do projeto	Encaminhamento	Frequência de atendimento	Número de pacientes no programa	Contato com a educação	Outro
Unidade 1 TO - J. TO - chefe infantil e juvenil - V. FONO - C.	0 a 7 anos TO - S. FONO - C. 7 a 17 anos TO - J. FONO - M.	A mãe procura passando na porta; Escola encaminha Alta de outras unidades e procuram o juvenil; Pediatra encaminha; Os terapeutas avaliam e indicam os atendimentos.	Infantil – 0 a 7 anos 2 vezes por semana 30 min cada profissional Juvenil – 7 a 17 anos 1 vez por semana 30 min cada profissional	Infantil – 30 crianças Juvenil – 28 pacientes	TO (J.) e Fono (M.) ficaram acompanhando o trabalho da Oficina Vivencial de setembro a dezembro de 2004. Inicialmente 1 vez por semana e depois 1 vez por mês.	
Unidade 2 A. C. – TO R. – TO L. – TO M. - TO A. B. – Fono M. – FT	0 a 3 anos e 11 meses TO – A. C. TO – R. FONO – B.	Encaminhamento feito pelas maternidades, pediatra ou neurologista; Recebem as crianças no setor e avaliam; Atendem em uma única sala; A fono atende na própria sala quando a criança precisa só de fono.	Frequência: 1 ou 2 vezes por semana Tempo: 30 minutos Pacientes neuróticos ou psicóticos são atendidos em grupo.	Estão inscritas 57 crianças no NAIDI		Prioridade de atendimento a bebês do que crianças de 5 anos.

ANEXO 13 – Quadro 3 - Síntese das Entrevistas coletivas realizadas as Unidades de Saúde

Unidade Participantes da entrevista	Clientela dos Terapeutas	Encaminhamento	Frequência de atendimento	Número de pacientes no programa	Contato com a educação	Outro
Unidade 3 J. – TO inf./juvenil M. – TO – inf. / grupo de adulto hemi afásico E. – TO - adulto Ed. – TO - juvenil / adulto - enfermaria C. – Fono - infantil / juvenil / adulto D. - Fono - infantil / juvenil / adulto	Bebês até idosos	Demanda espontânea. Encaminhamento da Maternidade Carmela Dutra e Hospital Raphael de Paulo e Souza	Tempo de atendimento: 30 minutos		Contato com as escolas no projeto iniciado com A V. da SMS. Contato com o IHA em função da dispensação de cadeiras	
Unidade 4 S. – TO R. - TO C. – Fono (não pode participar porque está na Ilha na 4a de manhã)	Bebês Crianças até 10 anos Maior parte da clientela de 0 a 6 anos Pacientes mais velhos abandonam; Pacientes mais graves abandonam.	O pediatra avalia e encaminha para a reunião de equipe. Reuniões semanais onde as crianças são avaliadas e onde é decidido quais atendimentos serão realizados. As crianças muito graves são encaminhadas.	Individual – 30 minutos 1 vez por semana. Grupo – 1 hora 1 vez por semana	Não sabem o número geral da Unidade S. – TO: 18 atendimentos / semana / individual (30 min 1 vez/sem) 16 pacientes atendidos em grupo/semana (1 h - vez/sem) - R. – TO 17 atend. / semana – individual (30 min 1 vez/sem) 16 pacientes atend. em grupo / semana (1 hora 1 vez/sem)	Já fizeram acompanhamento de crianças em idade escolar, depois que a S. saiu de licença o trabalho parou. Demanda dos alunos em fase escolar: Órteses; Adaptação de cadeiras; Adaptação de carteiras e Déficit cognitivo. Nunca fizeram intervenção em CAA.	Problemas de espaço; Sala cedida pela TO adulto (2a e 4a infantil, 3a e 5a adulto); Ganharam muitos materiais do Rotary, mas não tem onde colocar (DVD, filmadora, máquina digital, TV, computador e muitos outros materiais) que estão encaixotados.

ANEXO 13 – Quadro 3 - Síntese das Entrevistas coletivas realizadas as Unidades de Saúde

Unidade Participantes da entrevista	Clientela dos Terapeutas	Encaminhamento	Frequência de atendimento	Número de pacientes no programa	Contato com a educação	Outro
<p>Unidade 5</p> <p>R. – TO C. – Fono B. – Psicóloga Médico</p>	<p>0 a 10 anos A grande maioria é de crianças até 6 anos.</p>	<p>O pediatra avalia e encaminha para a reunião de equipe onde são priorizadas as terapias.</p> <p>Reuniões mensais</p>	<p>Tempo de atendimento: 40 minutos</p>	<p>Aproximadamente 40 pacientes na Unidade</p> <p>R. – TO – 25 atendimentos / semana C. – Fono – 28 atendimentos / semana</p>		
<p>Unidade 6</p> <p>R. – TO M. – Fono (não realizou o curso mas participou de uma formação na APAE onde também trabalha) D. – TO (não pode participar)</p>	<p>Bebês Crianças até 10 anos</p> <p>Para início de atendimento crianças de 0 a 6 anos</p>	<p>O chefe de clínicas e pediatria presta atendimento ao NAIDI quando solicitado.</p> <p>A porta de entrada é a equipe de reabilitação que encaminha, quando necessário, para as especialidades médicas.</p>		<p>Não sabem quantas crianças estão sendo acompanhadas no NAIDI</p> <p>Atendem 35 a 40 crianças por semana.</p>		

ANEXO 15 – Instrumento 7 – Ações realizadas nas unidades de Saúde na área de Tecnologia Assistiva

Nome: _____

Profissão: _____

Unidade de Saúde _____

Caro participante,

Esse questionário encerra nosso trabalho em 2005 e tem o objetivo de registrar as ações que as Unidades de Saúde realizaram na área de comunicação alternativa. **Assinale todas as ações** que vocês realizaram durante esse ano para favorecer a implementação do trabalho da CAA.

- 1. Envolvemos a direção no projeto.
- 2. Transmitimos as informações do curso para outros membros da equipe.
- 3. Preparamos os símbolos.
- 4. Preparamos pranchas de comunicação.
- 5. Realizamos adaptações para favorecer a escrita.
- 6. Fizemos adaptação de jogos e brincadeiras.
- 7. Fizemos adaptação de atividades escolares.
- 8. Separamos o material para o *kit* de avaliação.
- 9. Preparamos o kit de avaliação.
- 10. Elegemos os pacientes que precisam do trabalho de comunicação alternativa.
- 11. Criamos um horário para atendimento específico de CAA
- 12. Avaliamos os pacientes na área de CAA.
- 13. Iniciamos o trabalho de CAA.
- 14. Visitamos escolas e realizamos orientações.
- 15. Trocamos informações com a professora de turma, professora itinerante ou professora da sala de recurso na Unidade de Saúde.
- 16. Indicamos escolas para os nossos pacientes.
- 17. Outros: _____

18. Qual a opinião de vocês sobre o trabalho conjunto que será realizado com os professores no próximo ano visando favorecer a inclusão das crianças nas escolas do município? _____

19. Na opinião de vocês qual é o papel do terapeuta ocupacional e do fonoaudiólogo na escola? _____

20. Como vocês poderiam contribuir para amenizar a pouca oferta de atendimento na área da saúde para as crianças em idade escolar? _____

21. O que vocês consideram como impedimento para a implementação do projeto de CAA na Unidade de vocês? _____

22. Quais os matérias que seriam necessários para a implementação do trabalho? _____

No próximo ano estaremos trabalhando as quintas-feiras pela manhã no horário de 8:30 às 11:30. As reuniões acontecerão no Ciad, no centro da cidade, no primeiro semestre de 2006 e no Instituto Helena Antipoff, Maracanã, no segundo semestre de 2006.

Os encontros serão mensais e as supervisões acontecerão em conjunto com os profissionais da educação.

23. Vocês gostariam de participar do projeto em 2006? _____SIM _____NÃO

Anexo 16 - Quadro 4

Síntese das supervisões da Saúde

Unidade Conteúdo	Março	Abril	Maio	Junho
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação das visitas as Unidades 1, 2, 3, 4, 5 e 6 - Apresentação dos filmes das crianças avaliadas nas visitas as Unidades. - Correção dos dados sintetizados sobre as visitas pelos participantes do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Finalização das apresentações das visitas as Unidades. - Apresentação do protocolo SETT⁴ para avaliação da CAA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação de uma criança a partir do vídeo utilizando o formulário SETT. O formulário foi sendo discutido com o grupo no momento do preenchimento. Foram feitas sugestões para modificação de algumas traduções. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do <i>kit</i> de avaliação. - Discussões sobre as estratégias de confecção e utilização. - Discussão do filme trazido pela Unidade 5 do atendimento de uma criança.
Discussão	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão sobre a faixa etária das crianças atendidas nos NAIDs. Quem vai atender as crianças que estão em idade escolar? 	<ul style="list-style-type: none"> - Como resolver o problema de posicionamento das crianças se a SMS não está mais disponibilizando cadeiras de rodas? 		<ul style="list-style-type: none"> - Problemas políticos na Unidade 2.
Propostas	<ul style="list-style-type: none"> - Atendimento das crianças em fase escolar em sistema de supervisão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de cadeiras de papelão para melhorar o posicionamento. Alguns profissionais da secretaria fizeram o curso e poderiam ensinar o grupo. O problema é que as unidades não têm material. - Os profissionais da saúde poderiam dar palestras e fazer cursos para formar os recreadores e os professores das escolas Pólo. 		<ul style="list-style-type: none"> - Padronização do <i>kit</i> e distribuição para todas as unidades pela SMS.
Comentário	<ul style="list-style-type: none"> - O grupo fez muitos comentários sobre as apresentações das diferentes Unidades. A maior parte dos profissionais não conhecia os outros serviços. As diferenças de espaço físico, recursos materiais e carga horária de trabalho geraram conflitos entre os participantes do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Discussões políticas voltaram a permear a discussão do grupo. - O horário de início das supervisões passou a ser 9:00 horas por definição do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os profissionais da mesma unidade sentaram juntos e se apoiaram durante o exercício. Não houve discussões políticas, foi uma supervisão mais tranquila. - O grupo participou muito no processo de avaliação da criança que havia sido filmada 	<ul style="list-style-type: none"> - O grupo ficou muito envolvido com as discussões dos casos filmados que foram apresentados.
Material entregue ao grupo		<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação de comunicação alternativa realizada pelo grupo da Unidade 1. - Protocolo do SETT. 	Protocolo do SETT corrigido.	
Unidade 1	<ul style="list-style-type: none"> - Trouxeram o filme de uma criança que avaliaram. O filme não foi mostrado porque a máquina não tinha adaptador para a televisão. - Trouxeram a sugestão de uma avaliação para a área de CAA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os professores itinerantes vão a Unidade nas reuniões de equipe. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mudaram a sala do juvenil para o mesmo espaço do infantil. Estão se adaptando as mudanças e não conseguiram realizar os atendimentos de CAA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estão mantendo o atendimento do grupo inicial. - Estão avaliando outras crianças para a criação de novos grupos. - C. (fono) continua de licença. - Estão atendendo G. C. que faz parte do grupo da UERJ. Está apático, só se interessa por perguntas mais elaboradas. - Igor continua com o problema da escrita que foi assumido pela educação.

⁴ SETT – *Student, Environment, Tasks and Tools*. Protocolo de avaliação de Tecnologia Assistiva adaptado por: Rothschild, N.; Swaine, J.; & Norris, L. (2001). Traduzido para português por Pelosi, M. 2005.

Anexo 16 - Quadro 4
Síntese das supervisões da Saúde

Unidade Conteúdo	Março	Abril	Maiο	Junho
Unidade 2	- Trouxeram um CD-ROM com as fotografias dos materiais para a construção do <i>kit</i> de avaliação.	- Não tem espaço físico para atender crianças mais velhas. Participaram de um curso de cadeira de papelão e não terminaram porque faltou material para a conclusão do curso.	- Prepararam o <i>kit</i> de avaliação. - Separaram um horário para atendimento de crianças na CAA. - Realizaram atendimento de observação de duas crianças. - Agendaram o uso da filmadora com a CAP. - Realizaram reunião de equipe visando a possibilidade de entrar em contato com os professores itinerantes. - O grupo fez contato com os profissionais da educação para realizar o preenchimento das fichas sobre os pacientes e iniciar uma parceria. Conversaram com a C., coordenadora da CRE. - Uma professora itinerante (R.) que realiza atendimentos domiciliares recebeu orientação.	- Agendamento da filmadora. - Contato com as escolas das crianças. - Entrega do questionário sobre a criança na escola.
Unidade 3		- Roubaram a filmadora e a fita com o filme do paciente Sr. J.. - Estão pensando em supervisionar as crianças que estão na escola.	- O hospital deve mudar de local. As terapeutas estão muito desmotivadas. Conversaram com a V. que explicou que o NAIDI vai permanecer e somente a enfermaria deve mudar de lugar. - Trouxeram o <i>kit</i> de avaliação de higiene (FOTOS).	- Confeccionaram o <i>kit</i> de avaliação e símbolos e organizaram por categorias. - Filmaram as crianças utilizando o <i>kit</i> . - Introduziram o material elaborado nas sessões de atendimento dos pacientes. - Solicitaram a lista de atividades do Sr. J. para elaboração da prancha de comunicação. - Selecionaram um novo paciente para o trabalho da CAA. Orientaram a família como sistematizar o “sim” e o “não”.
Unidade 4		- Já recebeu professores itinerantes e professores de turma na Unidade. - Já fizeram capacitação de profissionais de creche. Como a saúde não atende a demanda as maternidades encaminham para o Pólo de bebês.	- Trouxeram o vídeo do W. realizando escolhas no concreto com 2 e 3 opções. “Depois do início do trabalho da CAA está solicitando tudo, antes do trabalho parecia uma caixa vazia”. - Trouxeram uma prancha de comunicação com símbolos da <i>internet</i> e <i>cliparts</i> . (FOTOS) - Realizaram a prancha de CAA do W. e treinaram a mãe para utilizá-la em casa.	- Tiraram fotos, imprimiram e confeccionaram cartões para serem colocados em pranchas com <i>velcro</i> . - Filmaram a escolha de brinquedos com esse material. - A unidade está em greve.

Anexo 16 - Quadro 4
Síntese das supervisões da Saúde

Unidade Conteúdo	Março	Abril	Maio	Junho
Unidade 5		<ul style="list-style-type: none"> - Trouxeram o filme de um paciente. - Estão pensando em disponibilizar um horário por semana para fazer as avaliações de crianças em idade escolar. - Os professores de turma são ótimos, mas os professores itinerantes ficam querendo disputar poder com os terapeutas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trouxeram a filmagem da mesma criança do mês anterior. Não conseguimos assistir porque ficamos discutindo o protocolo de avaliação do SEET. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentaram a prancha do P. construída pela mãe e a prancha que está sendo elaborada pelas terapeutas e apresentação do filme do Pedro utilizando o computador. - Trouxeram fotos da arrumação dos armários e da sala de terapia ocupacional. - Preencheram algumas fichas de pacientes. - Continuam com o trabalho com objetos e símbolos na CAA.
Unidade 6		<ul style="list-style-type: none"> - Os PI já vão ao posto e fazem solicitação de atendimento. - Trouxeram o filme de dois pacientes: <ul style="list-style-type: none"> - M. de 4 anos. Anda, emite sons, aponta, pega o quer, mas não fala. Não tem problema de audição. Mãe participativa. - A., 4 anos. Parto complicado, atetóide, sinaliza com movimento de cabeça. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não tinha nenhum integrante do grupo na supervisão. 	<ul style="list-style-type: none"> - A terapeuta que trabalha com crianças não foi à supervisão. A terapeuta que foi a supervisão só trabalha com adultos e elas não se encontram

Anexo 16 - Quadro 4
Síntese das supervisões da Saúde

Unidade Conteúdo	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Conteúdo	Discussão das estratégias de intervenção a partir dos vídeos trazidos pelas Unidades 3, 4 e 5.	Construção de pranchas de comunicação com possibilidade de impressão colorida no laboratório da UERJ. Cada Unidade apresentou o trabalho que estava fazendo. Os participantes levaram exemplos de adaptações de materiais escolares.	Apresentação das leis sobre educação e educação especial. Definição dos conceitos e tipo de atendimentos na educação especial. Discussão do papel dos profissionais da saúde no trabalho da escola. Apresentação dos cadernos editados pelo MEC com orientações sobre o trabalho para os alunos com diferentes necessidades especiais.	Fechamento do trabalho com o grupo de supervisão. Pós-teste Apresentação da síntese do projeto em 2005. Discussão de estratégias de encaminhamento para o trabalho conjunto com os professores em 2006.
Discussão	Trouxeram o problema de uma Escola Municipal Especial. Os grupos são de 15 crianças com um único professor.	Construção de pranchas que pudessem ser usadas por todas as unidades. Discutiram os problemas em relação a impressão e plastificação.	O problema é a entrada nas escolas. A CRE auxilia o terapeuta.	Quais as Unidades de referência para cada uma das CRÊS. Os participantes verificaram o nome das crianças que haviam sido identificadas pelo grupo da educação.
Propostas	A saúde tem que se envolver com a capacitação dos professores.	Acham que seria interessante pensarem em um conjunto de pranchas padronizadas que pudessem ser impressas e utilizadas por cada unidade.	A pesquisadora apresentou a proposta do trabalho com o grupo da saúde e da educação em 2006.	A inclusão de crianças de cada uma das Unidades de Saúde no projeto piloto de acompanhamento dos alunos nas escolas para que fosse observada a diversidade das diferentes Unidades.
Comentário	O grupo participou muito das discussões do vídeo trazido pela Unidade de 4. Perceberam a dificuldade do terapeuta em aceitar a resposta da criança sem ficar fazendo confirmações.	O grupo produziu muito. Foram impressas 17 pranchas para cada unidade.	As unidades estão trazendo muito material para a supervisão e querem apresentar para o grupo. Precisávamos de mais tempo nessa supervisão.	O grupo se comprometeu em dar continuidade ao projeto de implementação da CAA e a abrir horários para receber os professores itinerantes e acompanhar as crianças em sistema de supervisão.
Material entregue ao grupo		CD-ROM com figuras e fotografias para auxiliar na construção de pranchas de comunicação. Foi entregue um CD por unidade.	Apostila baseada no site do MEC com a síntese das leis sobre educação e educação especial.	Apostila com a síntese do trabalho realizado em 2005. O material incluiu quadros sobre a avaliação inicial nas Unidades, a síntese dos temas abordados nos encontros de supervisão durante o ano e a lista das crianças incluídas no projeto piloto de CAA de cada Unidade.

Anexo 16 - Quadro 4
Síntese das supervisões da Saúde

Unidade Conteúdo	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Unidade 1	Não havia nenhum representante da Unidade 1 na supervisão.	<ul style="list-style-type: none"> - Não conseguiram montar o 2º grupo porque as crianças não estão freqüentando a Unidade. - Conversaram com a professora do Igor na Unidade para definirem o recurso será utilizado no computador para escrita. - Conversaram com a S. (pesquisadora que está trabalhando a alfabetização com o G.) no Ciad para compreender melhor seu processo de alfabetização. Os terapeutas estão pensando em inseri-lo no grupo de CAA. Freqüenta a escola municipal especial em turma não seriada. - P. levou o caderno da escola e parece que só está conseguindo realizar as atividades com apoio do concreto. A mãe está pensando em mudá-la de escola. - Falta material, não tem computador. Já esqueceram como confeccionar as pranchas. Tem usado concreto e recorte. - Trouxeram o material de uma criança acompanhada na clínica particular para tirar dúvidas na supervisão (FOTOS). 	Não havia nenhum representante da Unidade 1.	<ul style="list-style-type: none"> - O grupo da Unidade 1 está com problemas com a administração. Houve nova mudança de sala e o grupo está, nesse momento, sem a sala para os atendimentos de CAA. Uma das TOs está com a irmã muito doente e, antes disso, teve problemas pessoais de saúde. - A C., fono, não voltou de licença e a fono M. tem participado com o grupo do trabalho de CAA. - Quanto às crianças houve algumas modificações na freqüência dos atendimentos: - O I. passou a ser atendido a cada 15 dias porque não foi possível resolver o problema de acessibilidade para escrita no computador. Na Unidade 1 não há computador ou programas para o setor. - O G. também passou a ser atendido a cada 15 dias porque o grupo não estava conseguindo motivá-lo para o trabalho. O grupo considerou que as atividades que tinham para oferecer não estavam adequadas a sua faixa etária e interesses. - A diretora da Unidade 1 prometeu uma sala com computador para 2006.
Unidade 2	<ul style="list-style-type: none"> - Já realizaram trabalhos conjuntos com a educação. - Estão pensando em visitar as escolas das crianças maiores. - Descobriram que o CAP tem uma filmadora que poderia emprestar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estão utilizando as pranchas. - Estão atendendo o F., a S., o G. e o I.. O F. está ótimo, ele se interessa muito pela prancha. - Trouxeram uma pasta com atividades escolares adaptadas que estão selecionando (FOTOS). 	<ul style="list-style-type: none"> - A A.C. (TO) trouxe para o grupo o caso de uma criança que tem problema de pele e está perdendo as falanges. Todo o grupo participou da discussão. As sugestões foram: uso de uma cadeira de rodas, <i>laptop</i> com o software IBM <i>Voice</i>. A TO faria a indicação dos recursos e a assistente social auxiliaria nos meios para conseguir uma doação. - Fizeram atividades adaptadas com barbante e ficaram de trazer em outubro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Houve mudança na direção da Unidade - A A.C. (TO) foi promovida a coordenadora da área materno-infantil da Unidade. - O grupo do Naidi está conseguindo mais uma sala e agora os setores de TO, Fono e FT vão atender em salas separadas por 30 minutos cada paciente. O grupo trouxe atividades pedagógicas adaptadas (FOTOS)

Anexo 16 - Quadro 4
Síntese das supervisões da Saúde

Unidade Conteúdo	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
<p>Unidade 3</p>	<p>Trouxeram a filmagem do A. e da M. utilizando o kit de avaliação. O grupo apresentou excelente avaliação demonstrando organização do material do kit e excelente intervenção. Foi observado o uso de objetos concretos apoiando os símbolos e a introdução de símbolos sociais como “tchau” e “silêncio”. Os símbolos realizados no laboratório de informática no período do curso já estavam plastificados e foram utilizados.</p>	<p>- A. – entupiu a válvula e ficou 1 mês afastado. - Estão atendendo a M. e o A. em dupla (TO + Fono). M. está “falando mais” e o A. só gosta de brincadeiras dinâmicas. - Sr J. está afastado. O filho está com problema renal e a esposa é a doadora. Gravaram a avaliação dele novamente. - Tiraram as fotos dos brinquedos para trabalharem durante a sessão. Ainda falta revelar. - O grupo vai tentar visitar a escola do A. e da M..</p>	<p>- Visita a escola do A. e M.. - Visita da professora de informática (Mo.) – Escola Municipal. - Fizeram novamente o vídeo da avaliação do Sr. J. Não se mostrou capaz de construir palavras a partir de letras. Escreveu “AGUISEL” para p seu nome. Dificuldade em determinar se está sendo capaz de ler. No trabalho com o concreto não é capaz de pegar o objeto que é usado para lavar o cabelo (pegou o papel higiênico). Apresentaram para o grupo. - Vídeo do P. H. – PC atetóide de 6 anos que começaram a atender e estão definindo o “sim” e o “não”. Sugeri pesquisa para saber se é capaz de reconhecer fotos, pois a visão pareceu baixa. - Trouxeram a adaptação de um livro de história e um plano inclinado. Utilizaram símbolos concretos, símbolos pictográficos, palavras e letras soltas. Ficou excelente (FOTOS).</p>	<p>Os terapeutas trouxeram o relatório da visita a escola da M. e do A. que fizeram no dia 8 de setembro. A escola que os pacientes freqüentam é a Escola Municipal E. S. em uma classe especial com 6 crianças. Foram a visita a terapeuta ocupacional, a fonoaudióloga e a fisioterapeuta das crianças. Foi observado a necessidade de uma rampa de acesso a sala de aula, banheiro e refeitório. Trata-se de uma escola plana. As crianças permanecem em suas cadeiras de rodas, pois a sala não apresenta mobiliário adaptado. O grupo considerou que a professora está interessada na parceria com os profissionais de saúde e acrescentou o relato da professora de que não recebeu capacitação do Instituto Helena Antipoff para trabalhar com essas crianças. - A Ed. trouxe o trabalho de CAA que vem desenvolvendo com uma criança em atendimento domiciliar. O material foi fotografado e o caso foi discutido com o grupo (FOTOS).</p>
<p>Unidade 4</p>	<p>- Trouxeram uma prancha com fotos soltas e o vídeo do W. utilizando esses símbolos para escolher. Demonstraram excelente estratégia. Os dois objetivos traçados no encontro anterior foram alcançados: objetivo 1 – sistematizar o uso do “sim” e “não” e objetivo 2 – escolher através de fotos. - Ficou combinado que tentariam envolver a mãe no uso da CAA solicitando dela embalagens de alimentos que lê gosta para serem utilizadas como símbolos de comunicação.</p>	<p>A unidade continua em greve. As crianças não estão freqüentando.</p>	<p>Filmaram uma criança utilizando uma história adaptada. Não conseguiram mostrar porque esqueceram o adaptador da máquina.</p>	<p>Trouxeram para apresentar o vídeo do W.. Está escolhendo o biscoito a partir das embalagens e mostrou claramente que já faz a equivalência símbolo X objeto. As respostas estão mais rápidas e precisas. Todo o grupo pode perceber a evolução dele a partir das filmagens. Estão utilizando o computador com outras crianças, mas estão com problemas para utilizar o mouse. Todo o grupo fez sugestões de mouses alternativos com o trackball e o uso das setas do computador como mouse.</p>

Anexo 16 - Quadro 4
Síntese das supervisões da Saúde

Unidade Conteúdo	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Unidade 5	<ul style="list-style-type: none"> - Trouxeram a prancha do P. que foi realizada pelo Hospital de Reabilitação - Trouxeram fotos dos brinquedos que foram impressas no computador para compor o kit de avaliação. - Trouxeram as fotos das crianças que estão sendo acompanhadas para tirar dúvidas. - Trouxeram o filme do P. com as modificações sugeridas na supervisão anterior. 	<ul style="list-style-type: none"> - A mãe do P. fez algumas pranchas. A mãe relatou que ele está oralizando mais depois que começou a usar as pranchas. - L. – mãe está grávida e tem faltado muito. - Estão trabalhando CAA na 5ª de 11:00 às 12:00. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estão montando a prancha de comunicação do P.. - L. não está indo porque a mãe está grávida. - A terapeuta ocupacional da unidade não tem participado das supervisões e não justificou. - O trabalho ficou parado com a participação só da fono. 	<ul style="list-style-type: none"> - A TO da Unidade desistiu de participar do projeto. Não veio ao encontro para se justificar e também não fez nenhum contato com a pesquisadora. - A fono está dando continuidade ao trabalho com o P. utilizando os cartões elaborados na aula prática. O L. saiu da Unidade.
Unidade 6		<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho parado porque o A. faltou 1 mês porque estava doente e a segunda candidata saiu da unidade. - Tem trabalhado no computador com 2 crianças utilizando as histórias do PowerPoint que foram distribuídas no final do curso de capacitação. - R. está tendo dificuldade para sair do hospital no dia do curso porque estão exigindo a permanência de 30 horas. 	<p>A R., TO que trabalha com criança não foi a supervisão. A outra TO do grupo não realiza nada porque não trabalha com crianças e os pacientes dela falam. O trabalho não caminha nessa unidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A R. justificou as suas faltas. Tem tido problemas de liberação no Hospital. - A fono da Unidade (Mo.) tem trabalhado em parceria com a R. na CAA (elas já atendem juntas as outras crianças) -A Mo. (fono) não participou do curso e nem da supervisão. - Até o momento conseguiram separar os materiais, disponibilizar alguns símbolos, mas estão com dificuldades de aplicar o trabalho de CAA. - Estão recebendo muitos autistas e acreditam que possam implementar a CAA com esses pacientes. - Relatou contatos anteriores com professores itinerantes (D.) quando a educação estava fazendo a doação de cadeiras. - Quanto aos pacientes: a A. Cl. sumiu e a Alessandra está avançando pouco. A Renata acha que o problema é dela. - A pesquisadora perguntou de que maneira poderia auxiliar, mas não houve resposta naquele momento.

ANEXO 17 – Quadro 5 - Evolução do trabalho da Saúde na área de CAA ao longo do 1º ano de trabalho

Itens pesquisados	Unidade 1 Visita	Unidade 1 Follow up	Unidade 2 Visita	Unidade 2 Follow up	Unidade 3 Visita	Unidade 3 Follow up
Envolveram a direção no projeto		SIM	SIM	SIM		TENTARAM
Transmitiram as informações do curso para outros membros da equipe.	Psicóloga	SIM	Fisioterapeuta	SIM		SIM
Prepararam os símbolos.		SIM		SIM		SIM
Prepararam pranchas de comunicação.		SIM		SIM		INICIARAM
Realizaram adaptações para favorecer a escrita.						
Fizeram adaptação de jogos e brincadeiras.		SIM	Jogos: números e quantidade			SIM
Fizeram adaptação de atividades escolares.				SIM		SIM
Separaram o material para o kit de avaliação.	Boneca, banheira, embalagens, palavras e símbolos. Miniaturas de alimentos. Jogo de cores.	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Prepararam o kit de avaliação.		SIM		SIM		SIM
Elegeram os pacientes que precisam do trabalho de CAA.	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Criaram um horário para atendimento específico de CAA	SIM	SIM	Juntaram as crianças para atender 1 hora.		Atendimento em dupla em sala especial.	
Avaliaram os pacientes na área de CAA.		SIM		SIM		SIM
Iniciaram o trabalho de CAA.		SIM		SIM		SIM
Visitaram escolas e realizaram orientações.				SIM		SIM

ANEXO 17 – Quadro 5 - Evolução do trabalho da Saúde na área de CAA ao longo do 1º ano de trabalho

Itens pesquisados	Unidade 1 Visita	Unidade 1 Follow up	Unidade 2 Visita	Unidade 2 Follow up	Unidade 3 Visita	Unidade 3 Follow up
Trocaram informações com a professora de turma, professora itinerante ou professora da sala de recurso na Unidade de Saúde.		SIM				SIM
Indicaram escolas para os seus pacientes.		SIM		SIM		AS CRIANÇAS JÁ ESTAVAM NA ESCOLA
Impedimentos para implementação do trabalho de CAA		Aquisição e instalação do computador	Falta de brinquedos a pilha e cadeiras Espaço da sala muito pequeno.	Falta recursos materiais Falta espaço físico Falta apoio financeiro		Falta de recursos materiais Frequência irregular dos pacientes Pouco compromisso das famílias dos pacientes Falta de reconhecimento e incentivo da direção
Materiais que seriam necessários para o desenvolvimento do trabalho	Computador Xérox contact	Computador Colméia Máquina elétrica	Cartolina, <i>contact</i> , fotos, brinquedos a pilha, computador. Outra sala para atendimento.	Computadores adaptados Matérias permanentes Materiais de consumo	Computador, papel cartão, contact, cartolina. Material para confecção de pranchas. Filmadora, máquina fotográfica.	Computador Impressora Máquina fotográfica Filmadora Material de papelaria

ANEXO 17 – Quadro 5 - Evolução do trabalho da Saúde na área de CAA ao longo do 1º ano de trabalho

Itens pesquisados	Unidade 4 Visita	Unidade 4 Follow up	Unidade 5 Visita	Unidade 5 Follow up	Unidade 6 Visita	Unidade 6 Follow up
Envolveram a direção no projeto			Apresentaram o projeto		Comentaram com o coordenador	
Transmitiram as informações do curso para outros membros da equipe.		SIM	Médico e psicóloga	SIM	Fono infantil	SIM
Prepararam os símbolos.		SIM		SIM		SIM
Prepararam pranchas de comunicação.	SIM	SIM		SIM		
Realizaram adaptações para favorecer a escrita.						
Fizeram adaptação de jogos e brincadeiras.		SIM		SIM		
Fizeram adaptação de atividades escolares.						
Separaram o material para o kit de avaliação.		SIM		SIM	SIM	SIM
Prepararam o kit de avaliação.						
Elegeram os pacientes que precisam do trabalho de CAA.	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Criaram um horário para atendimento específico de CAA	Quarta à tarde porque é um dia mais tranquilo.	SIM	Atendimento em dupla por 40 minutos. Estão pensando em deixar à tarde de 5ª só para preparar material e atender CAA.	SIM	Pensaram em atendimento em dupla uma vez por semana.	
Avaliaram os pacientes na área de CAA.		SIM		SIM		
Iniciaram o trabalho de CAA.		SIM		SIM		
Visitaram escolas e realizaram orientações.						

ANEXO 17 – Quadro 5 - Evolução do trabalho da Saúde na área de CAA ao longo do 1º ano de trabalho

Itens pesquisados	Unidade 4 Visita	Unidade 4 Follow up	Unidade 5 Visita	Unidade 5 Follow up	Unidade 6 Visita	Unidade 6 Follow up
Trocaram informações com a professora de turma, professora itinerante ou professora da sala de recurso na Unidade de Saúde.						
Indicaram escolas para os seus pacientes.						SIM
Impedimentos para implementação do trabalho de CAA	Dificuldade de trabalho na Unidade. O narcotráfico é quem manda na unidade, exigindo o fechamento do posto em algumas situações.	Falta espaço. Devido a falta de espaço os profissionais não conseguem se encontrar no mesmo horário.	Falta de tempo para preparar o material. Querem fazer o trabalho clínico. Açam que o processo não deve envolver a alfabetização.	Tempo para confecção do material.		Dificuldade pessoal (TO)
Materiais que seriam necessários para o desenvolvimento do trabalho		Suporte de marcenaria Material de papelaria	Mouse adaptado, acionador e caixa de som.	<i>Contact</i> Cartolina Plano inclinado Papel ofício Pastas para as pranchas	Impressora, caixa de som e xérox.	Impressora e mouse adaptado

ANEXO 18 – Quadro 6 - Conteúdo trabalhado em cada supervisão da Saúde

Março:

- Apresentação das visitas realizadas as Unidades de saúde
- Apresentação dos filmes das crianças avaliadas nas visitas as Unidades.
- Correção dos dados sintetizados sobre as visitas pelos participantes do grupo.

Abril:

- Finalização das apresentações das visitas as Unidades.
- Apresentação do protocolo SETT⁵ para avaliação da CAA.

Maió:

- Avaliação de uma criança a partir do vídeo utilizando o formulário SETT. O formulário foi sendo discutido com o grupo no momento do preenchimento. Foram feitas sugestões para modificação de algumas traduções.

Junho:

- Apresentação do *kit* de avaliação de CAA.
- Discussões sobre as estratégias de confecção e utilização do *kit* de avaliação.
- Discussão do filme trazido por uma das unidades no atendimento de uma criança.

Julho:

- Discussão das estratégias de intervenção a partir dos vídeos trazidos por três Unidades

Agosto:

- Construção de pranchas de comunicação com possibilidade de impressão colorida no laboratório da UERJ.
- Cada Unidade apresentou o trabalho que estava fazendo.
- Os participantes levaram exemplos de adaptações de materiais escolares.

Setembro:

- Apresentação das leis sobre educação e educação especial. Definição dos conceitos e tipo de atendimentos na educação especial.
- Discussão do papel dos profissionais da saúde no trabalho da escola.
- Apresentação dos cadernos editados pelo MEC⁶ com orientações sobre o trabalho para os alunos com diferentes necessidades especiais.

Outubro:

- Fechamento do trabalho com o grupo de supervisão.
- Pós-teste
- Apresentação da síntese do projeto em 2005.
- Discussão de estratégias de encaminhamento para o trabalho conjunto com os professores em 2006.

Novembro:

- Participação no I Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa – ISAACBRASIL na UERJ.

⁵ SETT – *Student, Environment, Tasks and Tools*. Protocolo de avaliação de Tecnologia Assistiva adaptado por: Rothschild, N.; Swaine, J.; & Norris, L. (2001). Traduzido para português por Pelosi, M. 2005.

⁶ As publicações utilizadas na supervisão encontram-se nas referências bibliográficas.

ANEXO 19 – Tabela 3 - Conhecimento inicial e final dos profissionais da saúde em relação à tecnologia assistiva

Aspectos investigados	Pré-teste	Pós-teste	Percentual das respostas
a) Avaliar o paciente e determinar o melhor recurso de comunicação alternativa.	47%	58%	Sabiam avaliar a necessidade da CAA, mas não sabiam escolher o recurso.
	36%	0%	Não sabiam fazer.
	8%	36%	Já faziam isso na sua prática terapêutica
	6%	6%	Não tinham pessoas que necessitavam de recursos de CAA.
	3%	0%	Outros
a) Determinar respostas afirmativas e negativas das pessoas que não tem comunicação oral.	67%	67%	Declararam que nem sempre conseguiam perceber as respostas afirmativas e negativas das pessoas que não tem comunicação oral.
	25%	27%	Eram capazes de realizar com facilidade.
	6%	6%	Declararam que todas as pessoas se comunicavam através da fala.
	2%	0%	Outros
a) Indicação de adaptações para escrita.	65%	81%	Sabiam indicar o recurso.
	27%	7%	Disseram que não sabiam indicar.
	8%	6%	As pessoas acompanhadas não necessitavam de adaptações.
		6%	Outros
a) Indicações de acessórios para facilitar a escrita	49%	13%	Não sabiam indicar acessórios para facilitar a escrita
	43%	61%	Sabiam indicar acessórios para facilitar a escrita.
	3%	13%	Os pessoas acompanhadas não necessitavam de acessórios.
	5%	13%	Outros
a) Avaliar pessoas com necessidades especiais e determinar a melhor forma de acesso ao computador	69%	13%	Não sabiam avaliar.
	28%	80%	Sabiam avaliar.
	3%	0%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	0%	7%	Outro
b) Elaboração de pranchas de comunicação	44%	0%	Não sabiam construir pranchas.
	31%	33%	Usavam símbolos misturando recortes, fotos e pictogramas.
	17%	61%	Usam pranchas combinando recortes, fotos e símbolos.
	8%	6%	Não tinham pessoas com necessidades especiais que necessitavam de pranchas.

b) Utilização das pranchas	58%	0%	Não sabiam utilizar.
	33%	80%	Já fizeram algumas tentativas.
	6%	6%	Não tinham pessoas com necessidades especiais que necessitam de prancha.
	3%	14%	Outros.
b) Prancha como auxiliar no trabalho escolar	60%	0%	Não sabiam utilizar.
	20%	29%	Não atendiam pessoas em idade escolar.
	14%	35%	Já tinham feito alguma tentativa.
	6%	36%	Outros.
b) Uso de comunicador artesanal em forma de relógio	83%	7%	Não sabiam utilizar
	11%	67%	Sabiam utilizar
	6%	6%	Não atendiam pessoas que necessitavam de comunicador artesanal.
	0%	20%	Outros
b) Confeção de acionador em forma de relógio	94%	7%	Não sabiam confeccionar
	3%	67%	Sabiam confeccionar.
	3%	6%	Não atendiam pessoas que necessitavam de comunicador artesanal.
	0%	20%	Outros
b) Uso de acionador	74%	7%	Não sabiam utilizar.
	14%	73%	Já fizeram algumas tentativas.
	6%	6%	Não atendiam pessoas que necessitavam de prancha.
	6%	14%	Outros.
b) Confeção de acionadores artesanais	82%	14%	Não sabiam confeccionar.
	9%	40%	Outros
	6%	40%	Sabiam confeccionar
	3%	6%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
b) Uso de interruptores de pilha	85%	7%	Não sabiam utilizar.
	11%	80%	Sabiam utilizar.
	3%	6%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	3%	7%	Outros.
b) Confeção de interruptores de pilha	85%	7%	Não sabiam utilizar.
	3%	21%	Sabiam utilizar.
	3%	0%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	9%	43%	Outros.
b) Uso de comunicadores de voz	91%	7%	Não sabiam utilizar.
	6%	50%	Sabiam utilizar.
	3%	43%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.

b) Uso de máquina de escrever	81%	20%	Não sabiam utilizar
	14%	47%	Sabiam utilizar
	5%	20%	Não atendiam pessoas que necessitavam de máquina de escrever.
	0%	13%	Outro
b) Uso do computador com editor de texto	84%	47%	Não sabiam utilizar.
	13%	33%	Sabiam utilizar.
	3%	0%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	0%	20%	Outro
b) Uso do computador com <i>software</i> educativo	85%	27%	Não sabiam utilizar.
	12%	53%	Sabiam utilizar.
	3%	6%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	0%	7%	Outro
b) Uso de adaptações para facilitar o teclado	0%	20%	Não sabia utilizar
	20%	53%	Sabiam utilizar.
	5%	7%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	3%	13%	Outros.
b) Uso de colméia no teclado	92%	57%	Não sabiam utilizar.
	6%	43%	Sabiam utilizar.
	2%	0%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
b) Uso de teclado expandido	92%	79%	Não sabiam utilizar.
	6%	21%	Sabiam utilizar.
	2%	0%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
b) Uso de computador com <i>mouse</i> adaptado	86%	35%	Não sabiam utilizar.
	11%	43%	Sabiam utilizar.
	3%		Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	0%	21%	Outro
b) Uso de computador com <i>softwares</i> especiais para escrita	88%	57%	Não sabiam utilizar
	9%	43%	Sabiam utilizar
	3%	0%	Não atendiam pessoas que necessitavam de do recurso.
c) Adaptação de trabalhos escolares	49%	0%	Disseram que não sabiam fazer.
	26%	29%	Não atendiam pessoas em fase escolar.
	20%	50%	Já tinham feito alguma tentativa.
	5%	21%	Outros.

c) Uso de letras e outros materiais para facilitar a escrita	42%	0%	Não sabiam utilizar
	39%	73%	Sabiam indicar o recurso.
	11%	0%	Não atendiam pessoas com dificuldades de escrita.
	8%	27%	Outros
c) Avaliar pessoas com necessidades especiais e determinar a necessidade de adaptação do material escolar	50%	13%	Não sabiam avaliar.
	24%	40%	Sabiam avaliar.
	18%	7%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	8%	40%	Outros
c) Avaliar o estágio de alfabetização em que a criança se encontra	49%	60%	Não sabiam fazer
	20%	27%	Sabiam fazer
	23%	13%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	8%	0%	Outros
c) Recursos para adaptação de atividades de matemática	63%	33%	Não sabiam fazer.
	9%	47%	Sabiam fazer
	17%	7%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	11%	13%	Outros.
c) Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita	63%	13%	Não sabiam fazer
	11%	53%	Sabiam fazer
	17%	13%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	9%	20%	Outros.
c) Adaptação de provas	77%	50%	Não sabiam fazer
	3%	0%	Sabiam fazer
	14%	14%	Não atendiam pessoas que necessitavam do recurso.
	6%	36%	Outros.

- a) Avaliação e compreensão das respostas
- b) Elaboração e utilização dos recursos de Tecnologia Assistiva
- c) Adaptação de atividades escolares

ANEXO 20 – Quadro 7

O que pensam as unidades de saúde sobre o trabalho conjunto com os professores do município.

Unidades	Opinião sobre o trabalho conjunto da saúde e educação para favorecer a inclusão escolar	Papel do terapeuta ocupacional e fonoaudiólogo	Como contribuir para amenizar a pouca oferta de atendimento de crianças em idade escolar
Unidade 1	“Necessário. A parte prática desse trabalho deve facilitar a troca entre os dois serviços (Saúde e Educação)”.	“Orientação, supervisão, pesquisa e troca de idéias”.	“Já oferecemos serviço de atendimento a crianças de 07 a 17 anos. O que pode contribuir para facilitar maior troca entre a saúde e a educação”.
Unidade 2	“Ótimo, pois achamos de suma importância a interação saúde X educação para continuidade do trabalho e melhor evolução”.	“Integração dos profissionais da saúde orientando e trocando informações junto aos professores e coordenadores. Promovendo prevenção direcionada às crianças em idade escolar”.	“Priorizando a integração da saúde com a educação”.
Unidade 3	“Essencial para o desenvolvimento das crianças”.	“Viabilizar o conhecimento dos recursos e adaptações que auxiliem as atividades escolares e o desenvolvimento cognitivo, lingüístico e motor das crianças”.	“Oferecendo suporte escolar através de visitas com identificação das necessidades das crianças inseridas nessas escolas”.
Unidade 4	“Deve haver o estabelecimento de regra e normas operacionais do trabalho a ser desenvolvido para que seja possível alcançar os objetivos do projeto”.	“Seríamos um facilitador auxiliando o educador na visão psicomotora dentro de cada déficit encontrado, operacionalizando e organizando as atividades”.	“Reservando um horário para atendimento e orientação dessa clientela”.
Unidade 5	“Interessante para conhecermos como funciona a área da educação”.	“Orientar a organizar o paciente para o melhor aprendizado do mesmo”.	“Fazendo orientações as mães e professores”.
Unidade 6	“Fundamental para a qualidade da assistência”.	“Orientação dos professores, supervisão das atividades e adaptação dos materiais”.	“Propor uma orientação mensal para essas crianças”.

ANEXO 21 – Quadro 8 – Correspondência entre as Unidades de Saúde e as CREs

	Unidade 1	Unidade 2	Unidade 3	Unidade 4	Unidade 5	Unidade 6	Unidade 7
1a CRE	X						
2a CRE	X						
3a CRE			X			X	
4a CRE					X	X	
5a CRE			X			X	
6a CRE			X			X	
7a CRE			X	X			
8a CRE				X			
9a CRE							X
10a CRE		X					X

Anexo 22 – Instrumento 8 – Questionário inicial encaminhado aos professores participantes do curso de formação e da supervisão

Caro participante,

Esse questionário faz parte do projeto de formação de professores itinerantes para o uso da tecnologia assistiva que terá início em março de 2005. O principal objetivo do projeto será promover ações integradas da área de saúde e educação no processo de inclusão escolar. Nesse questionário não há perguntas certas ou erradas, suas respostas nos ajudarão a organizar o conteúdo do curso de formação e das supervisões.

Obrigada por sua participação,

Miryam Pelosi

Dados pessoais:

1. Nome do participante: _____
2. Idade: _____ 3. E-mail: _____
4. Tel: _____

Formação:

5. Qual a sua graduação? _____
6. Quando você concluiu o curso? _____
7. Você realizou curso de especialização, mestrado ou doutorado? Especifique: _____

8. Você já fez algum curso de Comunicação Alternativa?

_____ Sim _____ Não

Em que ano? _____

Com quem? _____

Qual a duração do curso? _____

Caso você não tenha feito um curso de CAA como você aprendeu a trabalhar com essas estratégias?

9. Gostaria que você assinalasse com um X todos os recursos que você já teve oportunidade de **utilizar** no processo de inclusão escolar.

Adaptação de atividades escolares como provas, interpretação de texto e atividades de múltipla escolha. Exemplifique o tipo de adaptação que você já realizou: _____

Pranchas para facilitar a comunicação

Pranchas para auxiliar no trabalho escolar

Símbolos soltos (objetos, fotografias ou símbolos gráficos). Especifique: _____

Letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita da criança com dificuldade motora. Especifique quais os materiais que já utilizou: _____

Comunicador artesanal em forma de relógio

Acionador com brinquedo adaptado. Especifique o tipo de acionador: _____

Interruptores de pilha

Comunicador com voz. Especifique: _____

Máquina elétrica

Computador com editor de texto.

Computador com *software* educativo. Quais? _____

Adaptações para facilitar o teclado como órteses, pulseira de peso, etc. Quais adaptações você utilizou? _____

Colméia de acrílico sobre o teclado da máquina ou do computador

Computador com teclado expandido

Computador com *mouse* adaptado. Que tipo de acionador você utilizou? _____

Computador com *softwares* especiais para escrita. Quais os *softwares* que você utilizou? _____

Outros recursos. Especifique: _____

Organização do curso e da supervisão:

13. A Tecnologia Assistiva engloba áreas como a **Comunicação Alternativa e Ampliada**, as adaptações de acesso ao computador; equipamentos de auxílio para visão e audição; controle do meio ambiente, adaptação de jogos e brincadeiras; adaptações da postura sentada; mobilidade alternativa; próteses e, a integração dessa tecnologia nos diferentes ambientes como a casa, a escola, a comunidade e o local de trabalho.

O nosso curso será sobre tecnologia assistiva. Para que possamos aprofundar nossos conhecimentos nessa área marque com um X **como você utiliza** os recursos abaixo relacionados.

Comunicação alternativa:

Recursos de Tecnologia assistiva	Com certeza	Com dúvida	Não sei
Reconhecer respostas afirmativas e negativas da criança que não tem comunicação oral			
Utilização de adaptações para escrita (engrossadores, lápis especiais, órteses)			
Utilização de acessórios para facilitar o escrever (pulseira de peso, restringidor de ombros, extensor de cotovelo, etc.)			
Utilização de pranchas de comunicação			
Utilização da prancha como auxiliar no trabalho escolar			
Adaptação de trabalhos escolares			
Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita da criança com dificuldade motora			
Uso de comunicador artesanal em forma de relógio			
Uso de acionador			
Uso de comunicadores com voz			
Uso de máquina elétrica			

Acesso ao computador:

Recursos de Tecnologia assistiva	Com certeza	Com dúvida	Não sei
Reconhecer a criança que pode utilizar o computador como recurso alternativo de escrita			
Uso do computador com editor de texto			
Uso do computador com <i>software</i> educativo			
Uso de adaptações para facilitar o teclado como órteses, pulseira de peso, etc.			
Uso de colméia no teclado			
Uso do computador com teclado expandido			
Uso do computador com <i>mouse</i> adaptado			
Uso do computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.			

Adaptação do material escolar:

Recursos de Tecnologia assistiva	Com certeza	Com dúvida	Não sei
Identificar as crianças que necessitam de adaptação do material escolar			
Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra (pré-silábica, silábica, alfabética, ou fases de transição)			
Recursos para adaptação de atividades de matemática			
Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita			
Adaptação de provas			
Adaptação curricular			
Dar orientações ao professor de turma			
Dar orientações aos funcionários da escola			

14. Gostaria de agradecer sua participação e saber suas sugestões para o curso de formação e / ou para a supervisão em tecnologia assistiva _____

15. Gostaríamos de organizar um curso / supervisão que atendesse as suas necessidades. Assinale os itens mais interessantes para você.

Aulas expositivas

Aulas práticas

Estudo de textos em sala

Discussão de textos lidos em casa

Oficinas utilizando a informática

Discussão de casos filmados

Grupos de trabalho

Outros: _____

Obrigada por sua participação!

ANEXO 23 - Tabela 4

Atividades desempenhadas pelos Professores Itinerantes

Atividades desempenhadas pelo Professor Itinerante	Frequência
CAA escrita (caderno de pauta larga, cópia com carbono, uso de figuras, adaptação de atividades em múltipla escolha, uso de letras e sílabas móveis).	58%
Trabalho de alfabetização, produção de textos, construção de livros (leitura e escrita)	51%
Atividades extras com livros, jogos, músicas com o objetivo de reforçar o trabalho da professora e favorecer a compreensão e assimilação do conteúdo.	45%
Orientação aos professores, adaptação de provas e atividades.	38%
Adaptação das atividades escolares	35%
Auxílio ao aluno durante a aula do professor regente	35%
CAA – Uso de recursos para estimular a comunicação oral	14%
Apoio à matemática	13%
Estimulação de linguagem	11%
Atenção, concentração, memória e raciocínio.	10%
Trabalho com objetos concretos (casinha de boneca e blocos).	9%
Exercícios extras para reforço	8%
Adaptação de cadeira na Oficina Vivencial, confecção de mesa, adaptação de recurso para escrita.	8%
Estimulam o desenvolvimento cognitivo	7%
Computador	6%
Treino da escrita manuscrita, trabalho grafo-motor.	5%
Buscam a promoção da autonomia e autoconfiança do aluno	4%
Procura trabalhar a postura do aluno	4%
Percepção visual	4%
Realizam estimulação tátil, visual ou auditiva.	3%
Coordenação motora	3%
CAA – Compreensão das respostas afirmativas e negativas da criança	2%
Exploração do meio	2%
Adaptações e órteses para a escrita	2%
Promove a interação social	2%
Treino e apoio para o recorte, a colagem e a pintura.	2%
Troca de informações com Unidade de Saúde	2%
Trabalho ortográfico	1%
Material para alunos deficientes visuais (trabalho em relevo, texto em Braille, escrita com máquina e reglete).	1%

ANEXO 24 - Quadro 9

Ações realizadas pelos professores itinerantes

Exemplos de ações já realizadas pelos professores itinerantes
<ul style="list-style-type: none">• “Atividades de múltipla escolha com figuras como apoio.”
<ul style="list-style-type: none">• “Adaptação de livros de literatura infantil, objetos concretos e interpretação de textos e músicas”.
<ul style="list-style-type: none">• “Cópia do texto e perguntas para o aluno para que ele use o seu tempo só para responder”.
<ul style="list-style-type: none">• “Redução do número de opções e adaptações para assinalar V ou F”.
<ul style="list-style-type: none">• “Provas, interpretação de textos e exercícios de gramática com múltipla escolha, rastrear textos para que o aluno sinalize as respostas, apontar as várias opções de um exercício para que o aluno sinalize a resposta”.
<ul style="list-style-type: none">• “Provas e atividades com múltipla escolha, preencher lacunas, correlacionar colunas ou prova oral”.
<ul style="list-style-type: none">• “Adaptação de provas, reescrevendo em caixa alta e simplificando o tipo de resposta”.
<ul style="list-style-type: none">• “Auxiliar na leitura, marcar a resposta, resposta em papel para ser colada”.
<ul style="list-style-type: none">• “Leitura compartilhada, interpretação oral, matemática com material concreto”.
<ul style="list-style-type: none">• “Adaptação de prova escrita para oral e múltipla escolha. Leitura e interpretação ampliada e material imantado”.
<ul style="list-style-type: none">• “Provas adaptadas com um número menor de questões e com estratégias diferenciadas como múltipla escolha, ligar, entre outras. Textos resumidos e destacados por frases com uso de figuras que apoiem a interpretação”.

ANEXO 25 - Tabela 5

Conhecimento inicial dos participantes do curso – Estudo II – Etapa 2 - Pré-teste

Comunicação alternativa:	Com certeza	Com dúvida	Não sei	Não marcou
Reconhecer respostas afirmativas e negativas da criança que não tem comunicação oral	52%	33%	11%	4%
Utilização de adaptações para escrita	19%	52%	19%	11%
Utilização de acessórios para facilitar o escrever	4%	30%	59%	7%
Utilização de pranchas de comunicação	11%	63%	15%	11%
Utilização da prancha como auxiliar no trabalho escolar	30%	48%	11%	11%
Adaptação de trabalhos escolares	37%	63%	0%	0%
Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados	70%	15%	11%	4%
Uso de comunicador artesanal em forma de relógio	7%	22%	67%	4%
Uso de acionador	15%	15%	63%	7%
Uso de comunicadores com voz	0%	4%	89%	7%
Uso de máquina elétrica	26%	22%	52%	0%

Acesso ao computador

Reconhecer a criança que pode utilizar o computador como recurso alternativo de escrita	26%	48%	26%	0%
Uso do computador com editor de texto	15%	37%	44%	4%
Uso do computador com <i>software</i> educativo	15%	26%	56%	4%
Uso de adaptações para facilitar o teclado	0%	19%	74%	7%
Uso de colméia no teclado	15%	22%	59%	4%
Uso do computador com teclado expandido	7%	11%	78%	4%
Uso do computador com <i>mouse</i> adaptado	11%	26%	59%	4%
Uso do computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.	0%	26%	70%	4%

Adaptação do material escolar

Identificar as crianças que necessitam de adaptação do material escolar	70%	22%	0%	7%
Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra	30%	63%	0%	7%
Recursos para adaptação de atividades de matemática	30%	44%	19%	7%
Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita	33%	52%	7%	7%
Adaptação de provas	26%	44%	15%	15%
Adaptação curricular	19%	59%	7%	15%
Dar orientações ao professor de turma	33%	56%	0%	11%
Dar orientações aos funcionários da escola	30%	56%	0%	15%

Anexo 26– Instrumento 9 - Questionário final dos professores

Caro participante,

Esse questionário encerra o projeto de formação de professores itinerantes para o uso da tecnologia assistiva no ano de 2005. Gostaria da sua colaboração para analisar essa fase do projeto.

Obrigada por sua participação,

Miryam Pelosi

2. Nome do participante: _____

2. Gostaria que você assinalasse com um X todos os recursos que você teve oportunidade de **utilizar durante esse ano** no processo de inclusão escolar.

- Adaptação de atividades escolares como provas, interpretação de texto e atividades de múltipla escolha.
- Pranchas para facilitar a comunicação
- Pranchas para auxiliar no trabalho escolar
- Símbolos soltos (objetos, fotografias ou símbolos gráficos).
- Letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita da criança com dificuldade motora.
- Comunicador artesanal em forma de relógio
- Acionador com brinquedo adaptado.
- Interruptores de pilha
- Comunicador com voz.
- Máquina elétrica
- Computador com editor de texto.
- Computador com *software* educativo.
- Adaptações para facilitar o teclado como órteses, pulseira de peso, etc.
- Colméia de acrílico sobre o teclado da máquina ou do computador
- Computador com teclado expandido
- Computador com *mouse* adaptado.
- Computador com *softwares* especiais para escrita.
- Outros recursos. Especifique: _____

3. Gostaria que você assinalasse com um X todos os recursos que você já teve oportunidade de **confeccionar** para auxiliar o processo de inclusão escolar.

- Pranchas para facilitar a comunicação.
- Pranchas para auxiliar o trabalho pedagógico.
- Confeção do acionador em forma de relógio
- Confeção de acionadores artesanais
- Confeção de interruptores de pilha
- Confeção de jogos.
- Confeção de adaptações de atividades escolares

4. Durante esse ano você acompanhou alguma criança em conjunto com um terapeuta ocupacional ou fonoaudiólogo? Como você classificaria essa experiência conjunta? Justifique: _____

5. Em sua opinião como o trabalho desenvolvido no curso/supervisão contribuiu para o processo de inclusão escolar das crianças que você acompanha. _____

6. Qual a sua opinião sobre o trabalho conjunto que será realizado com os profissionais da saúde no próximo ano visando favorecer a inclusão das crianças nas escolas do município? _____

7. Assinale com um X como você se sente em relação aos itens abaixo.

Comunicação alternativa:	Com certeza	Com dúvida	Não sei
Reconhecer respostas afirmativas e negativas da criança que não tem comunicação oral			
Utilização de adaptações para escrita (engrossadores, lápis especiais, órteses)			
Utilização de acessórios para facilitar o escrever (pulseira de peso, restringidor de ombros, extensor de cotovelo, etc.)			
Utilização de pranchas de comunicação			
Utilização da prancha como auxiliar no trabalho escolar			
Adaptação de trabalhos escolares			
Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita da criança com dificuldade motora			
Uso de comunicador artesanal em forma de relógio			
Uso de acionador			
Uso de comunicadores com voz			
Uso de máquina elétrica			

Acesso ao computador:	Com certeza	Com dúvida	Não sei
Reconhecer a criança que pode utilizar o computador como recurso alternativo de escrita			
Uso do computador com editor de texto			
Uso do computador com <i>software</i> educativo			
Uso de adaptações para facilitar o teclado como órteses, pulseira de peso, etc.			
Uso de colméia no teclado			
Uso do computador com teclado expandido			
Uso do computador com <i>mouse</i> adaptado			
Uso do computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.			

Adaptação do material escolar:	Com certeza	Com dúvida	Não sei
Identificar as crianças que necessitam de adaptação do material escolar			
Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra (pré-silábica, silábica, alfabética, ou fases de transição)			
Recursos para adaptação de atividades de matemática			
Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita			
Adaptação de provas			
Adaptação curricular			
Dar orientações ao professor de turma			
Dar orientações aos funcionários da escola			

Obrigada por sua participação!

ANEXO 27 - Tabela 6

Utilização dos recursos de CAA – Estudo II – Etapa 2 - Pré-teste e Pós-teste

Recursos que teve oportunidade de utilizar	Pré-teste	Pós-teste
• Adaptação de atividades escolares como provas, interpretação de texto e atividades de múltipla escolha.	70%	75%
• Pranchas para facilitar a comunicação	41%	55%
• Pranchas para auxiliar no trabalho escolar	48%	80%
• Símbolos soltos (objetos, fotografias ou símbolos gráficos).	56%	95%
• Letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita da criança com dificuldade motora.	59%	95%
• Comunicador artesanal em forma de relógio	0%	0%
• Acionador com brinquedo adaptado.	7%	20%
• Interruptores de pilha	0%	10%
• Comunicador com voz.	0%	5%
• Máquina elétrica	11%	20%
• Computador com editor de texto.	19%	25%
• Computador com <i>software</i> educativo.	19%	35%
• Adaptações para facilitar o teclar.	7%	25%
• Colméia de acrílico	5%	5%
• Computador com teclado expandido	0%	0%
• Computador com <i>mouse</i> adaptado.	19%	20%
• Computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.	10%	10%

Recurso que teve a oportunidade de confeccionar

• Pranchas para facilitar a comunicação.	37%	70%
• Pranchas para auxiliar o trabalho pedagógico.	41%	85%
• Confeção do acionador em forma de relógio	0%	20%
• Confeção de acionadores artesanais	4%	35%
• Confeção de interruptores de pilha	0%	30%
• Confeção de jogos.	26%	75%
• Confeção de adaptações de atividades escolares	41%	90%

Anexo 28 - Tabela 7

**Conhecimento inicial e final dos participantes do curso – Estudo II – Etapa 2
Pré-teste e Pós-teste**

Comunicação alternativa:	Com Certeza PRÉ- TESTE	Com Certeza PÓS- TESTE	Com Dúvida PRÉ- TESTE	Com Dúvida PÓS- TESTE	Não sei PRÉ- TESTE	Não sei PÓS- TESTE
Reconhecer respostas afirmativas e negativas da criança que não tem comunicação oral	52%	40%	33%	50%	11%	0%
Utilização de adaptações para escrita	19%	60%	52%	25%	19%	5%
Utilização de acessórios para facilitar o escrever	4%	15%	30%	55%	59%	15%
Utilização de pranchas de comunicação	11%	65%	63%	20%	15%	0%
Utilização da prancha como auxiliar no trabalho escolar	30%	80%	48%	5%	11%	0%
Adaptação de trabalhos escolares	37%	75%	63%	10%	0%	0%
Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita	70%	85%	15%	0%	11%	0%
Uso de comunicador artesanal em forma de relógio	7%	20%	22%	60%	67%	0%
Uso de acionador	15%	45%	15%	45%	63%	0%
Uso de comunicadores com voz	0%	0%	4%	65%	89%	20%
Uso de máquina elétrica	26%	55%	22%	15%	52%	15%

Acesso ao computador

Reconhecer a criança que pode utilizar o computador como recurso alternativo de escrita	26%	65%	48%	25%	26%	0%
Uso do computador com editor de texto	15%	35%	37%	35%	44%	15%
Uso do computador com <i>software</i> educativo	15%	35%	26%	35%	56%	15%
Uso de adaptações para facilitar o teclar	0%	20%	19%	50%	74%	15%
Uso de colméia no teclado	15%	25%	22%	40%	59%	20%
Uso do computador com teclado expandido	7%	20%	11%	45%	78%	20%
Uso do computador com <i>mouse</i> adaptado	11%	30%	26%	30%	59%	25%
Uso do computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.	0%	10%	26%	50%	70%	25%

Adaptação do material escolar

Identificar as crianças que necessitam de adaptação do material escolar	70%	80%	22%	5%	0%	0%
Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra (pré-silábica, silábica, alfabética, ou fases de transição)	30%	65%	63%	20%	0%	0%
Recursos para adaptação de atividades de matemática	30%	50%	44%	30%	19%	0%
Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita	33%	70%	52%	15%	7%	0%
Adaptação de provas	26%	45%	44%	35%	15%	0%
Adaptação curricular	19%	30%	59%	55%	7%	0%
Dar orientações ao professor de turma	33%	65%	56%	15%	0%	0%
Dar orientações aos funcionários da escola	30%	65%	56%	20%	0%	0%

Anexo 29 - Quadro 10

Síntese das supervisões da Educação nos meses de março a novembro – Estudo II – Etapa3

Supervisão	Março	Abril	Maio
Conteúdo	Aspectos básicos da Comunicação Alternativa e Ampliada: símbolos, recursos, estratégias e técnicas.	Construção de pranchas de comunicação utilizando o <i>software Boardmaker</i> . O trabalho foi realizado no laboratório de informática do IHA.	Construção de pranchas de comunicação utilizando o <i>software Boardmaker</i> .
Discussão	Ficou claro para o grupo que os conceitos básicos já estavam estabelecidos e que eles precisavam aprofundar alguns aspectos.	Não houve nenhuma discussão com o grupo. Todos aproveitaram a aula prática para retomar o contato com o computador e relembrar as funções do <i>software</i> .	O trabalho foi realizado na Oficina Vivencial. Havia seis computadores disponíveis para o trabalho. Os participantes agruparam-se em duplas ou grupos com três pessoas.
Propostas	Atividades práticas, aulas no laboratório de informática para a construção de pranchas de comunicação e discussão de casos.	Continuidade das atividades práticas.	A J. sugeriu e os demais professores concordaram em organizar um CD de figuras para ser distribuído para o grupo. Cada professor traria as figuras que selecionasse em CD, disquete, ou mesmo, em papel para serem escaneadas.
Comentário	O grupo pareceu motivado em aprofundar os temas da CAA. A maior parte das pessoas já havia feito cursos anteriores com a pesquisadora.	Foi uma atividade prática difícil. Alguns computadores não funcionaram direito. Não foi possível imprimir as pranchas de comunicação produzidas pelo grupo porque não havia impressora disponível.	O grupo solicitou a continuidade do trabalho prático de construção de pranchas de comunicação. Mostraram-se preocupados com a dificuldade de acesso ao <i>software Boardmaker</i> e consideraram útil o aprendizado de construção de pranchas com o auxílio do <i>software Word</i> .
Material entregue ao grupo	Apostila: Conversando sobre a Comunicação Alternativa.		
O que trouxeram			A J. trouxe uma prancha de comunicação de idéias encadeadas para mostrar para o grupo.
O que falam os professores de turma?			

Anexo 29 - Quadro 10

Síntese das supervisões da Educação nos meses de março a novembro – Estudo II – Etapa3

Supervisão	Junho	Julho
Conteúdo	Construção de pranchas de comunicação utilizando o <i>software Word</i> e o banco de figuras selecionadas pela pesquisadora.	Tópico para ser discutido com o grupo: Como resolver a dificuldade de construção das pranchas de comunicação?
Discussão	Os PIs não têm tempo suficiente para construir pranchas de comunicação. É um processo muito demorado que exige domínio do computador, uso de <i>software</i> especializado, acesso a impressora com tinta colorida.	Os professores questionam se o professor de turma quer uma prancha de comunicação. O professor de turma está preocupado com o conteúdo, e não, em conversar com o aluno.
Propostas	O grupo sugeriu a construção de pranchas que pudessem ser socializadas para todos os professores itinerantes. Surgiu a idéia de construir um banco de pranchas que pudessem ser emprestadas e armazenadas pela Oficina Vivencial.	A idéia de construção de um banco de pranchas volta a ser discutida. O grupo considera que não basta ter o programa e saber usar o computador para que o professor seja capaz de construir pranchas funcionais. Sugerem o armazenamento do material nas CREs, nas salas de recurso e na Oficina Vivencial. A pesquisadora sugere que os professores pensem nos conteúdos das pranchas e façam anotações no papel.
Comentário	A pesquisadora teve que levar a sua impressora com seus cartuchos de tinta para viabilizar que as pranchas de comunicação pudessem ser impressas. No IHA não havia nenhuma impressora com tinta disponível para o trabalho. O grupo não está caminhando. Conversam muito, parecem felizes em poderem se encontrar, mas não concretizam as ações que se propõem a fazer. Nenhum dos participantes trouxe as figuras.	Os professores parecem estar buscando soluções, mas esse movimento não é suficiente para transformar a sua prática. A equipe da Oficina Vivencial ofereceu os computadores da Oficina para a construção das pranchas de comunicação, mas os professores não foram desenvolver o trabalho.
Material entregue ao grupo	CD com figuras e fotografias para a construção de pranchas de comunicação e Guia de referência de como utilizar o <i>software Word</i> para a construção de pranchas de comunicação.	
O que trouxeram	A J. trouxe o seu caderno de atividades e exemplos de pranchas de comunicação para mostrar ao grupo.	
O que falam os professores de turma?		

Anexo 29 - Quadro 10

Síntese das supervisões da Educação nos meses de março a novembro – Estudo II – Etapa3

Supervisão	Agosto
Conteúdo	Tópico para ser discutido com o grupo: Como implementar a CAA na escola?
Discussão	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A professora de turma não utiliza os recursos que o professor faz. Em geral o uso da prancha ou trabalhos adaptados só acontece na presença do PI. ▪ Os professores da escola especial estão mais envolvidos, mas também não conseguem fazer as adaptações. ▪ O município não tem um trabalho efetivo de CAA. A CAA ainda não faz parte da cultura da escola. O professor utiliza a letra móvel porque faz parte da sua necessidade mais imediata. ▪ A maior parte dos PIs sente necessidade de uma prancha de comunicação mais completa com informações sociais para poderem conversar com seus alunos. ▪ Os professores da escola regular não demonstram angústia com a limitação da comunicação. O sorriso ou o movimento de cabeça são suficientes. ▪ A família também não colabora com a implementação da prancha de comunicação. Achem que entendem tudo. ▪ O primeiro passo é “ganhar” o professor de turma. ▪ Os PIs em geral não encontram as famílias. ▪ Em algumas escolas a comunidade leva até as janelas. É impossível ter materiais especiais para os alunos. ▪ Os professores de turma se angustiam por acompanhar 40 alunos na classe regular. ▪ Muitas escolas têm problemas sérios de disciplina. ▪ O PI é um “bombeiro”. Vai a escola apagar incêndios. ▪ Adaptar a atividade na frente do professor é uma maneira de capacitar o professor. O professor de turma não o trabalho de CAA porque o PI também não utiliza pranchas de comunicação em suas intervenções. ▪ A prancha de comunicação é um objetivo de trabalho do PI.
Propostas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Criação de outras salas de recurso de CAA que seriam responsáveis pela criação das pranchas de comunicação e materiais adaptados. Seria um espaço para o professor itinerante construir o seu material. ▪ Criação de um Centro de Referência para cada CRE ▪ Os PIs não deveriam ter alunos fixos. ▪ Algumas vezes o próprio PI tem dificuldade de pensar nas adaptações. ▪ Em algumas situações o coordenador pedagógico espera que o PI “dê um jeito no professor de turma”. ▪ Se cada um fizer o seu trabalho tudo vai funcionar. ▪ Para que a mudança ocorra é necessário que o trabalho seja feito com o coordenador pedagógico, diretor e professor de turma.
Comentário	<p>Os professores conseguiram pensar em estratégias para 2006 depois de discutirem as razões que impedem a implementação da CAA na escola.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelecer um número máximo de alunos para o PI. ▪ O PI precisa de tempo e espaço físico para confecção de materiais. Não há espaço para confecção de material nas CREs. ▪ Reuniões entre os PIs para que não se sintam tão solitários. Os PIs precisam estar mais próximos das equipes. ▪ A necessidade de um plano de trabalho para cada aluno. O PI acaba fazendo um trabalho pontual. ▪ Falta a definição do papel do PI.
Material entregue	
O que trouxeram	A O. e a C. trouxeram a filmagem de dois alunos, mas a filmadora não funcionou.
Professores	“Eu não acredito nessa inclusão selvagem”.

Anexo 29 - Quadro 10

Síntese das supervisões da Educação nos meses de março a novembro – Estudo II – Etapa3

Supervisão	Outubro
Conteúdo	Discussão de casos de alunos que necessitam de CAA
Discussão	<ul style="list-style-type: none">• O maior problema da escola são os alunos com problemas sociais. Alunos com problemas motores ou outras necessidades especiais não são o maior problema da escola.• Algumas professoras de turma nem, ao menos, se despedem do PI.• O Sarah tem auxiliado na construção de pranchas de comunicação e adaptação de acesso ao computador.• Os alunos têm dificuldades em freqüentar a sala de recurso em função da distância de suas casas.• Há outros casos de crianças que escrevem com o pé. Uma utiliza uma prancha inclinada
Propostas	Convidar o Fábio um ex-aluno da escola pública que tem dificuldade motora e que atualmente freqüenta a Universidade Estácio de Sá para dar uma palestra de sensibilização dos professores.
Comentário	Os professores auxiliaram seus colegas dando sugestões para os casos apresentados.
Material entregue ao grupo	
O que trouxeram	A O. trouxe um filme de uma criança escrevendo com o pé. Era uma criança com quadro de paralisia cerebral atetóide que apresentava comunicação oral.
O que falam os professores de turma?	“Vocês inventam a inclusão e depois é a gente que sofre”.

Anexo 29 - Quadro 10

Síntese das supervisões da Educação nos meses de março a novembro – Estudo II – Etapa3

Supervisão	Novembro
Conteúdo	Apresentação da síntese das supervisões, lista de alunos com necessidades especiais que são acompanhados nas unidades de saúde do município. Complementação dos dados com o auxílio do grupo. Pós-teste.
Discussão	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os professores têm que fazer a prancha e experimentar com seus alunos porque para apresentar alternativas para a comunicação é necessário ter o material. ▪ É preciso sistematizar as estratégias. Pode-se fazer um relógio com as atividades do aluno para determinar em que situações a CAA poderá ser implementada. A família tem que ser orientada de maneira clara e objetiva. ▪ É necessária uma ação conjunta entre o PI e o professor da sala de recurso. ▪ O PI de DF não pode ter dúvidas de que o aluno precisa se comunicar. ▪ A escola não está ouvindo ninguém. Se o aluno que é capaz de falar não está sendo ouvido, imagine o nosso. Por isso só basta balançar a cabeça.
Propostas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Implementação da CAA no início da escolaridade, antes do 1º ciclo. Maior prioridade do trabalho do PI para as crianças pequenas. Nesse trabalho a parceria com a saúde seria fundamental. ▪ O grupo reconsiderou a proposta de criação de outros Centros de Referências no município. Aham que o Centro de referência é a Oficina Vivencial. Sugeriram a criação de outros pólos com salas de recursos e espaço para estudos e pesquisa. ▪ Trabalho conjunto com os terapeutas em 2006 com encontros mensais. Cada CRE trará sugestões de alunos que poderão ser acompanhados no projeto de 2006. Os alunos selecionados devem precisar do trabalho dos profissionais da saúde para auxiliar seu processo de inclusão escolar.
Comentário	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O grupo ficou muito mobilizado com a síntese do trabalho. Surgiram comentários como: ▪ “É preciso fazer alguma coisa, olha quantos anos já se passaram, tem muito tempo”. ▪ “Entro em depressão lendo essa síntese. Já fiz duas pranchas e tive dificuldade em usar. A gente se preocupa muito com o conteúdo, é muita matéria, tem muitos textos e contas. É necessário primeiro sensibilizar o PI sobre a necessidade do uso do recurso para que ele possa utilizar com seu aluno.”
Material entregue	Síntese do trabalho realizado nas supervisões.
O que trouxeram	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A C. trouxe duas pranchas de alfabeto e uma prancha de números para mostrar ao grupo. Está utilizando esse material com sua aluna. ▪ A 6ª CRE está organizando um centro de estudos e duas das participantes do projeto irão falar sobre CAA. ▪ A M. vai dar aula na Faculdade Cândido Mendes como parte do processo de reciclagem do IHA e vai falar sobre paralisia cerebral, comunicação e expressão.
Professores	A inclusão ofende o professor de turma. Ele quer que o aluno vá para a classe especial. “Porque tenho que ficar com 30+1? Ele pergunta.”.

ANEXO 30 - Tabela 8

Conhecimento inicial dos participantes da supervisão – Etapa 3 - Pré-teste

Comunicação alternativa:	Com certeza	Com dúvida	Não sei	Não marcou
Reconhecer respostas afirmativas e negativas da criança que não tem comunicação oral	54%	23%	8%	15%
Utilização de adaptações para escrita	77%	15%	0%	8%
Utilização de acessórios para facilitar o escrever	15%	54%	15%	15%
Utilização de pranchas de comunicação	54%	38%	0%	8%
Utilização da prancha como auxiliar no trabalho escolar	77%	8%	0%	15%
Adaptação de trabalhos escolares	77%	15%	0%	8%
Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados	92%	0%	0%	8%
Uso de comunicador artesanal em forma de relógio	31%	15%	31%	23%
Uso de acionador	46%	8%	23%	23%
Uso de comunicadores com voz	8%	15%	62%	15%
Uso de máquina elétrica	38%	38%	15%	8%

Acesso ao computador

Reconhecer a criança que pode utilizar o computador como recurso alternativo de escrita	46%	23%	0%	31%
Uso do computador com editor de texto	54%	15%	8%	23%
Uso do computador com <i>software</i> educativo	46%	31%	0%	23%
Uso de adaptações para facilitar o teclado	38%	38%	15%	8%
Uso de colméia no teclado	46%	15%	15%	23%
Uso do computador com teclado expandido	15%	8%	38%	38%
Uso do computador com <i>mouse</i> adaptado	54%	15%	0%	31%
Uso do computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.	31%	38%	8%	23%

Adaptação do material escolar

Identificar as crianças que necessitam de adaptação do material escolar	85%	8%	0%	8%
Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra	38%	54%	0%	8%
Recursos para adaptação de atividades de matemática	62%	31%	0%	8%
Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita	69%	15%	0%	15%
Adaptação de provas	69%	23%	0%	8%
Adaptação curricular	38%	54%	0%	8%
Dar orientações ao professor de turma	77%	15%	0%	8%
Dar orientações aos funcionários da escola	69%	23%	0%	8%

ANEXO 31 - Tabela 9

Utilização dos recursos de TA no Estudo II – Etapa 3 – Pré-teste e Pós-teste

Recursos que teve oportunidade de utilizar	Pré-teste	Pós-teste
• Adaptação de atividades escolares como provas, interpretação de texto e atividades de múltipla escolha.	100%	42%
• Pranchas para facilitar a comunicação	92%	58%
• Pranchas para auxiliar no trabalho escolar	92%	42%
• Símbolos soltos (objetos, fotografias ou símbolos gráficos).	85%	50%
• Letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita da criança com dificuldade motora.	100%	67%
• Comunicador artesanal em forma de relógio	23%	25%
• Acionador com brinquedo adaptado.	38%	25%
• Interruptores de pilha	31%	17%
• Comunicador com voz.	0%	0%
• Máquina elétrica	54%	25%
• Computador com editor de texto.	54%	25%
• Computador com <i>software</i> educativo.	54%	50%
• Adaptações para facilitar o teclar.	62%	17%
• Colméia de acrílico	38%	25%
• Computador com teclado expandido	15%	17%
• Computador com <i>mouse</i> adaptado.	62%	25%
• Computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.	54%	17%

Recurso que teve a oportunidade de confeccionar

• Pranchas para facilitar a comunicação.	85%	83%
• Pranchas para auxiliar o trabalho pedagógico.	100%	92%
• Confeção do comunicador em forma de relógio	38%	58%
• Confeção de acionadores artesanais	31%	58%
• Confeção de interruptores de pilha	23%	67%
• Confeção de jogos.	77%	67%
• Confeção de adaptações de atividades escolares	92%	92%

Anexo 32 - Tabela 10

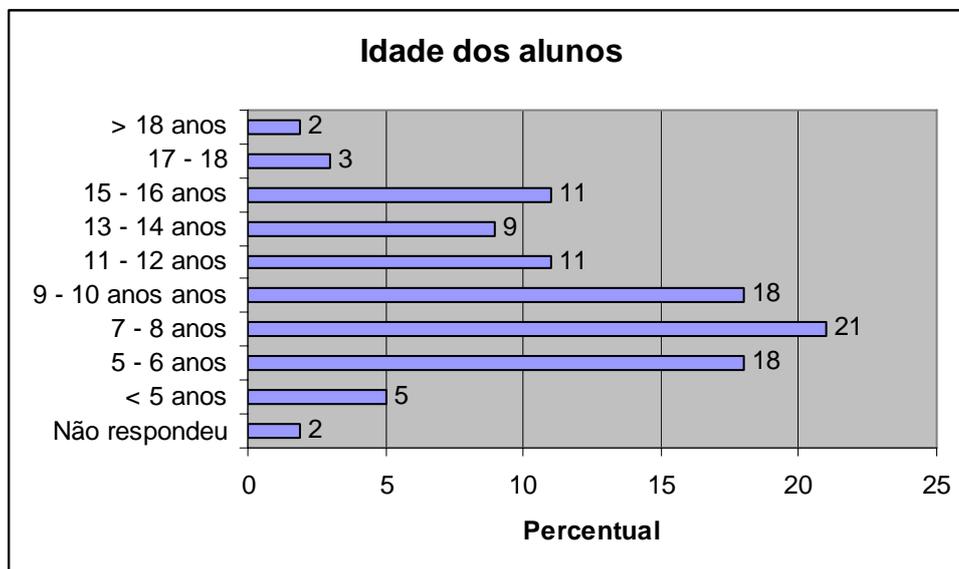
Conhecimento inicial e final dos participantes da supervisão – Pré-teste e Pós-teste

Comunicação alternativa:	Com Certeza PRÉ-TESTE	Com Certeza PÓS-TESTE
Reconhecer respostas afirmativas e negativas da criança que não tem comunicação oral	54%	67%
Utilização de adaptações para escrita	77%	75%
Utilização de acessórios para facilitar o escrever	15%	25%
Utilização de pranchas de comunicação	54%	67%
Utilização da prancha como auxiliar no trabalho escolar	77%	92%
Adaptação de trabalhos escolares	77%	92%
Uso de letras emborrachadas e outros materiais adaptados para facilitar a escrita	92%	92%
Uso de comunicador artesanal em forma de relógio	31%	42%
Uso de acionador	46%	50%
Uso de comunicadores com voz	8%	17%
Uso de máquina elétrica	38%	42%
Acesso ao computador		
Reconhecer a criança que pode utilizar o computador como recurso alternativo de escrita	46%	83%
Uso do computador com editor de texto	54%	67%
Uso do computador com <i>software</i> educativo	46%	67%
Uso de adaptações para facilitar o teclado	38%	25%
Uso de colméia no teclado	46%	58%
Uso do computador com teclado expandido	15%	25%
Uso do computador com <i>mouse</i> adaptado	54%	67%
Uso do computador com <i>softwares</i> especiais para escrita.	31%	67%
Adaptação do material escolar		
Identificar as crianças que necessitam de adaptação do material escolar	85%	92%
Avaliar o estágio de alfabetização que a criança se encontra (pré-silábica, silábica, alfabética, ou fases de transição)	38%	67%
Recursos para adaptação de atividades de matemática	62%	83%
Recursos para adaptação de atividades de leitura e escrita	69%	92%
Adaptação de provas	69%	92%
Adaptação curricular	38%	83%
Dar orientações ao professor de turma	77%	92%
Dar orientações aos funcionários da escola	69%	83%

ANEXO 34 –Figura 1 - Idade dos alunos

Figura 1

Idade dos alunos



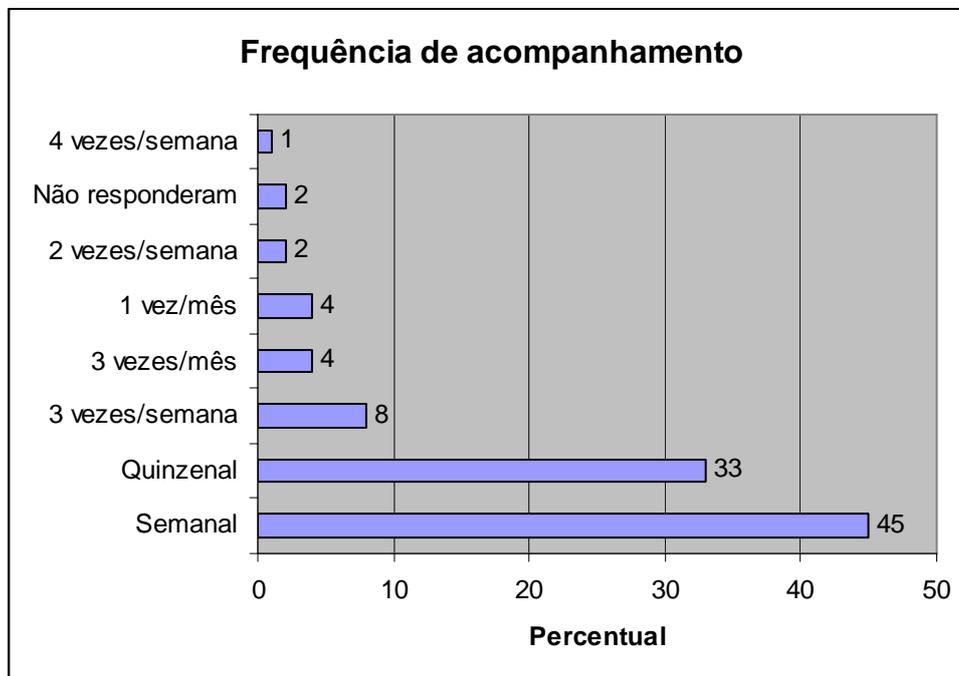
ANEXO 35 – Tabela 11 - Distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais nas séries do Ensino Fundamental

Série	Alunos	Percentual
EI	24	15%
Ciclo não especificado	10	6%
Ciclo inicial	20	12%
Ciclo intermediário	16	10%
Ciclo final	9	6%
Progressão	17	11%
3a série	11	7%
4a série	14	9%
5a série	8	5%
6a série	5	3%
7a série	1	1%
8ª série	2	1%
Classe especial	2	1%
Domiciliar	20	12%
Não responderam	2	1%
Total	161	100%

ANEXO 36 - Figura 2 - Frequência do acompanhamento

Figura 2

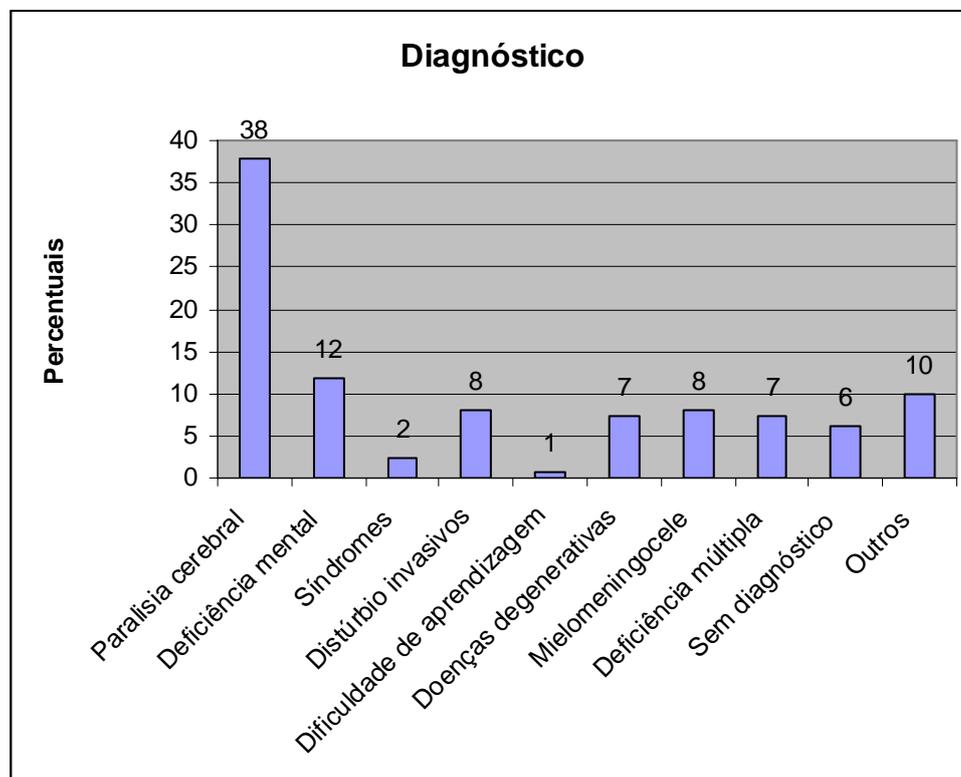
Frequência do acompanhamento



ANEXO 37 - Figura 3 - Diagnóstico dos alunos

Figura 3

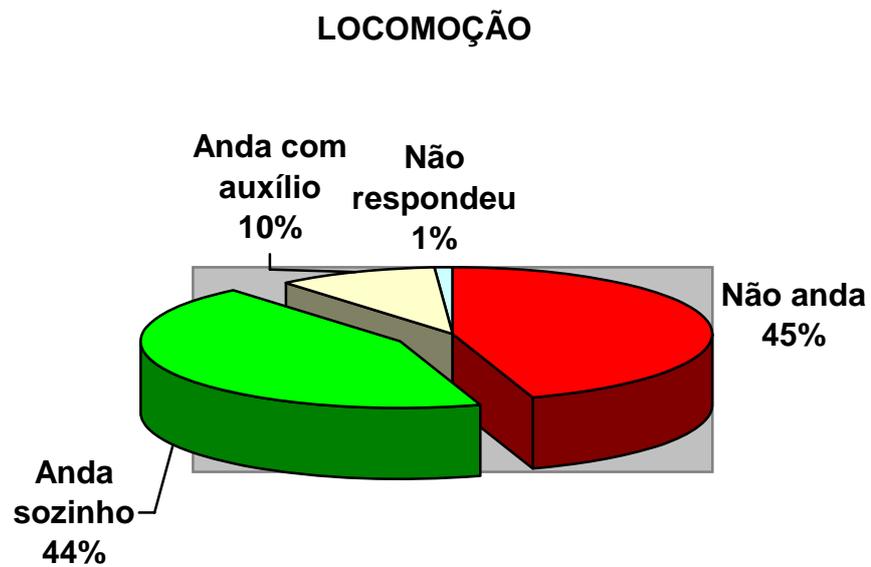
Diagnóstico dos alunos



ANEXO 38 - Figura 4 - Possibilidade de locomoção das crianças incluídas nas escolas do município

Figura 4

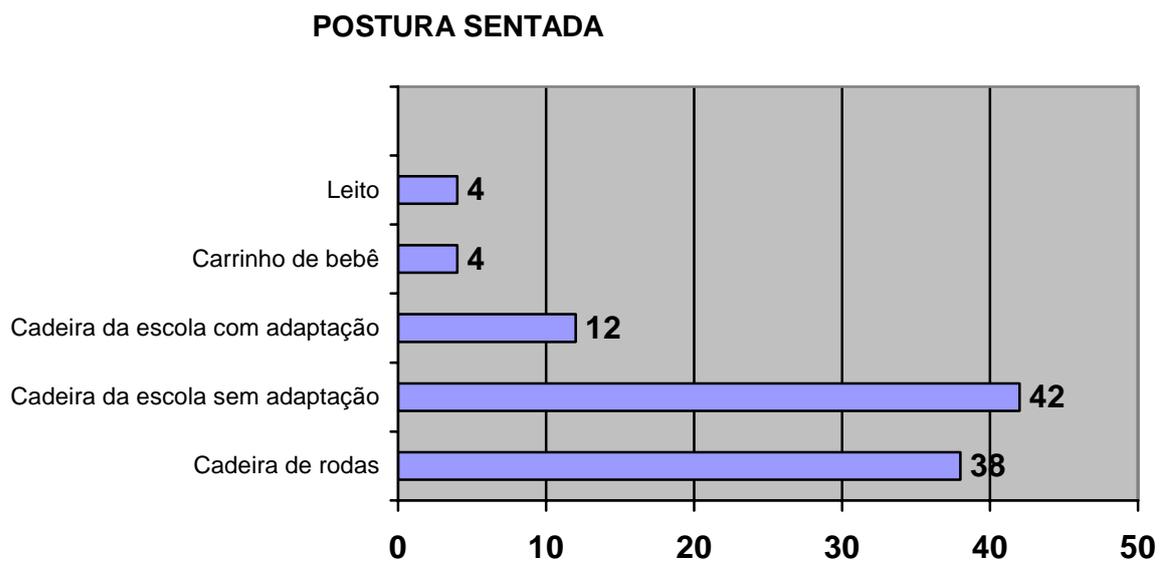
Possibilidade de locomoção das crianças incluídas nas escolas do município



ANEXO 39 - Figura 5 – Manutenção da postura sentada

Figura 5

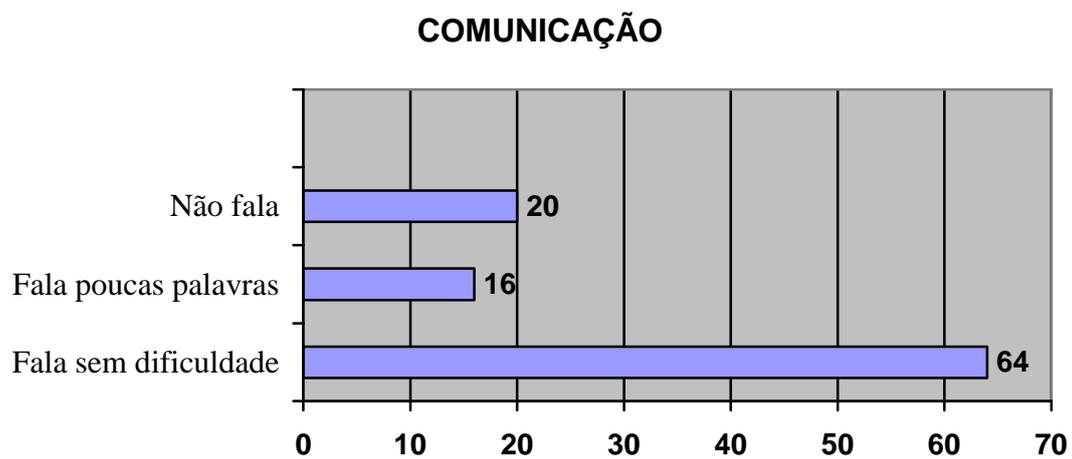
Manutenção da postura sentada



ANEXO 40 - Figura 6 - Possibilidade de comunicação oral

Figura 6

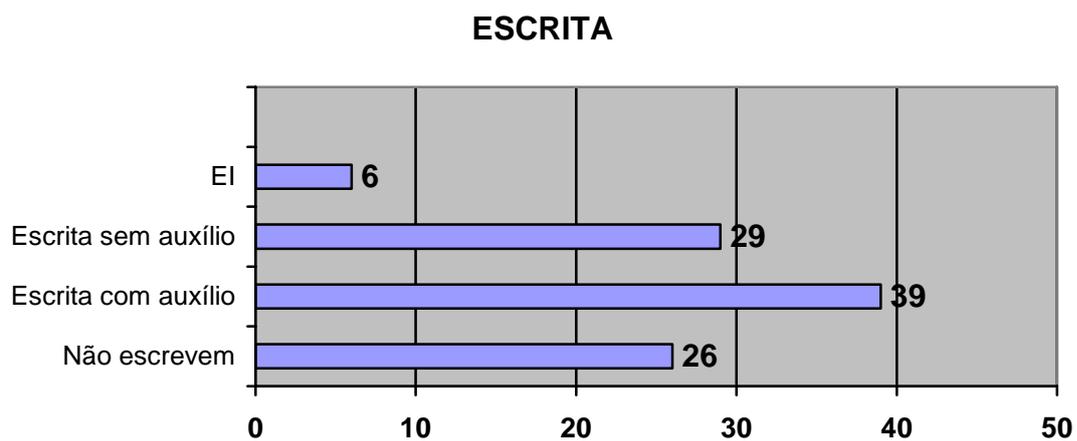
Possibilidade de comunicação oral



ANEXO 41 - Figura 7 - Possibilidade de escrita dos alunos com necessidades educacionais especiais

Figura 7

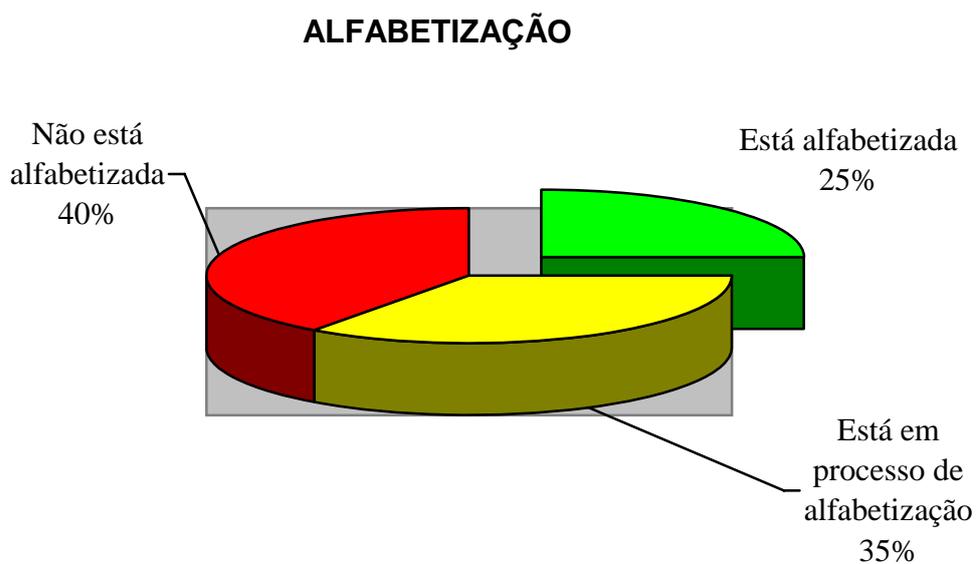
Possibilidade de escrita dos alunos com necessidades educacionais especiais



ANEXO 42 - Figura 8 - Domínio da leitura/escrita dos alunos pesquisados

Figura 8

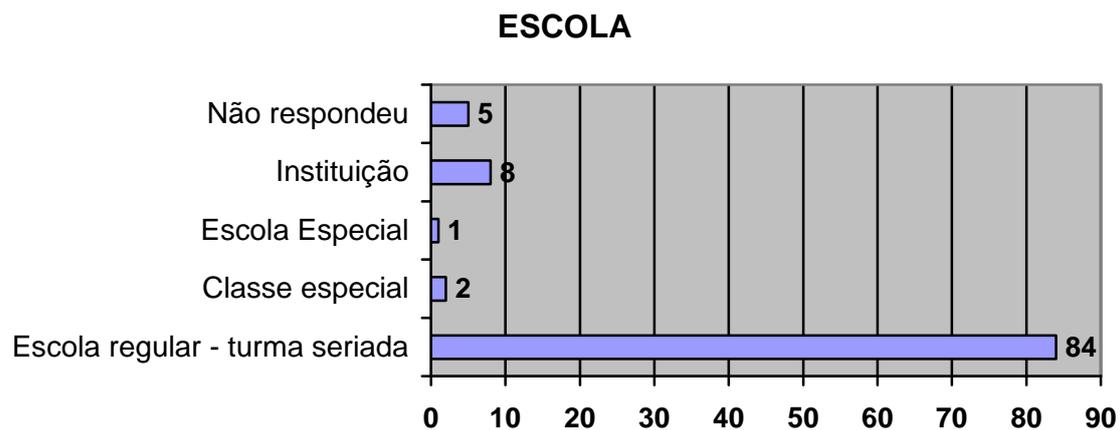
Domínio da leitura/escrita dos alunos pesquisados



ANEXO 43 - Figura 9 - Tipo de escola freqüentada pelos alunos

Figura 9

Tipo de escola freqüentada pelos alunos



Anexo 44 - Tabela 12

Escolas onde os alunos com necessidades especiais estão incluídos

	Escolas	Alunos inseridos
1	Ciep Anton Makarenko	2
2	Ciep Elis Regina	1
3	Ciep Frei Veloso	1
4	Ciep Gilberto Freire	1
5	Ciep Marechal Julio Caetano Horta Barbosa	1
6	Ciep Ministro Gustavo Capanema	1
7	Ciep Oswald de Andrade	2
8	Ciep Posseiro Mário Vaz	1
9	Ciep Thomas Jefferson	1
10	Ciep Vila Kennedy	1
11	Ciep Zumbi dos Palmares	1
12	Classe em Cooperação Domingos Bebiano	1
13	Creche Municipal Gercinda Rosa Fonseca	1
14	Creche Municipal Sebastião Bernardes de Souza Prata	1
15	Creche Municipal Sempre Vida Antares	1
16	EM O'Higgins	2
17	Escola Especial Municipal Ação Cristã Vicente Moretti	1
18	Escola Especial Municipal Doutor Hélio Pellegrino	1
19	Escola Municipal Alfredo de Paula Freitas	1
20	Escola Municipal Alina de Britto	1
21	Escola Municipal Almirante Frontin	1
22	Escola Municipal Alziro Zarur	1
23	Escola Municipal Amapá	2
24	Escola Municipal Andrea Fontes Peixoto	1
25	Escola Municipal Aspirante Carlos Alfredo	2
26	Escola Municipal Astrojildo Pereira	1
27	Escola Municipal Austregésilo de Atayde	5
28	Escola Municipal Azul e Branco	5
29	Escola Municipal Barbara Ottoni	3
30	Escola Municipal Bricio Filho	1
31	Escola Municipal Cardeal Arcoverde	1
32	Escola Municipal Casemiro de Abreu	2
33	Escola Municipal Castro Alves	1
34	Escola Municipal Charles Anderson Weaver	1
35	Escola Municipal Chile	1
36	Escola Municipal Cinco de Julho	1
37	Escola Municipal Claudio Inácio	1
38	Escola Municipal Clovis Berlaqua	4
39	Escola Municipal Coelho Neto	1
40	Escola Municipal Conde Afonso Celso	2
41	Escola Municipal Conselheiro Zacarias de Góis	1
42	Escola Municipal Cornélio Pena	2
43	Escola Municipal Coronel Assunção	1
44	Escola Municipal Dalila Tavares	2

Anexo 44 - Tabela 12

Escolas onde os alunos com necessidades especiais estão incluídos

	Escolas	Alunos inseridos
45	Escola Municipal Delfim Moreira	1
46	Escola Municipal Dom Meinrado	1
47	Escola Municipal Doutor Nelcy Noronha	1
48	Escola Municipal Embaixador Araújo Castro	1
49	Escola Municipal Embaixador João Neves da Fontoura	1
50	Escola Municipal Erico Veríssimo	1
51	Escola Municipal Frei Vicente do Salvador	1
52	Escola Municipal Friedenreich	1
53	Escola Municipal George Sumner	1
54	Escola Municipal Giuseppe Melchiori - Padre José	1
55	Escola Municipal Grandjean de Montigny	1
56	Escola Municipal Guatemala	1
57	Escola Municipal Halfeld	2
58	Escola Municipal Henrique Foréis	1
59	Escola Municipal Iva Gomes Ribeiro	3
60	Escola Municipal João de Deus	1
61	Escola Municipal Jornalista Carlos Castelo Branco	1
62	Escola Municipal Lauro Sodré	1
63	Escola Municipal Lins de Vasconcelos	1
64	Escola Municipal Lúcio de Mendonça	3
65	Escola Municipal Luiz da Câmara Cascudo	1
66	Escola Municipal Manuel de Abreu	2
67	Escola Municipal Maria das Dores Negrão	1
68	Escola Municipal Mário de Andrade	1
69	Escola Municipal Mario Lago	1
70	Escola Municipal Menezes Vieira	1
71	Escola Municipal Milton Campos	1
72	Escola Municipal Nações Unidas	1
73	Escola Municipal Nelson Romero	1
74	Escola Municipal Nestor Victor	1
75	Escola Municipal Norbertina de Souza Gouveia	1
76	Escola Municipal Octavio Tarquinio de Souza	4
77	Escola Municipal Olegário Mariano	1
78	Escola Municipal Panamá	1
79	Escola Municipal Pio XII	1
80	Escola Municipal Presidente Antônio Carlos	1
81	Escola Municipal Presidente Eurico Dutra	1
82	Escola Municipal Presidente Nereu Ramos	1
83	Escola Municipal Professor Afonso Várzea	1
84	Escola Municipal Professor Coqueiro	2
85	Escola Municipal Professor Fábio César Pacífico	1
86	Escola Municipal Professor Floriano de Brito	3
87	Escola Municipal Professor Helton Alvares Veloso de Castro	2
88	Escola Municipal Professor Josué de Castro	3
89	Escola Municipal Professora Marita de Vasconcelos	1
90	Escola Municipal Professora Ormindia Rodrigues	1
91	Escola Municipal Professora Zélia Carolina da Silva Pinho	1
92	Escola Municipal Rachel de Queiroz	3

Anexo 44 - Tabela 12

Escolas onde os alunos com necessidades especiais estão incluídos

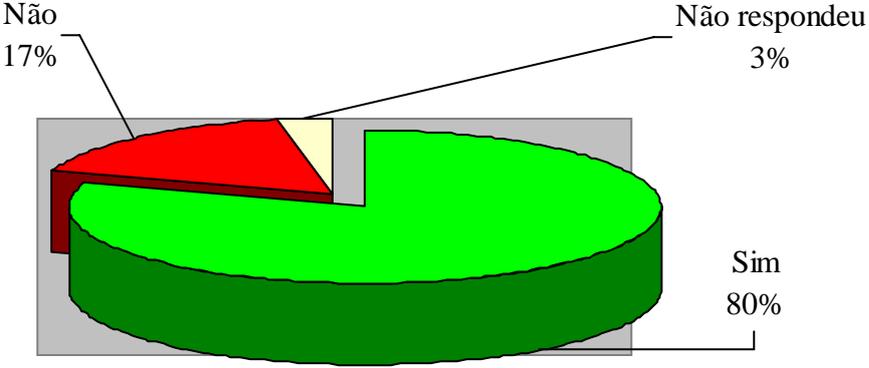
	Escolas	Alunos inseridos
93	Escola Municipal República do Peru	1
94	Escola Municipal Reverendo Martin Luther King	1
95	Escola Municipal Rio Grande do Sul	1
96	Escola Municipal Rocha Pombo	1
97	Escola Municipal Roquete Pinto	1
98	Escola Municipal Santa Isabel	1
99	Escola Municipal Sergipe	3
100	Escola Municipal Tia Ciata	8
101	Escola Municipal Tiradentes	1
102	Lar Maria de Lourdes	13
	Total	162 alunos

ANEXO 45 - Figura 10 - Percentual de escolas com computador

Figura 10

Percentual de escolas com computador

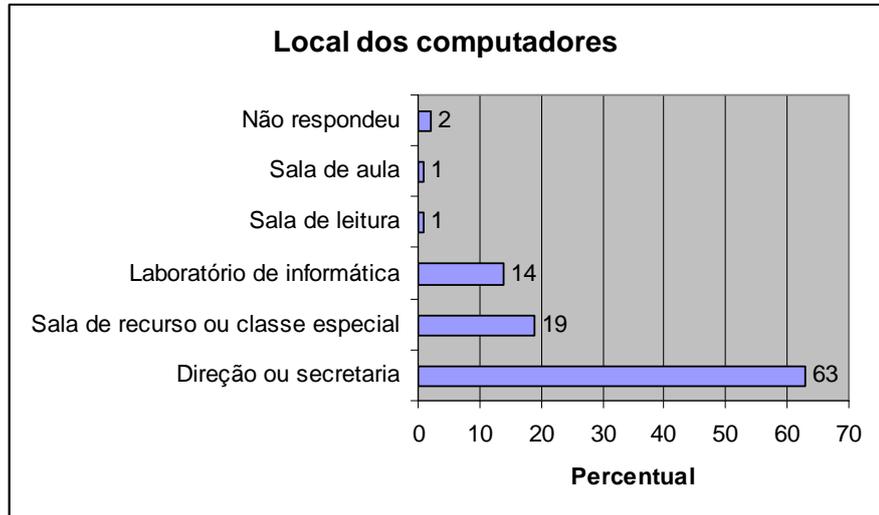
PERCENTUAL DE ESCOLAS COM COMPUTADOR



ANEXO 46 - Figura 11 - Local dos computadores

Figura 11

Local dos computadores



ANEXO 47- Instrumento 11 – Questionário inicial aos professores itinerantes e profissionais da saúde

Aluno: _____ **Data:** _____
Escola: _____ **Série:** _____

Caro participante,

Esse questionário faz parte do projeto de parceria das Secretarias de Educação e Saúde no processo de inclusão escolar. O principal objetivo é auxiliar a todos os envolvidos (professor de turma, professor itinerante, diretor da escola, coordenador pedagógico, professores de aulas complementares, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, o aluno e sua família) a compreenderem as necessidades do aluno participante do projeto.

Obrigada por sua participação,

Miryam Pelosi

Dados do profissional ou familiar:

1. Nome: _____
2. Função que desempenha em relação ao aluno: _____
3. Telefone para contato: _____
4. E-mail: _____

Dados sobre o aluno:

8. Como você descreveria o aluno? _____

9. Como o aluno se comunica? _____

10. O aluno é compreendido pela professora? _____
11. O aluno é compreendido pelos seus colegas? _____
12. O que poderia ser feito para melhorar a comunicação do aluno? _____

13. O aluno escreve? _____
14. Como são feitos os registros do aluno quando ele não é capaz de escrever? _____

15. O que poderia ser feito para melhorar o problema de não escrita desse aluno? _____

16. O aluno é capaz de enxergar o quadro? _____

17. O aluno é capaz de enxergar a letra do livro? _____

18. O aluno usa óculos? Qual o grau? Óculos para perto ou para longe? _____

19. O que poderia ser feito para ajudar o aluno a enxergar melhor? _____

20. Aonde o aluno senta na sala de aula? _____

21. O aluno precisa de cadeira especial para sentar na sala de aula? Como é a cadeira? _____

22. Você considera que o aluno está bem sentado na sala de aula? _____

23. O que poderia ser feito para melhorar sua postura sentada? _____

24. Como o aluno se desloca na escola? _____

25. O que poderia ser feito para melhorar seu deslocamento pela escola? _____

26. Como o aluno participa do recreio? _____

27. Com quem ele brinca? _____

28. Qual o tipo de brincadeira? _____

29. O que poderia ser feito para aumentar sua participação no recreio? _____

Escola:

30. O aluno freqüenta a escola todos os dias da semana e permanece na escola de 7:30 às 11:45? __

31. Porque ele não permanece na escola todo o horário? _____

32. Você considera importante que o aluno freqüente o horário regular da escola? _____

33. Como é a freqüência do aluno na escola? _____

34. Como você poderia resolver o problema de horário escolar e/ou freqüência do aluno? _____

35. O aluno consegue chegar a todos os ambientes da escola com facilidade? _____

36. Quais os locais em que ele não consegue chegar? _____

37. O que poderia ser feito para melhor o acesso do aluno? _____

Participação na sala de aula:

38. Como você descreveria a participação do aluno em sala de aula? _____

39. O que poderia ser feito para melhorar sua participação na sala de aula? _____

40. O aluno copia do quadro? _____

41. O que é anotado no caderno do aluno? _____

42. Quem escreve no caderno ou livro do aluno? _____

43. Os colegas auxiliam o aluno em sala de aula? _____

44. Qual a ajuda que o aluno recebe? _____

45. O aluno tem uma auxiliar na sala? _____

46. Você considera importante que o aluno tenha uma auxiliar? _____

47. O que essa auxiliar poderia fazer para ajudá-lo? _____

48. Em sua opinião o aluno está aprendendo na sala em que está incluído? Justifique sua resposta. _

49. O que poderia melhorar para que ele aprendesse mais? _____

Conteúdo pedagógico:

50. O que vai ser ensinado esse ano? _____

51. Em sua opinião o aluno é capaz de aprender o conteúdo que será ensinado? _____

52. Você acha que a série que ele está é a mais adequada para ele? Justifique sua resposta _____

53. O que você espera para o aluno no ano de 2006? _____

54. O que poderia ser feito para que ele aprendesse mais nesse ano? _____

Avaliação:

55. Como são feitas as avaliações do aluno? _____

56. O que poderia ser feito para melhorar a forma de avaliação do aluno? _____

57. Na sua opinião o que o aluno sabe? _____

58. Marque as opções que melhor descrevem o conhecimento do aluno:

- lê escreve soma subtrai
 multiplica divide interpreta textos

Atendimentos na área da saúde:

59. O aluno faz atendimentos na área da saúde? _____

60. Qual o local de atendimento? _____

61. Quais os atendimentos que realiza? _____

62. O que é feito nos atendimentos? _____

63. Em sua opinião o que ele deveria fazer que não faz nos atendimentos? _____

64. Você acha que os profissionais da saúde podem auxiliar a inclusão? Justifique sua resposta. ____

65. Para finalizar gostaríamos de saber qual a sua opinião sobre a inclusão. Justifique sua resposta.

Obrigada por sua participação!

ANEXO 48 - Instrumento 12 – Questionário inicial aos professores de aulas complementares

Aluno: _____ **Data:** _____
Escola: _____ **Série:** _____

Caro participante,

Esse questionário faz parte do projeto de parceria das Secretarias de Educação e Saúde no processo de inclusão escolar. O principal objetivo é auxiliar a todos os envolvidos (professor de turma, professor itinerante, diretor da escola, coordenador pedagógico, professores de aulas complementares, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, o aluno e sua família) a compreenderem as necessidades do aluno participante do projeto.

Obrigada por sua participação,

Miryam Pelosi

Dados do profissional

1. Nome: _____
2. Função que desempenha em relação ao aluno: _____
3. Telefone para contato: _____
4. E-mail: _____

Dados sobre o aluno:

5. Como você descreveria o aluno? _____

6. Como o aluno se comunica? _____

7. Você compreende o aluno? _____
8. O aluno é compreendido pelos seus colegas? _____
9. O que poderia ser feito para melhorar a comunicação do aluno? _____

10. Como o aluno participa da sua aula? _____

11. O que poderia ser feito para melhorar a participação do aluno? _____

Conteúdo pedagógico:

12. O que vai ser ensinado esse ano? _____

13. O que você espera que o aluno aprenda em 2006? _____

14. Você acha que os profissionais da saúde podem auxiliar a inclusão? Justifique sua resposta. ____

15. Para finalizar gostaríamos de saber qual a sua opinião sobre a inclusão. Justifique sua resposta.

Obrigada por sua participação!

ANEXO 49 - Instrumento 13 – Questionário inicial aos diretores

Aluno: _____ **Data:** _____
Escola: _____ **Série:** _____

Caro participante,

Esse questionário faz parte do projeto de parceria das Secretarias de Educação e Saúde no processo de inclusão escolar. O principal objetivo é auxiliar a todos os envolvidos (professor de turma, professor itinerante, diretor da escola, coordenador pedagógico, professores de aulas complementares, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, o aluno e sua família) a compreenderem as necessidades do aluno participante do projeto.

Obrigada por sua participação,

Miryam Pelosi

Dados do profissional

1. Nome: _____
2. Função que desempenha em relação ao aluno: _____
3. Telefone para contato: _____
4. E-mail: _____

Dados sobre o aluno:

5. Como você descreveria o aluno? _____

6. Como o aluno se comunica? _____

6. Você compreende o aluno? _____
7. O aluno é compreendido pelos seus colegas? _____
8. O que poderia ser feito para melhorar a comunicação do aluno? _____

9. Como o aluno participa das atividades na escola?

10. O que poderia ser feito para melhorar a participação do aluno? _____

ANEXO 50- Instrumento 14 – Entrevista aos familiares e professores de turma

Dados sobre o aluno:

Como você descreveria o aluno?

Como o aluno se comunica?

O que poderia ser feito para melhorar a comunicação do aluno?

O aluno escreve?

O que poderia ser feito para melhorar a escrita do aluno?

O aluno precisa de cadeira especial para sentar na sala de aula? Como é a cadeira?

Como o aluno se desloca na escola?

Como o aluno participa do recreio?

Com quem ele brinca?

Escola:

Qual a sua opinião sobre a escola?

Como é a frequência do aluno na escola?

Participação na sala de aula:

Como você descreveria a participação do aluno em sala de aula?

O aluno escreve? Como?

Na sua opinião o aluno está aprendendo na sala em que está incluído?

Conteúdo pedagógico:

O que vai ser ensinado esse ano?

Na sua opinião o aluno é capaz de aprender o conteúdo que será ensinado?

Atendimentos na área da saúde:

O aluno faz atendimentos na área da saúde? Aonde?

Você acha que os profissionais da saúde podem auxiliar a inclusão?

Anexo 51 – Instrumento 15 – *Follow up*

Projeto:

O que vocês poderiam dizer sobre a parceria da saúde com a educação?

Qual a opinião de vocês em relação aos encontros com o grupão?

O que vocês acharam da frequência dos encontros na escola?

Na sua opinião o aluno do projeto evoluiu? Em quais aspectos?

Saúde:

O fato de vocês virem à escola melhorou o atendimento do aluno?

Quais as vantagens da ação conjunta?

Quais foram os problemas da ação conjunta?

Educação:

A saúde contribuiu para a inclusão do aluno? De que maneira?

Supervisão:

Na sua opinião a participação no grupo de discussão com casos de outras pessoas consiste em um processo de formação em serviço?

Vocês acham que vão conseguir dar continuidade no próximo ano? Como você imagina que isso seja possível?

Como continuar:

Na sua opinião a equipe de apoio deveria continuar? Como isso poderia acontecer

Equipe de apoio?

Vocês acham que a intervenção com o aluno reflete:

Na relação dele com o professor?

Modifica os profissionais da escola?

Modifica sua família?

Modifica seus terapeutas? Reflete nos outros atendimentos que realiza?

É possível mudar a atitude do professor de turma sem uma intervenção dentro da escola?

A equipe de apoio da saúde deveria incluir a TO e a fono ou só um profissional seria suficiente?

ANEXO 52 – Quadro 11 - Calendário do Estudo III

Data / 2006	Dia	Horário	Local	Grupo
08 de março	4ª feira	8:00 às 12:00	Unidade de Saúde 1	Todo o grupo
15 de março	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 1 – Pré-teste	TO/ FONO/ PI
22 de março	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 2 – Pré-teste	TO/ FONO/ PI
29 de março	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 3 – Pré-teste	TO/ FONO/ PI
05 de abril	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 4 – Pré-teste	TO/ FONO/ PI
12 de abril	4ª feira	8:00 às 12:00	Unidade de Saúde 1	Todo o grupo
19 de abril	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 1	TO/ FONO/ PI
26 de abril	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 2	TO/ FONO/ PI
03 de maio	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 3	TO/ FONO/ PI
10 de maio	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 4	TO/ FONO/ PI
17 de maio	4ª feira	8:00 às 12:00	Unidade de Saúde 1	Todo o grupo
24 de maio	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 1	TO/ FONO/ PI
31 de maio	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 2	TO/ FONO/ PI
07 de junho	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 3	TO/ FONO/ PI
14 de junho	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 4	TO/ FONO/ PI
21 de junho	4ª feira	8:00 às 12:00	Centro de Referência da EE	Todo o grupo
28 de junho	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 1	TO/ FONO/ PI
09 de agosto	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 2	TO/ FONO/ PI
16 de agosto	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 3	TO/ FONO/ PI
23 de agosto	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 4	TO/ FONO/ PI
30 de agosto	4ª feira	8:00 às 12:00	Centro de Referência da EE	Todo o grupo
06 de setembro	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 1	TO/ FONO/ PI
13 de setembro	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 2	TO/ FONO/ PI
20 de setembro	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 3	TO/ FONO/ PI
27 de setembro	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 4	TO/ FONO/ PI
04 de outubro	4ª feira	8:00 às 12:00	Centro de Referência da EE	Todo o grupo
11 de outubro	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 1 – Pós-teste	TO/ FONO/ PI
25 de outubro	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 2 – Pós-teste	TO/ FONO/ PI
1 de novembro	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 3 – Pós-teste	TO/ FONO/ PI
8 de novembro	4ª feira	8:00 às 12:00	ESCOLA 4 – Pós-teste	TO/ FONO/ PI
22 de novembro	4ª feira	8:00 às 12:00	Centro de Referência da EE	Todo o grupo

TO – Terapeuta Ocupacional / FONO – Fonoaudióloga / PI – Professor Itinerante / Centro de Referência da EE – Centro de Referência em Educação Especial

ANEXO 53 - Quadro 12 Trabalho desenvolvido com o grupo de supervisão

Data	Proposta	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4
8/03	Apresentação Estudo 3. Síntese dos Estudos 1 e 2.				
12/04	Apresentação dos alunos das quatro escolas com suas características e propostas de intervenção das equipes de apoio.				
17/05	Conversa com o grupo sobre o andamento de cada uma das equipes de apoio e apresentação da evolução do aluno da Escola 2.	Encontro extra entre TO e PI na própria escola para treinar o uso da máquina.	A PI relatou que a mãe está tendo dificuldades com a faixa pélvica.	Equipe de apoio se reuniu na escola sem a pesquisadora Fizeram entrevista com a professora e iniciaram a conversa com a mãe.	Na reunião de equipe só estava a PI. A fono estava passando mal e só ficou no início. Foi feito o relato do trabalho dos outros grupos.
21/06	Conversa com o grupo sobre o andamento de cada uma das equipes de apoio e apresentação da evolução do aluno da Escola 2, 3 e 4.	Liberada a sala de informática. Aluno 1 ficou 3 semanas doente. A tia não entrou na sala para trabalhar como professora de apoio. A PI não fez orientação à tia.	Sugestões do grupo para uso de um plano inclinado ou porta-retrato para colocação do quadro de pilot.	PI pensando em mandar consertar a máquina de escrever da escola. Discussão sobre a condição motora do aluno. Precisa de outra cadeira. A 8ª CRE faz compra de cadeiras.	Sugestões do grupo: apoio de pé de papelão na Oficina Vivencial e fixar no pé da cadeira.
30/08	Síntese do trabalho até esse momento para que a representante da SMS que estava presente pudesse acompanhar o projeto.	A PI trouxe alguns vídeos das atividades desenvolvidas com o aluno na escola envolvendo o uso do apontador de cabeça e apresentou para o grupo. A TO da equipe de apoio voltou a frequentar o grupo e se comprometeu em ir a escola.	A PI foi na SBA com a mãe e conversou com a terapeuta ocupacional que disse já ter feito uma prancha de comunicação para ele em outra ocasião. A fono que está acompanhando o caso é nova. A TO tem o objetivo de dar maior independência nas AVDs e disse sentir dificuldade em dar limite para que ele permaneça na cadeira.	A fono não pode participar porque tinha reunião na unidade de saúde. A PI esteve com a fisiatra do PAM acompanhando a consulta da mãe e de seu aluno. A consulta com a fisiatra foi conseguida pelos profissionais da saúde da equipe de apoio. A consulta que demorou 2 horas e 15 minutos orientou a família para o desenvolvimento da autonomia do aluno.	Esse grupo não tem ido ao grupão em função do dia do encontro. Todos perdem: o grupo porque não acompanham o caso de uma criança na educação infantil e os profissionais que ficam a parte das discussões do grupo. A equipe também não tem mais se encontrado juntas. A TO e a Fono estão se revezando.

Data	Proposta	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4
30/08		<p>A PI, o professor de Artes e a professora de educação física vão acompanhar o Igor no atendimento de fisioterapia para conhecer o trabalho que lê está desenvolvendo lá, receber orientações e passar informações sobre o trabalho dele na escola.</p> <p>A PI esteve na unidade de saúde para solicitar uma vaga no serviço de fono para o aluno, mas não obteve resposta.</p> <p>A PI conversou com sua equipe da educação que sugeriu que o caso fosse levado para Leila Blanco que conversaria com a Sandra Lobo para conseguir uma vaga para o aluno na saúde.</p>	<p>A mãe não leva as faixas para a SBA. A psicóloga caminha com ele.</p> <p>O grupo relatou o uso da prancha de comunicação pela professora de turma. Ele está sendo capaz de descrever uma pessoa para a mãe adivinhar.</p> <p>A professora da sala de recurso disse que já conseguiu se comunicar com ele no primeiro dia.</p> <p>A professora de turma está bem mais tranqüila e o aluno quando fez a descrição dela disse que era uma pessoa que ele gostava muito</p>	<p>A fisiatra disse que não acha possível que ele possa andar sozinho ou mesmo com um andador. Fez um encaminhamento para a Vila Olímpica para fazer natação e alertou a mãe para as “chantagens” que o Pedro faz com ela.</p> <p>A PI trouxe o caderno que a professora de turma está fazendo com ele.</p> <p>Não está mais usando o quadriculado e está fazendo as mesmas atividades que a turma. Iniciou a cópia do cabeçalho através da escrita manuscrita. A coordenadora pedagógica continua trabalhando com ele uma hora por dia e faz as ampliações e adaptações.</p>	<p>A equipe fica enfraquecida mostrando que a dupla funciona bem.</p> <p>A PI parece muito atarefada com outros alunos e está tendo dificuldade em realizar as tarefas que são solicitadas a ela.</p> <p>Podemos pensar que o envolvimento pode estar que a falta de oportunidade de discutir o caso em outros momentos esteja relacionado com isso?</p> <p>A equipe da escola está muito envolvida.</p> <p>Demonstram prazer em nos encontrar e têm trazido tarefas para serem executadas pelo grupo como a adaptação da cadeira de rodas.</p> <p>A conversa com o grupo sobre a dificuldade de todos os professores de educação física ajudou a diminuir a “preocupação”/ “resistência” com a professora de educação física.</p>

Data	Proposta	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4
04/10	<p>Questionário final dos participantes do projeto.</p> <p>Discussão sobre os casos.</p> <p>Sugestões de como dar continuidade ao projeto no próximo ano.</p> <p>Sugestões de propostas para serem encaminhadas a gerente de projetos da SMSaúde.</p>	<p>A TO não foi.</p> <p>A PI, o professor de artes e a professora de educação física foram ao local onde o Igor faz fisioterapia A PI levou um DVD com a filmagem do trabalho do Igor na escola.</p> <p>A professora de turma adaptou atividades para o aluno.</p> <p>A professora do Igor sairá de turma no próximo ano.</p> <p>A PI relatou a percepção de mudança de atitude por parte dele e da família em relação ao envolvimento com a escola.</p> <p>Continuam tentando a fono.</p> <p>A PI conversou com a Vanda e ela disse que não poderiam atendê-lo porque a unidade não possui um ambulatório de voz.</p>	<p>A PI já está de licença para ter bebê. A professora da sala especial da escola próxima a escola do aluno trouxe o material deixado pela PI.</p>	<p>O aluno está afastado por licença médica.</p> <p>A PI disse que ouviu da mãe do aluno: “Eu e o meu marido estamos muito felizes com o resultado do Pedro”.</p> <p>A professora de turma disse que não imaginava que os cinco minutos que a PI havia solicitado para que ela passasse auxiliando o Pedro se transformariam em um tempo maior e que ele produziria tanto.</p>	<p>Não houve o encontro na escola 4 porque a pesquisadora estava doente. O grupo preferiu cancelar o encontro e estão tentando a marcação de nova data. O grupo não se sustenta para reuniões autônomas.</p>

ANEXO 53 - Quadro 12 Trabalho desenvolvido com o grupo de supervisão

Data	Outros temas
8/03	Troca de telefones entre os profissionais da saúde e da educação.
12/04	Algumas professoras procuraram a pesquisadora para relatarem suas questões com os alunos na hora do intervalo. Não ouve tempo para discutir as questões com todo o grupo.
17/05	<p>O grupo trouxe para discussão o problema da inclusão dos alunos com dificuldade motora nas aulas de educação física. Os professores descreveram situações que envolviam o medo de mexer na criança, o professor que só dá recreação, os casos dos alunos que nem saem da sala de aula no momento da educação física. O grupo trouxe o dado de que a educação física é relativamente nova para as turmas de 1ª a 4ª séries.</p> <p>A TO da Unidade de Saúde XX (Ramos) procurou parceria com os PIs em relação a uma criança que está sendo acompanhada em uma escola participante do projeto. A PI que trabalha na escola ofereceu ajuda para contatar a PI que está acompanhando o caso. As profissionais trocaram telefone.</p> <p>Um professor do grupo trouxe a informação de que o programa de reabilitação da FUMLAR pode pegar as crianças em casa e levar até o Posto de Saúde para que a terapeuta adapte a cadeira ou mesmo auxiliar a inclusão de uma criança na escola. A equipe faz esse trabalho itinerante e pode ser contatada no Ciad.</p> <p>O grupo discutiu o fechamento dos Pólos de bebês em algumas regiões por falta de alunos. A saúde desconhece os locais desses Pólos e solicitaram uma lista com os endereços dos mesmos, além das escolas que recebem crianças na educação Infantil. Um componente do grupo que é da equipe sugeriu a confecção de um cartaz explicativo sobre o serviço para ser afixado nos postos de saúde.</p>
21/06	<p>Foram feitas várias sugestões para os casos apresentados. O grupo fez sugestões de adaptação de mobiliário, atividades para o desenvolvimento do processo de escrita, alternativas para aquisição de cadeira de rodas, troca de informações sobre possibilidade de marcação de oftalmologista no Instituto Benjamim Constant e uso de microfone com som para amplificar a voz.</p> <p>Foram discutidos casos de alunos que freqüentam a sala de recurso e que não estão diretamente ligados à pesquisa.</p>
30/08	<p>Discutiu-se a dificuldade de interação entre os serviços de saúde e educação no nível dos profissionais que realizam as ações. Essa discussão foi motivada pelo caso da escola 1.</p> <p>O aluno da escola 1 foi filmado pela equipe do multimeios e uma das integrantes da Oficina Vivencial irá a escola para experimentar um mouse desenvolvido pelo Cefet.</p> <p>Discutiu-se a dificuldade de acesso aos laboratórios de informática para instalação de softwares e disponibilidade de caixas de som e microfones para uso dos softwares com feedback de voz.</p> <p>O grupo da escola 2 trouxe para discussão as dificuldades com a professora de educação física. Disseram: “Na sua frente (se referindo a pesquisadora) é diferente.” A professora não quer retirá-lo da cadeira. Ela já construiu a bola de meia. O problema com a cadeira continua e ele consegue soltar as faixas. O grupo discute que o aluno também quer sair da cadeira, como sai no atendimento da psicologia. A TO da pesquisa aponta para a necessidade do aluno também ter limites.</p> <p>A M., da equipe, disse que existe um projeto de bocha adaptada que será iniciado no município O primeiro passo é tentar levar os alunos para o campeonato de bochas para cadeirantes. O projeto visa ensinar aos professores de educação física como jogar e ensinar seus alunos. A possibilidade da educação física adaptada e a valorização do aluno deficiente como atleta poderia ser um caminho. É um esporte que não exige muito material apenas, para iniciar, uma bola de meia e uma calha de PVC.</p> <p>O grupo trouxe para discussão a construção de pranchas para alunos que estudam de 5ª a 8ª série onde o conteúdo programático é muito maior. Discutiu a necessidade de uma prancha para relatos de assuntos pessoais e uma participante, que é membro de equipe, disse que o que os professores têm feito é um resumo da matéria para o aluno estudar com um questionário associado.</p>

Data	Outros temas
30/08	<p>O grupo discutiu a exceção que os profissionais de saúde estão fazendo ao atender esses alunos que estão na escola. A representante da SMS disse que não há problema das crianças serem atendidas na saúde com mais de 6 anos. Essa nunca foi uma determinação por parte da saúde. Isso acabou acontecendo em função do número de profissionais, da demanda elevada, entre outros fatores.</p> <p>A SMS vai fazer a dispensação de 380 cadeiras. Discutiu-se a criação de um banco de cadeiras, mas a saúde não tem uma oficina para ajustar ou reformar as cadeiras antigas.</p> <p>A 8ª CRE consegue comprar cadeiras e andadores para seus alunos e a indicação é feita pelos profissionais da saúde que acompanham a criança?!?!</p> <p>As escolas especiais da 8ª CRE conseguem fazer consertos de cadeiras. A educação está se organizando para reunir o material que não está em uso em uma das escolas especiais para que possam ser consertados e doados a outros alunos.</p> <p>A ABBR faz doação de andadores e cadeiras de rodas sem adaptação, o que poderia ser uma solução para o aluno da escola 3. A mãe está tentando com um político.</p> <p>Uma das participantes do grupão que não faz parte da equipe de apoio disse que tem uma aluna de 8 anos que não tem cadeira e que chora muito quando sai do colo. Faz atendimento na saúde, não sabia exatamente aonde. A professora trouxe uma série de informações desencontradas e pouco aprofundadas. Esse caso trouxe um problema para ser discutido: quem coordena um caso complexo como esse quando chega a escola? A professora?</p> <p>O grupo discutiu a necessidade de dar um tempo maior ao professor para que ele consiga mudar a sua prática, como aconteceu com a professora do aluno 3.</p>
04/10	<p>A PI da escola 1 relatou a percepção de mudança de atitude por parte dele e da família em relação ao envolvimento com a escola. Nos últimos meses o aluno 1 tem demonstrado muito interesse em ir a escola mesmo nos dias de chuva. A tia pediu a diretora que ele passasse a entrar pelo portão lateral para se abrigar da chuva. A tia disse que no próximo ano estarão mudando a van para que ele possa ampliar o horário da escola.</p> <p>A PI da escola 1 conversou com a Vanda (chefe do infantil?) e ela disse que não poderiam atendê-lo porque a unidade não possui um ambulatório de voz. Indicaram o trabalho de voz em outras unidades como a Estácio de Sá e Matoso. As fonos do grupo opinaram que não é um problema de voz apenas e sim um problema articulatorio porque ele é um PC. A representante da saúde disse que esse trabalho que o aluno 1 necessita é de competência dos Naidis. Os pólos de voz atendem pessoas que só tem problema de voz como os professores e que ele não seria atendido nesses pólos.</p> <p>A pesquisadora perguntou a representante da Secretaria de Saúde como resolver situações como essa. Ela disse que as reclamações devem ser encaminhadas a coordenação de reabilitação e que a gerente de projetos é a Lúcia Lafayette 2242-7700 R. 235. Muitas coisas dependem da gerencia, da coordenação, mas outras dependem apenas das equipes de cada unidade. O que está acontecendo? Existe uma norma de que o SUS só paga a unidade se o atendimento é multidisciplinar e talvez essa seja a razão para ele não estar sendo aceito. “É necessário que as pessoas façam solicitações a saúde porque ela não sabe quais os serviços que necessita ampliar”. “É importante que vocês batam na nossa porta”. A reabilitação para a área da saúde ainda é uma área muito nova. O limite de idade para atendimento das crianças no Naidi nunca foi determinado pela coordenação de reabilitação. A licitação para compra das cadeiras de rodas vai aproximar a saúde da educação. Alguns médicos não conhecem os serviços de saúde. A saúde têm muitos problemas e a educação se reestruturou quando a LBA acabou. A saúde manda as crianças para a escola e a escola tem que mandar as crianças para a educação. O Ciad foi criado com o objetivo que realizar essa integração, mas não funciona. A integração dos serviços envolve o desejo, a vontade, a crença e a intenção política.</p> <p>Uma das profissionais que trabalha nos Naidis disse que o problema é que as Unidades não têm para onde encaminhar as crianças. Não há uma porta de saída. O problema não é que ela não quer atender. Só temos uma Unidade para encaminhar que é o Ciad.</p> <p>Uma outra profissional da saúde disse: no projeto estamos tendo a oportunidade de ver as falhas do sistema de saúde.</p>

Data	Outros temas
	<p>Uma PI disse que essa situação é similar na educação. Os profissionais são muito pressionados, são questões administrativas. Os profissionais têm que investir recursos bom trabalho. Os PIs não recebem os materiais e “têm que compra com dinheiro do seu próprio bolso”.</p> <p>A saúde também se preocupa porque quando os profissionais saem da unidade os pacientes ficam sem atendimento.</p> <p>Os participantes que não acompanham os alunos do projeto trouxeram outros casos com situações semelhantes aos alunos dos projetos para discussão. Uma professora trouxe o caso de uma menina que foi operada em um hospital da rede e que não tem condições de fazer fisioterapia porque mora em uma comunidade onde descer o morro sem uma cadeira de rodas é impossível. O grupo sugeriu que a família procurasse a saúde, a Fumlar ou o Ministério Público.</p> <p>A PI da escola 3 disse que a mãe de um aluno pediu para que ela acompanhasse a família a uma consulta no Sarah porque não sabia perguntar as coisas e não conseguia compreender as respostas. Que papel é esse que o PI está assumindo? A PI do aluno 3 disse que ouviu da mãe do aluno: “Eu e o meu marido estamos muito felizes com o resultado do Pedro”.</p> <p>A professora de turma do aluno 3 disse que não imaginava que os cinco minutos que a PI havia solicitado para que ela passasse auxiliando o aluno 3 se transformariam em um tempo maior e que ele produziria tanto.</p> <p>O que poderia ser levado como sugestão para a gerência da saúde:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A inclusão de uma equipe de reabilitação em cada CAP; • Viabilizar o Projeto de saúde escola, criar um espaço para troca entre os profissionais; • Utilizar os profissionais das unidades que já foram capacitados para novas ações como os terapeutas ocupacionais capacitados para indicar e ajustar cadeiras; • A implementação de uma oficina na saúde para consertos, confecção de assentos, encostos, faixas, órteses, etc. • Os Naidis se tornarem referência nas CREs; • Maior mobilidade no horário dos terapeutas para que eles possam ir as escolas e possam receber os professores itinerantes; <p>Como continuar a ação conjunta da saúde e da educação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grupo de discussão na internet; • Encontros mensais; • A continuidade das ações dos grupos de apoio que já foram formados durante o projeto; • Organização de um Fórum para saber o que avançou em 2007; • Disseminação das informações dentro dos grupos específicos na educação; <p>Maior mobilidade no horário dos terapeutas para que eles possam ir as escolas e possam receber os professores itinerantes</p>